

Esther Mayara Zamboni Rossi

**“SUBINDO A SERRA”:
MIGRAÇÕES, INDÚSTRIA MADEIREIRA E AS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NOS CAMPOS DE
ALTITUDE NO RIO GRANDE DO SUL (1890-1970)**

Dissertação submetido(a) ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de mestre em História.

Orientadora: Prof. Dr. Eunice Sueli Nodari.

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Rossi, Esther Mayara Zamboni

?SUBINDO A SERRA?: : MIGRAÇÕES, INDÚSTRIA MADEIREIRA E
AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NOS CAMPOS DE ALTITUDE NO RIO
GRANDE DO SUL (1890-1970) / Esther Mayara Zamboni Rossi ;
orientadora, Eunice Sueli Nodari - Florianópolis, SC, 2015.
177 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. História Ambiental. 3. Campos de
Altitude. 4. Floresta Ombrófila Mista. 5. Migração. I.
Nodari, Eunice Sueli. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Este trabalho é dedicado à minha
família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPQ pelo apoio durante o período que fui bolsista de iniciação científica na graduação, a CAPES pela bolsa de mestrado concedida, ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSC e aos seus professores e professoras.

A Professora Eunice Sueli Nodari pela oportunidade e acolhida. Obrigada pela paciência e confiança, com a professora aprendi a importância da colaboração e dedicação.

Aos funcionários e funcionárias do departamento de História, dos arquivos e bibliotecas que tive a oportunidade de conhecer, obrigada pela ajuda e por estarem sempre atentos e presentes. Agradeço especialmente ao Museu Municipal, a Câmara de Vereadores, ao Arquivo Municipal em Vacaria. Ao Arquivo Histórico de Antônio Prado, ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul em Porto Alegre e ao Arquivo dos Capuchinhos em Caxias do Sul.

A Ana, Angela, Aline, Gil, Lincon, Luana, Luís, Jeniffer, Maysa, Nilo, Tom, pela amizade nos altos e baixos da vida acadêmica e principalmente fora dos muros da Universidade. Obrigada pelo carinho, sinceridade e compreensão da ausência, estes sentimentos construíram grandes amizades. Que continuemos buscando mais viagens e momentos inesquecíveis.

Aos colegas do Labimha pela convivência e apoio. As conversas, sobre pesquisa ou não, são sempre proveitosas, agradeço a Samira, Alfredo Ricardo, André, Caru, Juliana, Leandro, Marcos Gerhardt, Márcio, Marlon, Marcos Espíndola, Miguel. Em especial ao Professor João Klug por ter me recebido com muito carinho no grupo e sempre estar disposto a ajudar, conviver e inspirar.

Ao Instituto Federal Catarinense Campus Ibirama, por tornar minha primeira experiência profissional especial. Andrade, Cleo, Dimas, Eduardo, Fernando, Gabriela, Priscila, obrigada pela ajuda, pelo apoio, pelas conversas e risadas. A Araceli e Ana Silvia pelo privilégio de construir uma grande amizade baseada na simplicidade, compreensão e aceitação.

As pessoas que são o motivo de estar aqui hoje, a razão que me faz sempre prosseguir: minha família. Aos meus avós e bisavós por despertarem em mim o gosto por velhas histórias e ensinar o respeito ao tempo. Aos meus avós por acompanharem com interesse minhas pesquisas participando, valorizando e compreendendo comigo algumas memórias dos Campos de Cima da Serra. Aos meus pais por simplesmente serem quem são, a cada passo que dou é em vocês que

penso. Obrigada por ensinarem por seus atos a força de viver para “ser” alguém em um mundo mais justo, fraterno e saudável. Aos meus irmãos Alice, Giovana e Maicon, por me impulsionarem sempre a ser uma pessoa melhor, admiro e amo cada pedacinho do que vocês são; que sejamos sempre amigos. Obrigada pela compreensão e ajuda nos momentos mais difíceis, nas madrugadas, no mau humor e na hora da bronca, sem essa ajuda não conseguiria. Aos meus sogros pela confiança e carinho, sempre contem comigo. Ao Micael por ser meu amigo e por dividir comigo esta experiência. Obrigada por não ser somente um porto calmo e seguro mas um companheiro e incentivador. “Longe é um lugar que não existe”.

RESUMO

No Bioma Mata Atlântica, no extremo nordeste do Rio Grande do Sul, está localizada a fitofisionomia de Campos de Altitude. Uma das características específicas desta região são as áreas de contato e intersecção com a Floresta Ombrófila Mista, compondo uma paisagem dicotômica. Esta formação de intersecção entre Floresta e Campo influenciou a ocupação, a economia e a cultura local. A partir de 1890 inicia-se com maior intensidade um fluxo demográfico, saindo da área inicial de colonização Italiana e Alemã na Floresta Ombrófila Mista para sua área limítrofe; os Campos de Altitude. Uma das principais atividades destes e destas migrantes foi a indústria madeireira, baseada na extração da Araucária Angustifolia. Com o esgotamento, na década de 1970, do volume madeirável, pode-se dizer que houve marcadamente uma queda de atração populacional para a região. Com a perspectiva da História Ambiental, busca-se entender as dinâmicas de adaptação e atuação dos(as) migrantes nestas diferentes paisagens. O conjunto de fontes analisadas compreende História Oral, relatórios e mensagens de governo, os censos demográficos, as correspondências municipais, legislação estadual e municipal e iconografia. As memórias desta migração permitem entrever as transformações das paisagens opostas e complementares: o campo e a floresta.

Palavras-chave: História Ambiental, Campos de Altitude, Migração

ABSTRACT

In Mata Atlântica (Atlantic Forest) Biome, in the extreme northeast of the State of Rio Grande do Sul, is situated the phytophysiology of Campos de Altitude. One of the region's specific characteristics is the contact areas and intersection with the Ombrofila Mista Forest, composing a dicotomic landscape. This formation, with the intersection between Forest and Camp, has influenced the occupation, the economy and local culture. From 1890, the demographic flow gets more intense with people shifting from the ancient Italian and German colonization zones in the Ombrofila Mista forest to bordering areas of Campos de Altitude. One of the migrants mainly activities was the wood industry, based on deforestation or extraction of the *Araucaria Angustifolia*. The depauperation of the woods in the 1970's decade induced a decrease of populational attraction to the region. With the Environmental History perspective we try to understand the dynamics of the adaptations and actuations of the migrants in these distinct landscapes. The sources analysed include Oral History, reports and Government messages, demographical census, municipals correspondences, statual and municipal legislation and iconography. The memories of this migration let us perceive the landscape transformations: the Forest and the Field.

Keywords: Environmental History, Campos de Altitude (Altitude Fields), Migration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Campos de Altitude e sua divisão política.	36
Figura 2: Campos De Cima Da Serra – 2008.....	37
Figura 3: Divisão política do Estado Do Rio Grande Do Sul: 1809 e 1900.....	51
Figura 4: Madeireira Gasperin – 1912. Rio Burati/Farroupilha–Rs.....	89
Figura 5: Serraria 1928 – Linha Etelvina/Tapera–Rs.....	91
Figura 6: Transporte de Madeira – 1937.....	94
Figura 7: Madeireira de Pedro Ari Minella em Vacaria – Rio Grande Do Sul, 1940.....	108
Figura 8: Madeireira de Máximo Alfonso Zamban em Vacaria – Rio Grande Do Sul, 1940.....	109
Figura 9: Madeireira De Máximo Alfonso Zamban Em Vacaria – Rio Grande Do Sul, 1940.....	110
Figura 10: Madeireira Itacolomi, Década de 1960.....	112
Figura 11: Madeireira Gasperin, aproximadamente 1960.....	114
Figura 12: Madeireira Itacolumi, década de 1960.....	117
Figura 13: Aproveitamento das toras.	117
Figura 14: Serraria “Tissot” à venda.	120
Figura 15: Transporte De Madeira – Madeireira Itacolumi, Aproximadamente 1950.....	122
Figura 16: Madeireira de João Gasperin; Campo do Meio, Passo Fundo – Rio Grande Do Sul, 1941.....	126
Figura 17: Serraria dos Irmãos Gasperin – Bom Jesus, Rio Grande Do Sul, 1954.....	129
Figura 18: Nilta de Oliveira Tomazim, aproximadamente 1950.....	132
Figura 19: Madeireira Itacolumi, aproximadamente 1950.....	134
Figura 20: Venda de Moinho e Serraria.	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Casamentos de descendentes de italianos na catedral de Vacaria.....	98
Tabela 2: Dados do atlas dos remanescentes florestais dos municípios da Mata Atlântica – Campos de Cima da Serra (em hectares)	155

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	25
2 AS TRANSFORMAÇÕES DA FLORESTA E DOS CAMPOS..	35
2.1 OS CAMPOS DE ALTITUDE	35
2.2 INDÍGENAS, CABOCLOS E COLONOS: CONSTRUINDO PAISAGENS.....	46
2.3 PAISAGENS DESCRITIVAS E DESCRITAS.....	59
3. MIGRAÇÃO E A INDÚSTRIA MADEIREIRA	71
3.1 MIGRAÇÕES E MIGRANTES	71
3.2 MEMÓRIAS E MIGRAÇÕES	79
3.3 A INDÚSTRIA MADEIREIRA NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA.....	103
4. “O PINHEIRO OPEROU MILAGRE DA TRANSFORMAÇÃO”	125
4.1 COTIDIANO E TRABALHO	125
4.2 “O PINHEIRO AINDA FARÁ A MINHA FELICIDADE”	134
4.3 “O TAPÊTE LOURO DO TRIGO MURMURAVA PRECES E CANTAVA HINOS”	149
6. Bibliografia	161

INTRODUÇÃO

No final do século XIX, descendentes de imigrantes italianos(as) e alemães(as) do Rio Grande do Sul, a fim de buscar novas terras para estabelecer seus modos de vida, intensificam o fluxo migratório para outras localidades. A região dos Campos de Altitude, no Rio Grande do Sul, é limítrofe das regiões florestais das Colônias iniciais, deste modo participa do processo migratório. Neste processo muitos fatores podem ser analisados, entre eles as relações entre os diferentes personagens, os migrantes, os lavradores nacionais e os fazendeiros. Analisando suas atividades suas configurações familiares, podemos perceber de que modo se adaptaram ao novo espaço.

Através de dados estatísticos e das iniciativas governamentais de colonização percebemos que, a partir de 1890, inicia-se com maior intensidade um fluxo demográfico com origem nessas colônias em direção ao Planalto. Com o esgotamento, na década de 1970, do volume madeirável, pode-se dizer que houve uma queda da atração populacional para a região. Os fluxos migratórios dirigem-se então para o oeste de Santa Catarina, como é possível perceber pelo avanço da fronteira agrícola na região Amazônica, que até hoje não cessaram. É necessário revisar o processo migratório aqui estudado para entender as redes que se formaram e expandiram se por todo o Brasil, ultrapassando as fronteiras políticas.

No processo migratório, são diversos os atores sociais que se articulam e relacionam-se para além da exploração econômica da natureza. Trata-se de vários personagens; evitando excluí-los, desejando manter a possibilidade de ampliar as observações, problematizarei as seguintes categorias: migrantes, caboclos e estancieiros.

Esta pesquisa está inserida noutra, maior, intitulada *As Florestas com Araucárias no Cone Sul e a alteração das paisagens*, coordenada pela Professora Doutora Eunice Sueli Nodari. O contato com esta temática inicia-se em 2008, quando me tornei integrante do Laboratório de Imigração Migração e História Ambiental – Labimha, na Universidade Federal de Santa Catarina, como bolsista de Iniciação Científica, em diferentes projetos de pesquisa. Entre eles podemos citar o *Araucária Símbolo de uma era*, onde me dediquei à história da devastação e iniciativas de preservação no Oeste de Santa Catarina. Ainda em outros projetos intitulados *A natureza dominada: ocupação e desmatamento no Rio Grande do Sul e no Oeste de Santa Catarina*

(1875-1970) e *Germanias Tropicais: as colônias alemãs e a modelagem antrópica das paisagens em biomas do Brasil e da África*. Nestes trabalhos e durante as inúmeras discussões pelo Laboratório proporcionadas, no contato com a teoria e a prática, este tema foi desenvolvendo-se à medida que estudei as florestas, os imigrantes, a devastação e o desenvolvimento da indústria madeireira através da perspectiva da História Ambiental. É importante lembrar que a pesquisa histórica não é objetiva e neutra; somos influenciados pelo presente, movidos por nossas perspectivas de futuro. Segundo Hobsbawm:

É inevitável que nos situemos no *continuum* de nossa própria existência, da família e do grupo a que pertencemos. É inevitável fazer comparações entre o passado e o presente: é essa a finalidade dos álbuns de fotos de famílias ou filmes domésticos. Não podemos deixar de aprender com isso, pois é o que a *experiência* significa.¹

Meu Trabalho de Conclusão de Curso aliou este aprendizado com a vontade de estudar a história do meu município de origem, Vacaria, no Rio Grande do Sul, tratando da expansão da indústria madeireira a partir de 1930 e seu declínio em 1970. Realizando entrevistas para esta pesquisa tive a oportunidade de conversar com alguns madeireiros da época, os quais hoje dedicam-se à agricultura, mudança que reforça o esgotamento predatório da excessiva retirada de madeiras, tanto as mais nobres quanto as de menor valor agregado.

Diferente do que alguns estudos apontaram a respeito daquelas populações vindas das primeiras colônias, como observei através das entrevistas, muitos desses migrantes instalaram-se nos Campos de Cima da Serra. Estes entrevistados afirmavam-se descendentes de imigrantes italianos, e por diferentes motivos se instalaram na região de Campos em busca não somente da agricultura, mas também pinhais. A hipótese de que os “euro-descendentes” migraram em busca de grandes volumes madeiráveis no Alto Uruguai e nos Campos de Cima da Serra não estava inicialmente presente em minha pesquisa. A partir da observação de que estes migrantes expandiam as fronteiras da colonização, também para região de Campos, busquei realizar um levantamento das pesquisas sobre este processo de migração, que de maneira geral desconsideram os Campos de Altitude e suas particularidades. É necessário salientar que

¹ HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.36.

este tema foi discutido pela historiografia, entretanto são poucas as pesquisas sobre esta região que utilizaram a perspectiva da História Ambiental.

Como veremos, a região dos Campos de Altitude é muitas vezes tratada como um vazio demográfico e um lugar isolado. Pretende-se problematizar estas concepções através da investigação da paisagem, ou seja, perceber como esta é formada, como é transformada e interpretada, descrita e ressignificada.

Esta problemática chamou a atenção pelas rápidas e drásticas transformações ocorridas na fitofisionomia dos Campos de Altitude, com a introdução de espécies exóticas e perda da biodiversidade. Além disto, houve um processo de naturalização da paisagem atual, fazendo-se necessário desnaturalizar estas imagens, percebendo como ela se configurou.

A delimitação da região pesquisada levou em consideração definições ambientais e socioculturais. Os denominados Campos de Altitude têm peculiaridades climáticas de fauna, flora e relevo que se encontram, com algumas diferenças endêmicas, em outros estados brasileiros. No Rio Grande do Sul, como veremos no Capítulo 02, a área com Campos de Altitude compreende: Caxias do Sul, São Francisco de Paula, São Marcos, Bom Jesus, Cambará do Sul, Campestre da Serra, Esmeralda, Ipê, Jaquirana, Monte Alegre dos Campos, Muitos Capões, São José dos Ausentes e Vacaria. Estes municípios são sócio-culturalmente diferentes, configurados por sua composição ambiental e formas de ocupação ao longo do tempo. Sendo assim, a identificação local com os Campos de Altitude e este processo histórico se traduz na denominação Campos de Cima da Serra, que compreende os municípios de Bom Jesus, Cambará do Sul, Campestre da Serra, Caxias do Sul, Esmeralda, Ipê, Jaquirana, Monte Alegre dos Campos, Muitos Capões, São Francisco de Paula, São José dos Ausentes, São Marcos e Vacaria. O processo histórico e o ambiente não são delimitados ao longo do tempo pela denominação Campos de Cima da Serra, mas esta viabiliza a pesquisa à medida que impõe o critério de auto-identificação.

A delimitação temporal de 1890 a 1970 não visa abranger todos os detalhes desse período, mas compreender que as mudanças e construção das paisagens são em certa medida lentas e graduais, porém ao mesmo tempo intensas. O processo migratório das primeiras colônias para novos espaços é mais intenso durante este período, portanto nele encontramos mais registros e relatos.

Ao longo de todo a pesquisa, nos projetos e na dissertação, inúmeros foram os arquivos visitados, dentre os quais podemos citar:

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Museu Hipolyto da Costa, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre; Museu dos Capuchinhos, Arquivo Histórico João Spadari Adami, em Caxias do Sul; Arquivo Regional de Passo Fundo; Museu Municipal de Vacaria, Câmara de Vereadores de Vacaria, Arquivo da Prefeitura Municipal de Vacaria; Arquivo Histórico de Antônio Prado; Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Arquivo Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Os relatórios de Governo de 1830 a 1930 estão digitalizados e disponíveis na internet no *Center for Research Libraries*.

As fontes para desenvolver este trabalho compreendem periódicos, relatórios de governo, iconografia, códigos de posturas, documentos das administrações municipais, documentos referentes às empresas madeireiras, registros paroquiais, censos, livros memorialísticos e história oral. Ao passo que utilizarmos estas fontes suas questões metodológicas serão discutidas.

A análise destas fontes através da perspectiva da História Ambiental possibilita desnaturalizar o ambiente. Entender que:

O conceito de natureza foi forjado num lugar sociocultural, situado historicamente. O que se entende por natureza, e como se lida com ela, são informações produzidas ao longo dos séculos; esforços de compreender o mundo, disputas de discursos pretensamente verdadeiros.²

A História Ambiental, conforme afirma Donald Worster, se propõe ir além do que frequentemente consideramos como personagens da história e entender a própria terra como “um agente, uma presença na história”³. Segundo Pádua, há um momento em que historiadores começam conscientemente a fazer uma História Ambiental. Nos anos 1970, principalmente no meio acadêmico norte-americano, no âmbito da crise ambiental, da luta social e da problematização do tratamento de

² FUNES, Eurípedes. História Ambiental-possibilidades de novos olhares. In __: NODARI, Eunice Sueli; CORREA, Silvio Marcus de Souza orgs. **Migrações e Natureza**. São Leopoldo: Oikos, 2013, p.204.

³ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.4,n.8, 1991.

recursos finitos como ilimitados, a relação entre ambiente e história é enfatizada.⁴

Desde o intenso debate na década de 1970, a História Ambiental marca um espaço importante na sociedade. A primeira sociedade científica voltada para esse tipo de investigação, a American Society for Environmental History, foi criada em 1977. A publicação de análises substantivamente histórico-ambientais, no entanto, algo bem diferente da simples proposição de influências naturais na história humana, já vinha se delineando desde a primeira metade do século XX e, em certa medida, desde o século XIX.⁵ A História das florestas vem sendo contada por diferentes campos científicos; na história tradicionalmente é analisada do ponto de vista econômico:

Uma modalidade de história florestal [que] tem sido escrita na América do Norte e nela a floresta aparece como matéria-prima para o comércio de madeira e nada mais. (...) sua temática, lamentavelmente, limita-se ao manejo de arvoredos desgalhados e podados e de macabras reservas de caça: na verdade, campos de concentração par o mundo natural e não o próprio mundo natural.⁶

São inúmeras as transformações e abordagens percorridas pelos pesquisadores (as) ao longo do tempo e a partir de diferentes pontos de vista. Para além deste ponto de vista a História Ambiental na América Latina está ligada com seu contexto social e político; uma história que inter-relaciona o ambiente com os processos de espoliação, disputa pela terra e luta por direitos.

Uma história crítica da exploração econômica, às vezes movida pela necessidade, mas quase sempre pela ganância irrefreável com pouca ou nenhuma preocupação com a mata – símbolo no Brasil, do atraso, do subdesenvolvimento, do selvagem. Nesta história, a responsabilidade recai sobre muitos camponeses, madeireiros, pecuaristas,

⁴ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. Estudos Avançados. 2010, p.81.

⁵ *Idem.*

⁶ DEAN, Warren. A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.20.

cafeicultores, industriais e o próprio estado-nação.⁷

A História Ambiental despontou junto das preocupações com o meio ambiente no âmbito da luta social e da crise ambiental, na década 1970, no meio acadêmico norte-americano, buscando entender a história a partir do ponto de vista desta geração em que tais temas são urgentes²⁸. Desde o intenso debate na década de 1970, a História Ambiental marca um espaço importante na sociedade. Com isto são inúmeras as transformações e abordagens percorridas pelos pesquisadores (as) ao longo do tempo e a partir de diferentes pontos de vista. Segundo Pádua, há um momento em que historiadores passam a conscientemente fazer uma história a qual passaram a denominar *ambiental*; paralelamente ao aumento das constatações de crise, devido ao tratamento de “recursos” finitos como se não fossem escassos. Se hoje temos esta perspectiva, precisamos olhar novamente o passado e analisar sem anacronismos como a relação com a natureza se modifica e está presente, influenciando nossa história.

Segundo Donald Worster, em três níveis deve fundar-se a pesquisa em História Ambiental; estes três níveis são integrados e devem perpassar todo o estudo. A primeira etapa recorre a interdisciplinaridade, utilizando-se por exemplo da Geografia e Biologia, o que resulta na caracterização do ambiente para entender as características peculiares do espaço estudado: “(...) entendimento da natureza propriamente dita, tal como se organizou e funcionou no passado; incluímos aí tanto os aspectos orgânico, quanto inorgânicos da natureza, inclusive o organismo humano (...)”⁸.

O segundo nível enfoca os instrumentos utilizados neste ambiente, as condições materiais: “Aqui nos preocupamos com ferramentas e trabalho, com as relações sociais que brotam desse trabalho, com os diversos modos que os povos criaram para produzir bens a partir de recursos naturais”⁹. Pode-se perceber que as motivações econômicas do processo de ocupação e ambientação são importantes. O ambiente influencia e é influenciado conforme o modo de sobrevivência de cada grupo ou indivíduo. Segundo Donald Worster não pode-se cair no equívoco de analisar todo um grupo de forma homogênea. Nesta perspectiva o terceiro nível elucida questões referentes às diversidades

⁷ *Ibidem*, p.15.

⁸ WORSTER, Donald. *Op. Cit.* p.5

⁹ *Idem*.

de interação com o ambiente e suas representações: “(...) aquele tipo de interação mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual, no qual percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza”¹⁰. Estes três níveis intercambiáveis auxiliam para que a análise histórica ultrapasse a dicotomia entre as ações humanas e o ambiente.

Como norteador da pesquisa escolhi a metodologia de História Oral; a partir da análise mais específica sobre o processo migratório a presença da voz dos(as) personagens se faz necessária. Estes são: cada entrevista tem sua peculiaridade, e estas fazem parte da análise, por isto ao longo do texto as histórias das pessoas entrevistadas vão se destrinchando. Cada entrevistado na perspectiva qualitativa representa uma família, uma rede de migração com características que as diferenciam e ao mesmo tempo as unem.

As memórias das pessoas que vivenciaram as transformações na paisagem podem ajudar a elucidar como ocorreram estes processos. Quando estudamos a relação de homens/mulheres com a natureza, podemos entender que a História Oral não é um complemento às fontes oficiais, como tradicionalmente era utilizada, mas é sim um objeto de pesquisa. Desta forma, a metodologia da história oral apresenta versões do passado, ou seja, remete à memória. Segundo Portelli:

A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturais sociais e processos históricos, visa aprofundá-las, em essência, por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma.¹¹

A História Oral propicia a descoberta não somente dos múltiplos conhecimentos gerados, mas também o acesso a outras fontes, antes escondidas em acervos pessoais. Muitas vezes as fontes não estão disponíveis nos arquivos e museus, principalmente nas pequenas cidades onde não há uma estrutura ou ainda porque a população não está bem informada das inúmeras formas de doação a um acervo. Muitas fotos são

¹⁰ *Idem.*

¹¹ PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** São Paulo: Projeto História 1997, p.47.

guardadas nos álbuns de família e podem trazer novos enfoques para a pesquisa e as entrevistas. A composição das entrevistas e fotografias analisadas ao longo da pesquisa para esta dissertação é umas das principais contribuições para a região dos Campos de Cima da Serra. Não é apenas resgatar memórias, proporcionar visibilidade a diferentes personagens, mas acalorar a discussão e incentivar novos trabalhos com esta perspectiva neste local.

Foram inúmeros os madeireiros que atuaram neste período na Floresta de Araucária, os entrevistados foram indicados como pessoas conhecidas na região por suas atividades ligadas a indústria madeireira. As entrevistas foram pensadas na modalidade História de Vida, onde poderíamos não só propiciar um registro mais detalhado, mas também entender através destas autobiografias não escritas e pouco mediadas pelas pesquisadoras o alcance da atividade madeireira nas famílias de imigrantes e o lugar deste trabalho na memória. Para isto elaboramos roteiros abertos, segundo Paul Thompson:

O argumento em favor da entrevista livre fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidências que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro subjetivo de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida. Exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe. Assim, quanto menos seu testemunho seja moldado pelas perguntas do entrevistador, melhor.¹²

Trabalhar com história oral e ambiental é antes de tudo perceber que cada memória está intrinsicamente ligada ao cenário em que se passa. Das cores, os cheiros e sabores tudo que passa despercebido e que não é rememorado mas está lá “suportando” os acontecimentos.

O primeiro capítulo, intitulado *As transformações da Floresta e dos Campos*, ressalta os campos de altitude; com o objetivo de compreender os aspectos da interação de diferentes grupos humanos, enfocando de maneira mais específica o processo de ocupação do espaço. A alteração da paisagem é relatada com a contribuição dos indígenas, caboclos e colonos na formação de seus territórios. Para

¹² THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

compreendermos este processo é imprescindível que saibamos conceituar, que paisagem, ao longo do tempo, foi se transformando de uma representação do mundo geográfico (seja naturalista ou abstrato), para as representações da imaginação e dos ideais.

A abordagem dada à migração e à indústria madeireira é feita incisivamente no capítulo dois, intitulado *Migração e a Indústria Madeireira*, que busca visualizar as redes complexas do processo migratório que envolve múltiplas variáveis. O objetivo deste capítulo é utilizar-se da revisão de alguns autores que estudaram o processo de migração para ampliar o pensar da história nestes processos. As entrevistas vão realizando uma tessitura narrativa, onde a memória, é capaz de mostrar fragmentos de paisagens, de um modo de ser, pensar, construir, sonhar. Nesta perspectiva, se evidencia a formação da indústria madeireira nos Campos de Cima da Serra.

A finalidade do terceiro capítulo intitulado *O Pinheiro Operou Milagre Da Transformação* é apresentar, pelas narrativas, o cotidiano do trabalho das madeiras, desde o processo de extração até a comercialização, bem como as representações e significações construídas nos embates sociais e culturais.

Na região é comum a utilização do ditado “subindo a serra”, referindo-se à viagem até os Campos de Cima da Serra. Inúmeros foram os personagens que realizaram esta “viagem”, por diferentes motivos e objetivos. O processo de migração é perpassado por matizes sociais, culturais e econômicas. Estas relações de conflito e colaboração são mediadas pela paisagem, assim como a paisagem é por estas relações modificada.

2 AS TRANSFORMAÇÕES DA FLORESTA E DOS CAMPOS

2.1 OS CAMPOS DE ALTITUDE

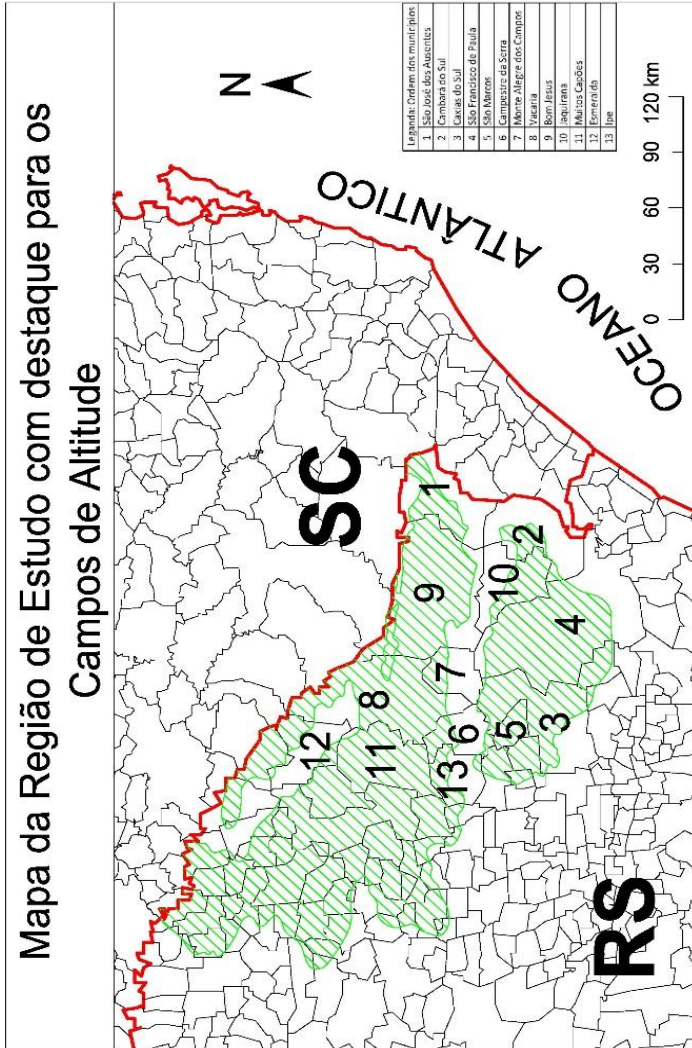
A migração nem sempre obedece os limites políticos e fitofisionômicos para estabelecer suas redes. O foco deste estudo está nos Campos de Altitude, visando compreender os aspectos da interação de diferentes grupos humanos e especificamente do processo de migração com este ambiente específico. Esta característica fitofisionômica, como veremos, não está presente na totalidade da região estudada, mas proporcionou identificação social, cultural e econômica. Sendo assim, compõem os chamados *Campos de Cima da Serra*, uma denominação cultural, geográfica e política. A região foco do estudo compreende o extremo nordeste do Rio Grande do Sul.¹³ A ênfase nesta delimitação política no citado estado não restringe uma ampliação da análise, afinal a História Ambiental leva em consideração essa unidade física para além das suas fronteiras políticas, porém sem negligenciá-las.

A necessidade de delimitação da área é importante não só para um melhor entendimento das suas características físicas, culturais, econômicas e políticas; mas também pelas próprias especificidades da pesquisa histórica. A carência de abranger áreas sempre maiores é grande, todavia para um resultado mínimamente satisfatório é necessária uma delimitação que possibilite a interação entre aspectos micro e macro. A História Ambiental, ao meu ver, exige ainda o tocar, sentir, indo além das fontes escritas e experimentar o ambiente selecionado na pesquisa.

Seguindo a delimitação dada por Ilsi Iob Boldrini no livro por ela organizado sobre os Campos de Altitude, os municípios que atualmente fazem parte dos Campos de Cima da Serra no Rio Grande do Sul são: Bom Jesus, Cambará do Sul, Campestre da Serra, Caxias do Sul, Esmeralda, Ipê, Jaquirana, Monte Alegre dos Campos, Muitos Capões, São Francisco de Paula, São José dos Ausentes, São Marcos e Vacaria. Na figura 01 podemos observar, na cor verde, estes municípios que possuem áreas maiores de Campos de Altitude e outros com incidência menor de Campos de Altitude.

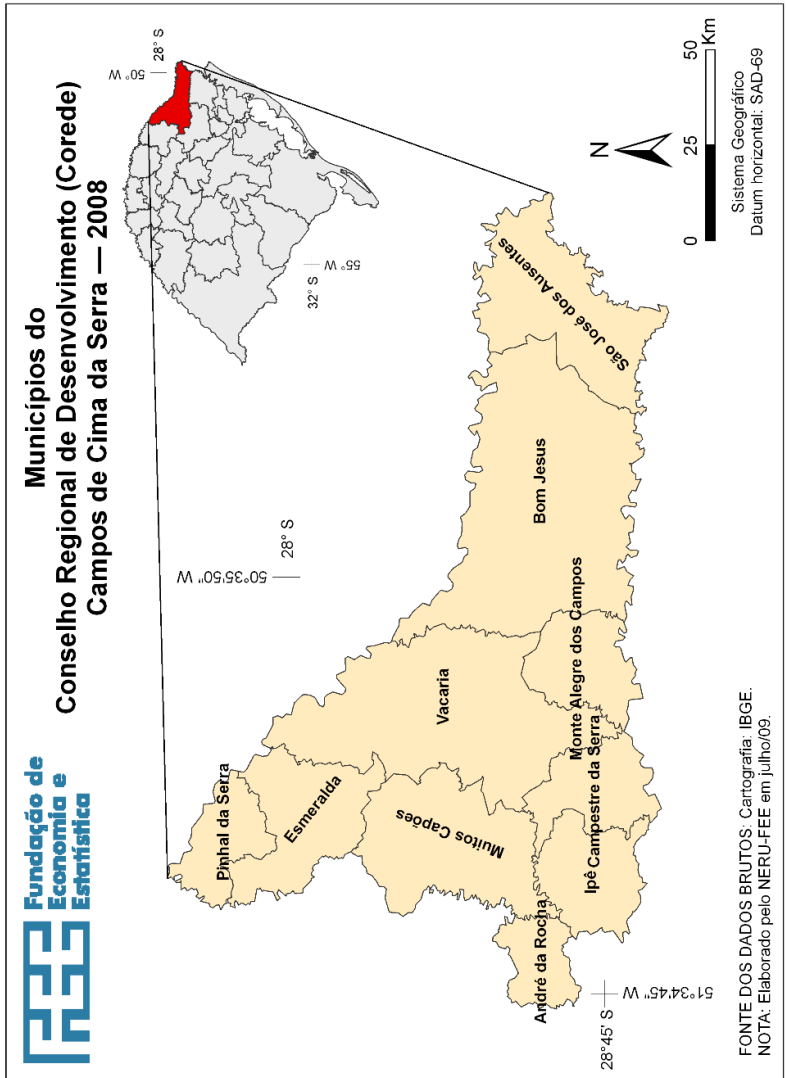
¹³ BOLDRINI, Ilsi Iob (orgs). **Biodiversidade dos campos do planalto das araucárias**. Brasília: MMA, 2009, p.21.

Figura 1: Campos de Altitude e sua divisão Política.



FONTE: BRUNO, Lincon. Mapa da Região de Estudo com destaque para os Campos de Cima da Serra. 2013. Baseado em: BOLDRINI, Ilse Iob (orgs). **Biodiversidade dos campos do planalto das araucárias.** Brasília: MMA, 2009

FIGURA 2: Campos de Cima da Serra – 2008



FONTE: Fundação de economia e estatística. Disponível em:
<http://www2.al.rs.gov.br/forumdemocratico/LinkClick.aspx?fileticket=hymRfT-3Yu4%3D&tabid=5363&mid=7972>.

A diferença entre a região delimitada pelos aspectos políticos e de auto-identificação na Figura 02, e a delimitação fitofisionômica na Figura 01, está nos municípios de Jaquirana, Caxias do Sul, São Francisco de Paula e São Marcos. Optamos focar na região dos Campos de Cima da Serra que, como veremos no seu processo de ocupação e em seus aspectos físicos, se relacionam; enquanto Caxias do Sul, por exemplo, está historicamente, geograficamente e politicamente mais ligada a região de imigração italiana.

Compreender os aspectos físicos deste ambiente é necessário para conseguirmos vislumbrar como suas características sempre são dinâmicas, utilizando-se da interdisciplinaridade intrínseca à História Ambiental.

Em sua área original a Mata Atlântica cobria 15% do território nacional – cerca de 1.306.421 Km² ¹⁴ –, sendo que atualmente sua área está reduzida para 7,8%, ou seja 102.000 Km². Mesmo assim estima-se que abrigue 20 mil espécies de plantas, sendo que 8 mil são endêmicas, por exemplo. Assim, é importante salientar que a Floresta exuberante descrita por muitos viajantes, hoje denominada de Bioma Mata Atlântica, está extremamente fragmentada; ainda assim sua biodiversidade em suas diferentes fitofisionomias com estados sucessionais mais ou menos avançados é uma das mais altas do mundo¹⁵. Como salienta Warren Dean: “Assim talvez seja impossível representar a Mata Atlântica, exceto mediante sua analogia com a Floresta Amazônica ou reconstituição especulativa com base em extrapolações das faixas remanescentes ainda encontradas.”¹⁶

Na era Paleozóica, entre 542 e 251 milhões de anos, plantas traqueófitas e capazes de fotossíntese adentraram da costa para o interior formando solos. Especificamente no período Carbonífero, de 359,2 a 299 milhões de anos atrás, algumas das plantas que se bifurcavam pelo solo desenvolveram um estame e posteriormente um tronco escapando dos predadores animais e se destacando da competição por luz solar no nível do solo. Estavam nascendo as primeiras florestas, os indivíduos agora não se reproduziam mais com a disseminação da raiz. Na era mesozóica, entre 251 milhões e 65,5 milhões de anos atrás, no **Período Jurássico**, os atuais continentes sul-americano e africano se

¹⁴ CAMPANILI, Maura; PROCHNOW, Miriam (organizadoras). **Mata Atlântica – uma rede pela floresta**. Brasília: RMA, 2006.p.18.

¹⁵ CAMPANILI, Maura; PROCHNOW, Miriam (organizadoras). *Op. Cit.* p. 18.

¹⁶ DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.31.

despreendem e inúmeras inovações importantíssimas acontecem, entre elas as angiospermas¹⁷. O novo continente sul-americano que despreendeu-se da Antártida, praticamente isolado, proporcionou o surgimento de espécies particulares, sendo que “Por 50 milhões de anos, as formas de vida da Mata Atlântica evoluíram localmente, sem sofrer transtornos geológicos adicionais”¹⁸.

Como salienta José Augusto Pádua, “Bem antes da chegada dos europeus, portanto, o meio ambiente dessas regiões já era ao mesmo tempo uma construção natural e cultural.”¹⁹ As populações indígenas que habitavam o que hoje chamamos de Brasil já tinham modos de diferenciar e nomear as peculiaridades do meio ambiente. Muitas vezes, a cultura indígena foi contra os interesses dos colonizadores. A cultura colonial estava mais preocupada em inventariar espécies isoladas que trouxessem ganhos econômicos,²⁰ no início do século XIX, do que fazer uma análise com amplitude espacial sobre a natureza. O viajante naturalista Carl Von Martius foi um dos primeiros a perceber a natureza do país com dimensões continentais com suas diferenciações. Elaborou em 1850 o primeiro mapa fitogeográfico do Brasil, próximo ao que hoje chamamos de biomas.²¹

Somente na segunda metade do século XX, novas divisões do território brasileiro fitogeograficamente foram empreendidas, segundo José Augusto Pádua, principalmente nos estudos de Carlos Toledo Rizzini e Afrânio Fernandes²². Em 2004 o IBGE e o Ministério do Meio Ambiente lançaram o Mapa dos Biomas Brasileiros²³. Esta delimitação não está livre de alguns questionamentos, mas traz a possibilidade de agregação e identificação com a população, proporcionando um avanço para a educação ambiental no Brasil. Além disto “esta abertura conceitual permite introduzir elementos sociais e humanos na

¹⁷ Para ver mais sobre a característica de cada era geológica ver em Serviço Geológico do Brasil. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1094&sid=129>.

¹⁸ DEAN, Warren. *Op. Cit.* p.35.

¹⁹ PÁDUA, José Augusto de (org.). **Desenvolvimento, justiça e meio ambiente**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Petrópolis, 2009, p.118.

²⁰ PÁDUA, José Augusto de (org.). *Op. Cit.* p.119.

²¹ PÁDUA, José Augusto de (org.). *Op. Cit.* p.120.

²² *Idem*.

²³ *Ibidem*. p.121.

compreensão geográfica do que sejam os biomas brasileiros, captando também sua identidade em termos de ocupação social e vida cultural”²⁴.

A Constituição Federal de 1988 elevou à condição de Patrimônio Nacional a Mata Atlântica. Esforços foram feitos para abarcar toda sua diversidade, levando em consideração não só as Florestas contínuas como a Ombrófila Densa, mas também as áreas de contato e transição entre diferentes fitofisionomias. Legalmente a Mata Atlântica ficou definida pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) em 1992 e pelo decreto presidencial nº 750 de 1993 ²⁵.

Alguns mapas que retratam a área original, antes do intenso processo de colonização da Mata Atlântica, tratam a área de Campos de Altitude como estepe ou área de contato, dando ênfase a uma característica vegetacional. A escolha pelo termo Campos de Altitude pretende abranger além das características vegetacionais, avançando para questões ligadas a dinâmica e complexidade que envolve inúmeros ecossistemas. A escolha também é baseada na legislação citada acima, em que Campos de Altitude está com letra maiúscula, ocorre para diferenciar de *campo*, que pode exprimir múltiplos sentidos.

A fitofisionomia de Campos de Altitude está inserida no Bioma²⁶ Mata Atlântica, sendo que representa 1.374.000 (7.9%) dos 10,8 milhões de hectares que os Campos ocupam nos dois estados. As fitofisionomias são “a primeira impressão causada pela vegetação”²⁷. O

²⁴ PÁDUA, José Augusto de (org.). *Op. Cit.* p.123.

²⁵ CAMPANILI, Maura; PROCHNOW, Miriam (organizadoras). *Op. Cit.* p.20.

²⁶ (...)uma comunidade biológica, ou seja, fauna e flora e suas interações entre si e com o solo, água e ar. Um bioma pode ter uma ou mais vegetações predominantes. É influenciado pelo macroclima, tipo de solo, condição do substrato e outros fatores físicos, não havendo barreiras geográficas; ou seja, independente do continente, há semelhanças das paisagens, apesar de poderem ter diferentes animais e plantas. O Brasil possui sete biomas-Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Caatinga, Pampa (Campos Sulinos), Pantanal e Zona Costeira e Marinha. Convenção sobre Diversidade Biológica. Glossário. Acessado em fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.cdb.gov.br/glossario/glossario.rtf/viewhttp://www.cdb.gov.br/glossario/glossario.rtf/view>

²⁷ Convenção sobre Diversidade Biológica. Glossário. Acessado em fevereiro de 2012; Disponível em: <http://www.cdb.gov.br/glossario/glossario.rtf/viewhttp://www.cdb.gov.br/glossario/glossario.rtf/view>

Bioma Pampa é formado predominantemente por Campos e ocupa 63% do Estado do Rio Grande do Sul.²⁸

Segundo estudos de Behling, há cerca de 18 a 24 mil anos um período frio e seco proporcionou a ocorrência dos Campos no Planalto Meridional,²⁹ sendo “relictos do clima frio e seco dominante ao final do Pleistoceno e do clima seco e quente que predominou no início do Holoceno”³⁰. Através de estudos palinológicos configurou-se uma expansão da Mata de Araucária no curso de rios, formando matas de galerias que avançaram com maior intensidade pela região há cerca de 1500 anos cal AP³¹ com um clima mais úmido³². Tendo em vista que a Floresta não cobriu completamente os Campos, provavelmente seu processo de expansão foi lento e gradual. Apenas em 1.100 AP é que os campos deixam de ser predominantes, esta expansão pode ter sido ocasionada pela ocupação humana na região.³³ Alguns teóricos como Klein e Rambo acreditam que o processo de expansão da Mata foi interrompido pelo avanço da ocupação no século XVI.³⁴

A dicotomia entre Campo e Floresta foi ressaltada por muitos naturalistas e pesquisadores, principalmente porque o clima da região não era considerado “ideal” para o desenvolvimento dos Campos, e sim para o crescimento da Floresta.³⁵ Podemos apontar alguns autores, como Lindman, Rambo, Klein, Pillar & Quadros³⁶. Pillar salienta que a explicação pode estar no fogo e pastejo, este último desde 8000 AP, quando grandes mamíferos foram extintos e com a introdução do gado

²⁸Ministério do Meio Ambiente. Folder Pampa - Conhecimentos e Descobertas. Acessado em março de 2015; Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>.

²⁹ BOLDRINI, Ilse Iob (orgs). *Op. Cit.* p.21.

³⁰ *Idem.*

³¹ “AP: “Antes do presente”. O “presente” é na verdade o ano de 1950, que é a referência de tempo utilizada nas datações por radiocarbono. Idade calibrada usando cronologias de anéis anuais de crescimento de árvores.” PILLAR, Valério de Patta. **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA, 2009. p.17.

³² *Idem.*

³³ PILLAR, V. P. Dinâmica da expansão florestal em mosaicos de floresta e campos no sul do Brasil. In__: Claudino-Sales, V. (Org.) **Ecosistemas Brasileiros: Manejo e Conservação**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2003. p.1.

³⁴ *Idem.*

³⁵ PILLAR, V. P. *Op. Cit.* p.1.

³⁶ *Idem.*

pelos jesuítas no século XVIII.³⁷ Quanto ao fogo, estudos com amostras de partículas de carvão de Cambará do Sul indicam que passou a ser mais frequente em torno de 7000 AP. Possivelmente estes fatores estão relacionados com a ocupação humana e um aumento da biomassa inflamável, resultado de um clima mais estacional. Esse aumento da inflamabilidade está ligado às condições do solo e à luminosidade, segundo esta perspectiva, a Floresta funcionaria como um escudo contra o fogo.³⁸ O fogo pode ter sido de fundamental importância para a manutenção dessa paisagem. O fogo e o pastejo estão inter-relacionados, como salienta Pillar:

Os níveis de inflamabilidade estão também relacionados ao regime de pastejo. A intensidade do pastejo deve ter aumentado após a introdução do gado doméstico no século XVII, resultando em redução do número de áreas com acúmulo suficiente de biomassa para queimadas extensas e intensas. Poder-se-ia imaginar que com isso a expansão florestal teria sido facilitada. No entanto, este efeito deve ter sido compensado pelo fato de queimadas terem provavelmente se tornado mais frequentes, como uma ferramenta no manejo das pastagens. Também, o efeito direto do gado impedindo o estabelecimento e desenvolvimento de plântulas de espécies florestais não deve ser subestimado.³⁹

Os Campos estão presentes nos três Estados do Sul do Brasil, a maior parte encontra-se acima de 500 metros chegando em alguns casos a 1.800 metros de altitude. A vegetação é característica destes relevos montano (entre 500 e 1.500 metros) e alto-montano (acima de 1.500 metros)⁴⁰.

Os Campos de Altitude também são chamados de Campos de Cima da Serra pela classificação Fisiográfica e estão inseridos na Unidade Geomorfológica Planalto dos Campos Gerais⁴¹. No Juro-Cretáceo, entre 120 milhões e 135 milhões de anos, derrames contínuos

³⁷ *Ibidem*. p.2.

³⁸ PILLAR, V. P. *Op. Cit.* p.2.

³⁹ PILLAR, V. P. *Op. Cit.* p. 3.

⁴⁰ BOLDRINI, Ilse Job (orgs). *Op. Cit.* p.10.

⁴¹ *Ibidem*. p.21.

de lavas da formação da Serra Geral ocasionaram as rochas efusivas características da região⁴². Sendo assim este Planalto tem o relevo:

(...)desenvolvido predominantemente sobre as formações vulcânicas ácidas é marcado por colinas de pequena amplitude separadas por vales alargados por sucessivas etapas de dissecação que deixaram rupturas de declive e pequenos desníveis, constituindo-se num plano retocado, desnudado, truncando rochas sãs ou pouco alteradas.⁴³

O clima pode ser classificado como Temperado Úmido, sendo que a temperatura média anual está entre os 14° e 16°C. A vegetação apresenta uma grande biodiversidade, podemos citar:

Freqüentemente os campos são diferenciados em *campo limpo*, onde prevalecem gramíneas (Poaceae) e ciperáceas, assim como muitas espécies herbáceas pertencentes a várias famílias botânicas (veja Capítulo 2); e *campo sujo*, onde além das gramíneas e herbáceas baixas ocorrem arbustos, principalmente da família Asteraceae (*Baccharis gaudichaudiana*, *B. uncinella*), e gravatás (*Eryngium* spp.; Apiaceae).⁴⁴

A avifauna, conjunto de aves, apresenta semelhanças com outros biomas abertos da América do Sul, assim como algumas espécies encontradas no Bioma Pampa. A biodiversidade e o endemismo também são relevantes com muitas espécies em perigo de extinção; uma delas é a *Sporophila*⁴⁵, aves migratórias para a região no verão⁴⁶. A paisagem de Mosaico com campo, floresta e banhados proporciona esta biodiversidade, sendo que 50% da avifauna do Rio Grande do Sul encontra-se nessa região, e 45% no caso de Santa Catarina. Pode-se citar

⁴² BOLDRINI, Ilse Iob (orgs). *Op. Cit.* p.21.

⁴³ Geomorfologia de São Francisco de Paula. Disponível em:

http://www.portalprosinos.com.br/altas/conteudo_saofrancisco.php?id=geociencias_saofrancisco. Acessado dia 22 de outubro de 2013.

⁴⁴ PILLAR, Valério de Patta. *Op. Cit.* 2009.p.15.

⁴⁵ BOLDRINI, Ilse Iob (orgs). *Op. Cit.* p.10.

⁴⁶ *Idem*.

algumas espécies endêmicas ameaçadas de extinção como a *Xolmis dominicanus* (noivinha-de-rabo-preto), *Anthus nattereri* (caminheiro-grande), *Amazona pretrei* (papagaio-charão) e *Cinclodes pabsti* (pedreiro), estas duas últimas presentes do sul do Brasil e a *Theristicus caudatus* (curucaca ou curicaca).⁴⁷

Em relação a ictiofauna, a população de peixes, foram poucas as pesquisas que se dedicaram a estudar esta mesma região. No entanto, existem dados que apontam que a Bacia do rio Jacuí com as sub-bacias dos rios Caí e Taquari-Antas, a Bacia do Rio Uruguai com as sub-bacias dos rios Canoas e Pelotas, proporcionam um ambiente de muita biodiversidade. Recentes estudos apontam no mínimo 80 espécies de peixes, a maioria das espécies nos rios Pelotas e Canoas.⁴⁸ Os endemismos estão presentes em:

As espécies consideradas de elevado endemismo na região, tanto nas cabeceiras do rio Uruguai quanto nos tributários do rio Jacuí, estão restritas a apenas cinco famílias e sete gêneros: Anablepidae – *Jenynsia*; Characidae – *Astyanax* e *Bryconamericus*; Loricariidae – *Eurycheilichthys* e *Pareiorhaphis*; Poeciliidae – *Cnesterodon*; e Trichomycteridae – *Trichomycterus*.⁴⁹

Quanto aos mamíferos, existem poucos estudos sobre esta região específica; podemos citar Freitas (1984), Sbalqueiro, (1989) e Cademartori (2002).⁵⁰ Muitos mamíferos estão presentes também na Floresta Ombrófila Mista, note-se *Myrmecophaga tridactyla* (tamanduá-bandeira), *Ozotoceros bezoarticus* (veado-campeiro), *Mazama gouazoubira* (veado-virá), *Chrysocyon brachyurus* (lobo-guará), *Leopardus colocolo* (gato-palheiro), *Leopardus geoffroyi* (gato-do-mato-grande), *Puma yagouaroundi* (jaguarundi, gato-mourisco), *Puma concolor* (puma, leão-baio), *Alouatta caraya* (bugio-preto).⁵¹

⁴⁷ *Ibidem*.p.161.

⁴⁸ BOLDRINI, Ilse Iob (orgs). *Op. Cit.* p. 133.

⁴⁹ *Idem*.

⁵⁰ BOLDRINI, Ilse Iob (orgs). *Op. Cit.* p. 211.

⁵¹ PILLAR, Valério de Patta. **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA, 2009, p.106.

A fitofisionomia de Contato com os Campos de Altitude, a Floresta Ombrófila Mista, tem como espécie bandeira⁵² a *Araucária angustifolia*, também chamada de Pinheiro, Pinheiro do Paraná, Pinheiro brasileiro, etc. A Floresta que se desenvolve na sombra da *Araucária* possui espécies emblemáticas também como a imbuia (*Ocotea porosa*), a canela lageana (*Ocotea pulchella*), a erva-mate (*Ilex paraguariensis*), o butiá (*Butia eriospatha*), a bracatinga (*Mimosa scabrella*), o xaxim (*Dicksonia sellowiana*).⁵³ Roberto Miguel Klein e Pedro Furtado Leite, estudiosos a respeito das características favoráveis a existência da *Araucária angustifolia*, apontam que:

Os povoamentos florestais mostravam variações estruturais e florísticas correlacionadas às diversificações ambientais desde formações densas, com árvores entre 25 e 35m de altura, até formações raquíticas de densidades variadas constituídas de arvoretas e arbustos, associados a agrupamentos de pteridófitas terrestres, taquaris e carazais.⁵⁴

A *Araucária angustifolia* faz parte da família Araucariáceas, das coníferas e estas das gimnospermas, sendo que atualmente dividem-se em três grupos: *Araucária*, *Agathis* e *Wollemia*.⁵⁵ A família está presente na América do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Nova Caledônia e ilhas da Oceania, além de Nova Guiné, ilhas da atual Indonésia e o limite norte de distribuição na península da Malásia. Na América do Sul temos a já citada *Araucária angustifolia* e a *Araucária Araucana*,⁵⁶ esta última está presente no Chile e na Argentina.

⁵² Espécie bandeira é definida como “espécies carismáticas, que atraem a atenção das pessoas. Por isso mesmo, são usadas para difundir e massificar a mensagem conservacionista e conscientizar a opinião pública para a necessidade de proteger espécies menos conhecidas e seus habitats.” Pra ver mais acesse Projeto Tamar. Disponível em: <http://www.tamar.org.br/interna.php?cod=87>. Acessado em: junho de 2013.

⁵³ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Programa de Pós-Graduação em História (tese). **Uma grande empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970)**. Florianópolis, SC, 2010.

⁵⁴ *Idem*.

⁵⁵ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. *Op. Cit.*

⁵⁶ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. *Op. Cit.*

Existem teorias que indicam que a família das coníferas surgiu há cerca de 251 milhões de anos, possuindo uma área muito maior do que a atual, o que é explicado pelos períodos de extrema mudança climática ocasionando retrações e expansões.⁵⁷ Provavelmente o gênero Araucária tenha surgido entre 199 e 145 milhões de anos atrás. Com o advento das angiospermas, as coníferas ficam estabelecidas em regiões mais frias e terrenos menos adequadas. No Planalto Sul, como vimos anteriormente, se expandiu a cerca de 4.320 AP.⁵⁸

A floresta marca presença nos vales do Rio Pelotas e do Rio das Antas, assim como no curso dos riachos e arroios nas denominadas Matas Ciliares. A presença da Araucária é forte também nos denominados capões, que são ilhas de Floresta Ombrófila Mista nos Campos de Altitude. Como salienta Mattos, *capão* deriva de *caapuan*, do Guarani, que significa: *caa* (mata), *puan* (redondo).⁵⁹ Os Capões vão se desenvolvendo nos arredores de banhados e brejos, não se expandindo mais devido a umidade do solo, assim como encostas de morros.⁶⁰

Esta característica de contato entre a Floresta e o Campo é uma formação paisagística presente nos relatos de viajantes, na literatura local e nas memórias da população. Nessa área de contato entre duas fitofisionomias encontram-se também modos diversos de vivências com o ambiente. Poderemos observar estas diferentes relações analisando os processos de ocupação e dos relatos de viajantes que serão discutidos a seguir.

2.2 INDÍGENAS, CABOCLOS E COLONOS: CONSTRUINDO PAISAGENS

Balduino Rambo (1905-1961), Padre Jesuíta que dedicou grande parte de seus estudos para a botânica do sul do Brasil, em uma conferência publicada em Fundamentos da Cultura Rio Grandense em 1954, salienta que “nada está na mente que não esteve primeiro nos

⁵⁷ *Ibidem*, p.43.

⁵⁸ PILLAR, Valério de Patta. Op. Cit., 2006.

⁵⁹ MATTOS, João Rodrigues de. **O Pinheiro Brasileiro**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

⁶⁰ *Ibidem*. p.98.

sentidos”⁶¹; sendo que “toda nossa vida intelectual, volitiva e emocional está estruturada de imagens, lembranças, situações concretas radicadas na paisagem, que nos viu nascer, crescer e trabalhar (...).”⁶² Rambo considera que o meio físico é um dos fatores formadores da cultura; tenta fugir tanto da total negação da paisagem quanto de torná-la determinante.

A historiografia levou em consideração alguns aspectos geográficos ao longo do tempo. A História Ambiental analisa muitas das fontes que já foram perscrutadas pelos historiadores e historiadoras, mas com outro viés. Alguns estudos recentes trazem à tona a história da ocupação e apropriação da terra sob esta perspectiva. A paisagem que os europeus encontraram quando começaram a ocupar os Campos já era a muito modificada pelo fogo e migrações das populações indígenas. O maior grupo da região pertencia ao tronco Macro Jê: os Kaingang.

Segundo Sandor Fernando Bringmann, em sua dissertação *Índios, Colonos e Fazendeiros: Conflitos Interculturais e Resistência Kaingang nas Terras Altas do Rio Grande do Sul (1829-1860)*⁶³, os Kaingang possuíam uma relação com a paisagem dicotômica, realizando algumas de suas atividades no Campo e outras na Floresta. O dualismo sociocosmológico, baseado nas metades exogâmicas, é uma das suas principais características culturais.⁶⁴

O uso dos espaços da caça, pesca, coleta; as estradas e cemitérios, são de uso coletivo, sendo considerados sagrados, no presente, no passado e no futuro⁶⁵. Nesse sentido a paisagem de Campo e Floresta é também importante na sua contagem do tempo.

São esses vínculos com o entorno que identificamos Kaingang e que estabelecem

⁶¹ RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. Série Documentos históricos. Organização: Faculdade de Filosofia e Universidade do Rio Grande do Sul. Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. p.11.

⁶² RAMBO, Balduino. *Op. Cit.*, p.11.

⁶³ BRINGMANN, Sandor Fernando. **Índios, colonos e fazendeiros: conflitos interculturais e resistência Kaingang nas terras altas do Rio Grande do Sul (1829-1860)**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis.

⁶⁴ PIOVEZANA, Leonel. Território Kaingang na mesorregião grande fronteira do MERCOSUL: territorialidades em confronto. **História Unisinos** 15.2 (2011): 328-338, p.330.

⁶⁵ *Ibidem*, p.329.

relações de tempo e lugar. Lugar e paisagem são palcos de interação dos atores no tempo e tornam presentes as lembranças que resgatam o passado e afirmam, cada vez mais, as identidades. Portanto o passado não é uma paisagem esquecida ou que ficou no tempo, ele é retomado e tornado presente, perceptível, o que possibilita e fortalece o sentido do eu e da identidade dos nativos.⁶⁶

Com o avanço da ocupação e posteriormente da colonização, os Kaingang vão adentrando cada vez mais nas matas. Uma das estratégias de resistência estava nos ataques, denominados correrias, aos grupos que ali se instalavam ou passavam, mas também houveram tentativas de alianças:

Acreditamos, porém, que alguns grupos Kaingang e suas lideranças, dando-se conta de que a guerra, através dos seus freqüentes ataques, não estava sendo suficiente para impedir a penetração dos brancos em seus tradicionais territórios e interessados em cooptá-los para fortalecerem-se contra as parcialidades inimigas e também interessados em utensílios, roupas, etc introduzidos pelos estrangeiros, recorrem à política de alianças. Neste sentido, ao observarmos muitos Kaingang das regiões entre os rios Inhacorá, Uruguai e Várzea; rios da Várzea, Uruguai e Lageado; e rios Jacuí, Pelotas e Sinos, será por volta de meados da década de 1840 que começam a estabelecer estas alianças.⁶⁷

Ao longo do século XIX houve iniciativas de aldeamento na região, em áreas como Guarita, Nonoai e Campo do Meio⁶⁸, com objetivo de utilizar seus territórios para as colônias. Há relatos de conflitos com as aberturas de novas estradas, para escoamento da produção e acesso as novas colônias. Da segunda metade do século

⁶⁶ PIOVEZANA, Leonel. *Op. Cit.* p.330.

⁶⁷ DA SILVA LAROQUE, Luís Fernando; CALEFFI, Paula; SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Fronteiras geográficas, étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no sul do Brasil (1889-1930)**. 2006, p.127.

⁶⁸ *Ibidem*, p.129.

XIX em diante, uma forte repressão aos indígenas que resistiam aos aldeamentos foi empreendida.⁶⁹ Os Kaingang saíam e voltavam dos aldeamentos conforme seu modo de vida, mas o governo considerava as terras de Nonoai improdutivas.⁷⁰

Os europeus, desde o início do processo colonizador no século XVI até a consolidação das grandes propriedades de terra e a imigração nos séculos XIX e XX, intencionalmente ou não, trouxeram animais e plantas que encontram um ambiente com poucos opositores, ou seja, sua “biota portátil”⁷¹. Acredita-se que no século XVI o gado foi introduzido na região do Pampa envolvendo o que atualmente são o Uruguai e Argentina e sul do Rio Grande do Sul. Este processo foi modificando a flora e a fauna, o gado alterou as pastagens, além da introdução de espécies exóticas.

Há registros que em 1632 aproximadamente 500 cabeças de gado foram abandonadas⁷² nos Campos de Altitude e se reproduziram tanto, que em 1700 eram contadas cerca de 400 mil cabeças. Provavelmente após a invasão às missões em 1636, bandeirantes que levavam tropas para Franca, São Paulo, muitas reses se perderam e ajudaram a aumentar esse rebanho.⁷³

No século XVI, os interesses econômicos para com o meio natural da Colônia Portuguesa não incluíam a exploração das características do sul do atual Brasil. Os primeiros europeus a ocuparem de forma mais intensa a região estudada foram os Jesuítas, com muitas reduções indígenas sob a coordenação espanhola; os Bandeirantes portugueses por sua vez fizeram algumas incursões.⁷⁴ Em 1677 os jesuítas fundaram a *Baqueria de Los Piñales* para refugiar o gado dos ataques que a *Baqueria del Mar* vinha sofrendo. As Vacarias eram

⁶⁹ *Ibidem*, p.130.

⁷⁰ *Ibidem*, p.132.

⁷¹ CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico : a expansão biológica da Europa 900-1900**. São Paulo: Companhia das Letras, Schwarcz, 1993. 319p

⁷² BRANDT, Marlon. **Uma história dos campos do planalto de Santa Catarina**. 2012. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari.

⁷³ FORTKAMP, Cristiane. **Estrada da mata: relações sociais e a criação de gado no planalto catarinense (séculos XVIII ao XX)**. Anais do IV Congresso Internacional de História. Maringá, Paraná: 2009.

⁷⁴ ZARTH, Paulo Afonso. **Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002, p. 50.

criatórios de gado ou reservas de gado-vacum.⁷⁵ A Baqueria vai marcar não somente o nome do maior município em extensão da região dos Campos de Altitude, mas também a organização subsequente da propriedade da terra e da economia.

A História da produção e comercialização de rebanhos no Brasil está ligada com a produção de outras *commodities*. O gado cavalariço, muar e bovino eram os principais meios de transporte, requisitados por serem muito utilizados na economia açucareira. A quantidade de gado utilizada era intensa e isto propiciou o aumento da produção, o que interiorizou a criação de gado⁷⁶. A descoberta de ouro e pedras preciosas no centro do país aumentou principalmente a demanda por muares para o transporte das cargas.⁷⁷

É importante salientar que na região havia um amplo segmento de camponeses e grupos indígenas, a apropriação destas terras nos Campos do Sul foi conflituosa. Mesmo antes do século XVIII, a ocupação da região Sul torna-se estratégica pela relação com a Bacia do Rio da Prata, tanto para assegurar o território quanto comercialmente. Os militares que defendiam a região, incentivados a ocuparem grandes sesmarias, dividindo-as conforme sua hierarquia.⁷⁸ Estes proprietários poderiam ser chamados de “estancieiros-soldados”, e isto deixava alerta até o governo português já que possuíam um poder social, econômico e militar.⁷⁹

Pode-se perceber que o processo de ocupação e apropriação desta região – de um modo geral do norte do Rio Grande do Sul – estava assim configurado no começo do século XIX. As áreas pastoris estavam praticamente todas ocupadas por grandes estâncias com pouca densidade demográfica. Segundo Paulo Afonso Zarth, foi neste período que se solidificaram as grandes propriedades rurais e também os primeiros camponeses sem-terra, mesmo com a grande quantidade de hectares lavráveis da região.⁸⁰

Um dos diferenciais desta região para o restante do planalto era o maior acesso aos centros de poder e de comércio. No estado do Rio Grande do Sul, os Campos de Cima da Serra pertenciam politicamente a

⁷⁵ FORTKAMP, Cristiane, *Op. Cit.* 2009 p.34.

⁷⁶ BRANDT, Marlon. *Op. Cit.*, 2012, p. 39.

⁷⁷ *Ibidem*, p.42.

⁷⁸ ZARTH, Paulo Afonso. *Op. Cit.* 2002,p. 58.

⁷⁹ *Ibidem*, p.60.

⁸⁰ ZARTH, Paulo Afonso. **História Agrária do Planalto Gaúcho 1850-1920**. Ijuí: Editora Unijuí,1997, p.12.

Santo Antônio da Patrulha, grande município que alcançava o litoral e estava próximo de Porto Alegre⁸¹. Já em Santa Catarina, existia um comércio de Lages com o Litoral Catarinense desde o século XVIII, mas o comércio mais intenso era com São Paulo, por pertencer a esta província até 1820, e com o Rio Grande do Sul.⁸²

FIGURA 3: Divisão Política do Estado do Rio Grande do Sul: 1809 e 1900

⁸¹ ZARTH, Paulo Afonso. *Op. Cit.* 1997,p.19.

⁸² MACHADO, Paulo Pinheiro. Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano. In__ : Brancher, Ana; AREND, Silvia Maria Fávero (orgs.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.



FONTE: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul.; Disponível em: http://www.scp.rs.gov.br/upload/Mapa_muni_1809.pdf. Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul. Disponível em http://www.scp.rs.gov.br/upload/Mapa__1900.pdf. Acessado em: 25 de janeiro de 2015.

A região era movimentada principalmente por estar localizada no denominado Caminho das Tropas, caminho inicialmente formado por rotas indígenas, que Jesuítas e Bandeirantes vieram a utilizar. As tropas de gado muar, cavalari e bovino movimentavam não somente a economia, mas também a paisagem como salienta Marlon Brandt:

Conexão entre dois pontos, o caminho, uma vez posto em funcionamento, proporciona novas trajetórias históricas, possibilitando deslocamentos humanos e fluxos de animais, plantas ou mercadorias, além de uma maior ocupação das terras às suas margens. Ele transforma não apenas as relações sociais e econômicas entre o ponto de partida e o destino, mas também a própria paisagem por onde é percorrido. Sua contribuição pode também ser percebida na integração, conquista e domínio territorial.⁸³

Os caminhos pelo Planalto eram uma alternativa à Estrada Real, que conectava as capitâncias pelo litoral, e que apresentava dificuldades pelas barreiras fluviais e os possíveis enfrentamentos com espanhóis. O Caminho das Tropas não era uma única estrada, possuía inúmeras opções de vias, que conforme a época do ano modificava-se, mas sempre preferindo as áreas de campo aberto, uma vez que transpassar a densa floresta apresentava uma série de riscos. Ao longo destes caminhos havia muitas fazendas para recuperação do gado, chamadas invernadas, que acresciam as já existentes fazendas.

Antes do charque configurar-se como peça fundamental da economia no século XIX, o couro era o produto incentivador deste transporte muar, por seu fácil transporte e demanda nas capitâncias do Norte. O transporte de gado diminuiu devido ao avanço das ferrovias, a partir da década de 1870.⁸⁴ Houve uma migração entre as vilas que estão ao longo destes percursos, como salienta Paulo Pinheiro Machado:

⁸³ BRANDT, Marlon. Op. Cit. 2012, p. 44.

⁸⁴ MACHADO, Paulo Pinheiro. Op. Cit. 2001, p. 16.

O povoamento brotou de duas direções: a primeira, a mais antiga, partia dos campos de Curitiba em direção ao sul e sudoeste, consistia na formação de currais e fazendas de criação de gado dirigidas por particulares e expedições oficiais, como a de Corrêa Pinto, fundador da Vila de Lages a mando do governo da capitania de São Paulo. A segunda leva de povoamento, mais tardia, a partir do início do século XIX, partiu do Rio Grande do Sul, de localidades como Santo Antônio da Patrulha (na direção de São Joaquim), de Vacaria (na direção de São José do Cerrito e dos Baguais, hoje Campo Belo) e de Passo Fundo (na direção de Campos Novos).⁸⁵

Os Campos de Altitude constituem-se como um espaço de movimento, de trocas e migração. Desde o início do povoamento, percebemos o papel central atribuído ao gado e às fazendas, o que pode nos ajudar a entender as configurações da divisão da terra nesta região. Como salientou Paulo Pinheiro Machado, muitas vezes a historiografia preocupou-se em nominar os denominados pioneiros, geralmente aqueles que realizaram o primeiro registro oficial sobre a posse da terra. Não é minha intenção elencar tais personagens, mas perceber que existiram outros agentes como os lavradores nacionais, tropeiros, posseiros, etc.

Segundo Paulo Afonso Zarth, o latifúndio no Rio Grande do Sul produziu-se com o início do povoamento português no século XVIII, período no qual já existiam reclamações acerca do exagero no tamanho das propriedades. Como eram grandes as estâncias e a densidade demográfica pífia, havia preocupação da Coroa portuguesa em relação à posse do território.⁸⁶ Na região de Lages não era diferente, no quesito densidade demográfica somente houve aumento da população ao longo do século XIX.⁸⁷ Isto, de certa forma, era permitido pelos administradores, mas também não passava despercebido.

Alguns dos principais fazendeiros eram militares que, conforme conquistavam mais territórios para a Metrópole, utilizavam sua influência e força para tomar posse de grandes fazendas, principalmente

⁸⁵ *Ibidem.*

⁸⁶ ZARTH, Paulo Afonso. *Op. Cit.* 2002.

⁸⁷ MACHADO, Paulo Pinheiro. *Op. Cit.* 2001, p.18.

durante a Guerra luso-espanhola. A própria concessão de terras era incumbência destes militares; os pedidos de concessão eram encaminhados aos comandantes de fronteiras que repassavam ao governo para que liberasse a posse, demonstrando a maneira como muitas vezes o procedimento era realizado.⁸⁸

No relatório de governo da província do Rio Grande do Sul de 1850, percebemos a variação demográfica:

Entende-se geralmente que para haver muito gado é preciso que hajão muitos campos, e por isso cada estancieiro cuida, por todos os meios ao seu alcance, em possuir muitas datas de sesmarias, ou muitas e grandes porções de terrenos, que a ninguém forão concedidos; um deserto de muitas legoas, em que pouco ou nenhum gado se cria; e o pobre povo ande errante, a mendigar um pedaço de terra em que trabalhe, e se arranche com sua família; mas poucos proprietários lho concedem, para que lhe não coma o gado; que é o pretexto mais usual. Se uma legoa de terra fôr dividida a proposito em muitas datas, e de modo que cada morador possa ter agua próxima para seu uso, e dos animaes que poder criar, é provável que o dono de cada uma das datas, dividindo a sua terra em pastos e cereais, possa crear tal número de animaes, que a somma de todos seja maior do que a correspondente hoje á legoa inteira.⁸⁹

Na metade do século XIX, podemos dizer que as áreas de Campo do Estado do Rio Grande do Sul estavam todas ocupadas ou apropriadas. A apropriação de terras sempre teve suas legislações, contudo com muitas irregularidades. No governo português o sistema de sesmarias incentivou o latifúndio e o acesso à terra aos militares. Com a independência do país, estabeleceu-se o regime de posses onde “qualquer morador poderia ocupar terras de forma mansa e pacífica.”⁹⁰ O que aconteceu foi uma perpetuação do poder militar e civil das sesmarias. A Lei de Terras de 1850 baseada nos escritos de Edward

⁸⁸ ZARTH, Paulo Afonso. *Op. Cit.* 2002.

⁸⁹ Relatório de Governo da Província do Rio Grande do Sul de 1850. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=252263&PagFis=414>. Acessado em: junho de 2013.

⁹⁰ ZARTH, Paulo Afonso. *Op. Cit.* 2002, p.75.

Gibbon Wakefield sobre a colonização na América do Norte, defendendo que a dificuldade de acesso à terra levaria os pequenos agricultores e imigrantes ao trabalho assalariado.⁹¹

A Lei de Terras de 1850 foi o carro chefe do processo: consolidou a grande propriedade em todas as regiões do país; contribuiu, intencionalmente, para a eliminação dos pequenos posseiros; permitiu e incentivou a colonização paga (frequentemente com dinheiro e concessões públicas); deu privilégios a determinados grupos sociais, produzindo, com isso, algumas especificidades, orientações regionais, grupos de interesses e muitos conflitos.⁹²

As fraudes por parte dos que já possuíam grandes propriedades eram recorrentes, sendo que particulares tomavam posse ilegalmente de terras para fazer lotes e vender. O governo da província do Rio Grande do Sul teve algumas iniciativas para facilitar o acesso à terra por parte de colonos imigrantes.⁹³

No registro paroquial de terras de 1855, que é um importante instrumento para a análise da estrutura agrária da época, podemos perceber que a grande propriedade era imperativa com uma exceção: a Colônia de São Leopoldo. Paulo Afonso Zarth salienta que não há registro de nenhuma propriedade com mais de 10.000 hectares, mesmo assim há registro de propriedades grandes com mais de 1000 hectares.⁹⁴ Neste sentido o governo acreditava que era preciso melhorar a densidade demográfica com a vinda de europeus, dentre eles os açorianos, os quais foram alguns dos primeiros. Entre os motivos aludidos pela defesa do empreendimento imigratório está a ocupação de áreas com densidade demográfica baixa, mas também o ideal de desenvolvimento do primeiro setor.

⁹¹ *Ibidem*.p.76.

⁹² TEDESCO, João Carlos; ZARTH, Paulo Afonso. Configuração do território agrário do norte do Rio Grande do Sul: apropriação, colonização, expropriação e modernização. In __: **História: Debates e Tendências** – v. 9, n. 1, jan/jun. 2010, p.151- 152.

⁹³ ZARTH, Paulo Afonso. *Op. Cit.* 2002,p..79.

⁹⁴ *Idem*.

O Rio Grande do Sul, por suas condições geográficas adversas às grandes plantações tropicais, seria encarregado de produzir alimentos para o mercado interno, conforme plano já esboçado pelo governo português do século XVIII, quando enviou colonos das ilhas dos Açores para plantarem trigo na região. Os colonos alemães e italianos, imigrantes do século XIX, também seriam jogados nessa tarefa. O latifúndio pastoril era efetivamente um obstáculo ao desenvolvimento da agricultura de subsistência, pois seus estabelecimentos mal produziam para o próprio abastecimento interno.⁹⁵

A pergunta que podemos fazer neste momento é: porque então investiu-se mais na imigração que na contratação de nacionais? A historiografia colocou, durante algum tempo, os lavradores nacionais como uma população isolada ou que simplesmente não se adaptava ao trabalho assalariado? Segundo Paulo Afonso Zarth, a Lei de Terras de 1850 dificultou que os pequenos proprietários tivessem a posse de suas terras.⁹⁶ À medida que as grandes fazendas avançavam, muitos destes perdiam suas terras e eram incorporados como peões, encarregados da limpeza das terras e outros trabalhos anteriores à produção da fazenda ou da implantação das colônias. Os lavradores nacionais não estavam isolados, mas participavam, pois eram uma mão de obra mais barata.

O lavrador nacional, segundo grande parte das interpretações do período, era considerado incapaz de participar do desenvolvimento do país pela sua mestiçagem. Esta “raça inferior” era considerada preguiçosa, ociosa e não adaptável à civilização; era necessário realizar um embranquecimento da população com a imigração europeia.⁹⁷ A ideia de fronteira agrícola adicionava interesse aos projetos imigratórios. Para alguns autores, como Leo Waibel, baseados em Frederick Jackson Turner sobre os *frontiersmen* da colonização dos Estados Unidos, o Brasil precisava de pioneiros não *frontiersmen* porque os primeiros buscavam sempre aumentar os padrões de vida.⁹⁸

⁹⁵ ZARTH, Paulo Afonso. *Op. Cit.* 2002, p.68.

⁹⁶ ZARTH, Paulo Afonso. *Op. Cit.* 2002, p.159.

⁹⁷ *Ibidem.* p.160-161.

⁹⁸ *Ibidem.* p.163.

Nessa perspectiva, a zona pioneira somente se constitui quando ocorre uma rápida expansão da agricultura, com um aumento brusco da população, via imigração, e quando florestas são derrubadas e “casas e ruas são construídas, povoados e cidades saltam da terra quase da noite para o dia e um espírito de arrojo e otimismo invade toda a população” (Waibel, 1979, p.282). Esta é uma boa imagem de progresso, inspirada nas colônias de imigrantes do Sul do Brasil, mas que dificilmente poderia ser creditada aos agricultores nacionais, responsáveis por um avanço lento da fronteira, incorporando terras virgens longe dos mercados, sem estrutura de transportes, sem capital, disputando espaço com povos indígenas pela força. Uma imagem bem diferente da idealizada por Waibel.⁹⁹

Desta forma, muitos autores que abordaram os Campos de Altitude veem a “zona pioneira” avançando com os Fazendeiros lusos e os imigrantes ítalos e teutos. Muitos são os nomes dados ao que aqui denominamos lavradores nacionais: roceiros, posseiros, agregados, ervateiros... variam muito conforme a atividade exercida. O nome mais comum a esta população é caboclo, que inicialmente na língua tupi significa a mestiçagem de índios e brancos. Porém, caboclo se refere muito mais às características culturais do que étnicas, muitas destas relacionadas ao modo de intervenção no ambiente.

O colono é um camponês imigrante ou filho de imigrantes europeus, enquanto caboclo se refere ao lavrador nacional e ao modo de vida diferenciado deste último, mais próximo do nível de vida original do indígena. Colono significa um imigrante europeu ou descendente, com nível de vida mais elevado e mais inserido no mercado, além de levar uma vida cultural distinta.¹⁰⁰

É preciso lembrar que, por ser mais um traço cultural que étnico, ao longo do processo de migração muitos colonos se “caboclizaram” e muitos caboclos adquiriram as características do

⁹⁹ *Ibidem.* p.163.

¹⁰⁰ ZARTH, Paulo Afonso. *Op. Cit.* 2002,p.173.

trabalho e da vida da colônia. Estas relações, muitas vezes conflituosas e amistosas, fazem parte da memória pública, familiar e individual da região dos Campos de Altitude.

2.3 PAISAGENS DESCRITIVAS E DESCRITAS

A paisagem é formatada através de determinados valores e intenções. Desta forma, devemos considerar que: “Estes valores devem pois ser contextualizados em termos de tempo e de espaço, a maneira como as pessoas compreendem e se relacionam com o mundo que as rodeia depende do momento e do lugar.”¹⁰¹ A palavra paisagem no português deriva de *país*, ou seja, a delimitação e apropriação de um espaço formando um território. O modo diferenciado que cada povo tem de ocupar e modificar seu território está presente nesta imagem *imago* que pode significar também uma criação ou uma cópia.¹⁰²

Pode se ter a ideia de que paisagem é o que avistamos ao longe, entretanto isto se configura mais como panorama, pois o “eu” não está presente no horizonte que é observado. A paisagem é o processo de formação da materialidade e de constituição da representação.¹⁰³ O conceito de paisagem é abrangente e se modifica ao longo do tempo, por isso é importante analisarmos um pouco sua história. Na Antiguidade o entendimento de paisagem não existia como a concebemos hoje. O que era considerado era o todo; não se retirava a natureza, um panorama do horizonte, das ações humanas. O acontecimento precisou de um lugar para existir e assim o acontecimento e o lugar são narrados em conjunto, como parte de um todo.

E assim como o lugar (*topos*) e, segundo a definição aristotélica, o involucro dos corpos que limita, a pretensa "paisagem" (lugarzinho: *topion*) nada e sem os corpos em ação que a ocupam. A narrativa e primeira e sua localização e um efeito de leitura.¹⁰⁴

¹⁰¹ ALVES, Teresa. Paisagem–Em busca do lugar perdido. Finisterra. **XXXVI**, v. 72, p. 67-74, 2001, p. 1

¹⁰² SANDEVILLE, Euler . Paisagem. Paisagem e Ambiente – *Ensaios*: São Paulo: FAUUSP, n. 20, p. 47-60, 2005, p.51.

¹⁰³ *Ibidem*, p.54.

¹⁰⁴ CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Martins, 2007. p. 49

As cores que existiam na Grécia eram o branco, o preto, o vermelho, o amarelo; mesmo cercada de um imenso mar azul essa cor não existia. O preto e o branco que davam as formas eram mais importantes. Isto estava ligado a esta ideia de unidade, não era preciso milhões de tonalidades e a paisagem para a natureza.¹⁰⁵ O azul vem do oriente e com ele muitos matizes que começam a dividir esta unidade, são cores, sabores, aromas, sensações, novos lugares.

O jardim se aproxima mais do que consideramos paisagem, sendo um lugar retirado para proporcionar o pensamento e o convívio com laivos da natureza. Os romanos aperfeiçoaram a arte dos jardins, o Campo proporciona a calma, a tranquilidade que não se encontra na cidade. Porém este local não é louvado pelo sensível, mas pelo econômico. Nem a cidade nem a natureza selvagem são os lugares ideais, os jardins o são:

E preciso, pois, fugir da confusão de Roma e de seu clima insalubre, passar setembro fora, nesse fora que é um pequeno dentro. O jardim oferece, com efeito, esse paradoxo amável de ser "um fora dentro". Fugir também – porque a liberdade está na fuga – da ferocidade dos animais selvagens que vagam pelos campos, do horror das matas fundas e das altas montanhas(...)¹⁰⁶.

No jardim encontra-se aproximações e oposições com a natureza. Mas esse jardim ainda não é paisagem, ele está a serviço da fruição humana e deve ser lembrado na poesia, segundo Horácio, como uma pintura, ou seja, uma moldura para esta fruição.

Para Anne Cauquelin, no livro *Invenção da Paisagem*, é no período Bizantino, com seus murais, que a possibilidade do conceito de paisagem aparece. A representação da Santíssima Trindade estava posta entre os iconoclastas que acreditavam que materializar leva à idolatria e à ilusão de semelhança; e os iconódulos que defendiam as representações pois nem todas aludiam a similaridade.¹⁰⁷ A imagem passa a ser um ícone: “Ao renovar o estatuto da imagem, Bizâncio, mesmo sem se interessar pelo meio ambiente natural, torna pela

¹⁰⁵ *Ibidem*, p.60.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p.63.

¹⁰⁷ CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Martins, 2007, p.69.

primeira vez possível a operação de substituição artificial que a paisagem ilustrará.¹⁰⁸

A pintura é até então história narrativa¹⁰⁹, uma alusão. É na Renascença que vê-se na pintura a conexão com a natureza, a perspectiva trouxe a junção do que vemos na natureza e o que vemos na tela, essa ligação faz com que na tela vejamos a paisagem.¹¹⁰ Assim, “Os objetos da paisagem, essa árvore, essa fonte, essa fronde encrespada ou inclinação de nuvens não remetem, parte por parte, às coisas da natureza tomadas separadamente; é a ordenação de sua aparição que significa: ‘natureza’”¹¹¹. A perspectiva proporciona um salto sobre o que considerávamos paisagem, ela passou a ser a equivalência da “natureza”¹¹².

Em 1493 o poeta Jean Molinet empregou, pela primeira vez, a palavra paisagem com o significado de quadro representando uma região, e no século seguinte paisagem no ocidente significava a pintura em tela de uma situação em um determinado espaço geográfico.¹¹³ Os pintores italianos desenvolveram técnicas na construção desta paisagem mas ligados as ideias religiosas, os pintores em Flanders no século XV, na Holanda século XVII, na Inglaterra entre o século XVIII e XIX e na França no século XIX; a pintura religiosa sai de cena e a paisagem ganha destaque. Na música, na literatura e na pintura a paisagem ajudava a formatar as configurações das nações em formação:

Este movimento nas artes foi contemporâneo dos movimentos políticos de afirmação dos nacionalismos que se traduziram, frequentemente, em pretensões territoriais e que deram visibilidade a todo um conjunto de obras de arte em torno da paisagem – na pintura, na música e nas letras.¹¹⁴

¹⁰⁸ *Ibidem*, p.74.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p.79.

¹¹⁰ *Ibidem*, p.85.

¹¹¹ *Ibidem*, p.86.

¹¹² *Ibidem*, p.38.

¹¹³ ALVES, Teresa. Paisagem–Em busca do lugar perdido. Finisterra. **XXXVI**, v. 72, p. 67-74, 2001, p. 1.

¹¹⁴ *Idem*.

A paisagem esteve ligada à beleza visual da natureza, “para ser paisagem, o território deveria ter uma apreciação estética favorável.”¹¹⁵ Estas imagens estão presentes nas memórias sobre os territórios, paisagens que muitas vezes prendem dentro de um estereótipo uma determinada região geográfica, habilitando ou desabilitando para ocupação.¹¹⁶

A paisagem foi ao longo do tempo se transformando, de uma representação do mundo geográfico (seja naturalista ou abstrato), para a representações da imaginação e dos ideais. Esta transformação está ligada às mudanças cada vez mais rápidas da cidade em oposição às mudanças mais graduais da área rural. A forma de registrar a paisagem também está ligada com as transformações cada vez mais rápidas dos ambientes, nisto está o advento da fotografia e do filme.

Parte importante da transformação do conceito de paisagem está nas descobertas do “Novo Mundo”. Esta mudança está ligada com as características geográficas e da biodiversidade destes locais. A zona tropical possui diferentes plantas que precisaram de insolação específica para se desenvolver, estas características as tornam plantas estimulantes. Quais sejam: o café, a cana de açúcar e o cacau, por exemplo, impulsionaram em grande medida a expansão Europeia. Uma das bases mais importantes da colonização estava firmada na exploração intensa de recursos naturais: metais preciosos, minérios e vegetais. Segundo Sevcenko, neste processo duas formas de percepção dos Europeus no andamento da colonização são percepções não opostas, mas que se especializam. A primeira seria “o impulso desejante” e a segunda o ato físico e agressivo da colonização.¹¹⁷ Neste momento estamos interessados em analisar mais profundamente a primeira percepção, que seria:

(...) e que é o desejo pelo desconhecido, a vontade de conquistar, de penetrar naquilo que é virgem e indevassável, intocado. E esse é um ato bastante sensual, bastante sensorial, tanto que é produzido por pessoas que se entregam largamente ao jogo dos olhos, ao jogo do sentido, daqueles que gostam de ver longamente, que sentem os cheiros, que tocam a vegetação, as areias finas, que sentem

¹¹⁵ ALVES, Teresa. *Op. Cit.* 2001, p.3.

¹¹⁶ *Ibidem*, p.4.

¹¹⁷ SEVCENKO, N. O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura. **Revista da USP**, São Paulo, n.30, p.108-119, jun./ago 1996, p. 3.

o calor ou o frescor do ambiente. Gente, portanto, que propriamente constrói algo que pode ser chamado de paisagem, e vê nessa paisagem a fonte de um ato de adoração e a projeção de um ato de desejo. A paisagem é a coisa amada, e é por isso que pintam ou produzem imagens, ilustrações, ou então escrevem, fazem poesia a respeito da natureza assim transfigurada em objeto do desejo.¹¹⁸

Para Sevcenko a paisagem está ligada a esta percepção sensorial, mas quando “os fazedores de deserto”¹¹⁹ empreendem sua colonização, a mata transforma-se em obstáculo. Pois guarda o desconhecido e os perigos, e neste sentido a única paisagem que interessa é a “paisagem ausente”¹²⁰. Estas duas paisagens, apesar de parecerem opostas, a da contemplação e da destruição, são parte de um ideal de controle com intensidades e modos diferentes.

Os Campos de Altitude aqui estudados ao longo do tempo modificaram-se e foram modificados, sendo sua transformação mais intensa ocorrida no século XX. A Floresta com Araucária e os Campos, que no início do século XIX eram extremamente presentes, sofreram com as alterações causadas pela indústria madeireira e o agronegócio. No século XX a economia pastoril não é mais a única atividade de destaque desta região, e estas transformações são perceptíveis em diferentes fontes, uma delas os relatos dos viajantes. Viajantes que a partir da abertura dos portos brasileiros em 1808 tiveram maiores oportunidades de percorrer todo o Brasil.

Os relatos de inúmeras expedições, a maioria de caráter científico, foram publicados na Europa, para leitores ávidos de notícias sobre um Brasil até então desconhecido, terra cujos segredos haviam sido velados por uma Coroa portuguesa ciumenta e possessiva. Os relatos de viagem produziam representações sociogeográficas para europeus que, a partir daí, construíram sua

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 110-111.

¹¹⁹ *Ibidem*, p.3

¹²⁰ SEVCENKO, N. *Op. Cit.* p.3.

identidade em oposição ao que passou a ser “o resto do mundo”.¹²¹

Regina Horta Duarte salienta que estas novas perspectivas sobre lugares nunca descritos do então denominado novo mundo, fizeram com que um jogo de afirmação e construção de identidades acontecesse. O movimento de reafirmação da cultura de um, em detrimento da do outro, é um movimento de mão dupla.¹²²

Os viajantes trazem em suas observações a influência de seus mentores e seus interesses profissionais. A subjetividade do sujeito que olha e descreve, transforma a paisagem e é também transformado por ela. Neste sentido procura-se analisar as descrições sobre esta região, evitando uma delimitação fitofisionômica anacrônica, mas levando em consideração as denominações recentes.

Dos vários viajantes que descreveram os Campos de Cima da Serra no nordeste do Rio Grande do Sul, escolhemos dois: o médico Avé-Lallemant e o comerciante Nicolau Dreys. É importante salientar que os dois possuíam interesses econômicos, já que Avé-Lallemant, assim como outros viajantes buscavam terras para novas colônias.

Nicolau Dreys, nascido em 1781 no departamento de Meurthe, na França, foi funcionário público e militar. Em 1815 a chamada Santa Aliança provoca o exílio dos bonapartistas, entre eles Dreys, que viaja ao Brasil. Em 1817 vai pela primeira vez à Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, ao passo que de 1818 a 1827 reside em Porto Alegre e faz inúmeras viagens pelo interior da Capitania. Dessas incursões que surge o volume “Notícia descritiva da Província de Rio Grande de São Pedro do Sul”, publicado em 1839.

Robert Christian Barthold Avé-Lallemant, médico alemão, nasceu em Luebeck em 1812 e faleceu em 1884. Fez seus estudos em Berlin e Paris, e o seu doutorado em Kiel, 1837. Viajou por países na Europa e Egito; no Brasil veio exercer a Medicina em 1836, quando foi diretor de um Hospital especializado em Febre Amarela, trabalhando no conselho de saúde do Império. Novamente na Europa, em 1855 parte numa viagem de circum-navegação da Terra à bordo da Fragata Novara, por indicação de Alexandre Von Humboldt. Desentendendo-se com o comandante, desembarcou no Rio de Janeiro, onde fixou moradia

¹²¹ DUARTE, Regina Horta. Olhares Estrangeiros. Viajantes no vale do rio Mucuri. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 44, p. 267-288, 2002.

¹²² *Idem*.

novamente e então pode empreender suas viagens de norte a sul.¹²³ Destas viagens resultaram os livros *Reise durch Süd-Brasilien* de 1858 e *Reise durch Nord-Brasilien* de 1859.¹²⁴

Levando em consideração o conceito de paisagem citado e descrito anteriormente, pode-se visualizar as diferentes paisagens formadas através do olhar destes viajantes. Estas paisagens são parte da mesma unidade, compondo-a no que podemos denominar de Paisagens sobrepostas.¹²⁵

Os cronistas, ao descreverem a paisagem, ao organizarem o que era visualizado, projetaram a si mesmos sobre o que percebiam. Buscavam naquele quadro o seu mundo, tanto no plano concreto como no ideológico. Procuravam objetos, plantas, caminhos, animais, formas de sobrevivência que lhes fossem familiares e que expressem determinada estratificação social. Conseguiram reconhecer apenas alguns elementos que, no entanto, apresentavam-se em disposições e organizações distintas da idealizada.¹²⁶

Quando se desqualifica uma paisagem, está também se desqualificando os grupos que ali vivem, tornando estas descrições uma forma de dominação. A desqualificação está ligada aos estereótipos que o viajante já trazia de suas vivências mas também na necessidade de ocupar e transformar estes espaços.¹²⁷

Nos relatos destes viajantes percebe-se que a natureza é apreendida como algo indivisível, com um centro, uma verdade a ser revelada. O dever de tornar visível a “verdadeira natureza” estava presente nos ideais destes viajantes. Nicolau Dreys fixou residência no

¹²³ AVÉ- LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo Sul do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.

¹²⁴ As edições utilizadas neste trabalho são as traduzidas para o português das seguintes edições: Avé-Lallemant, Robert. **Viagem pelo Sul do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953; Avé-Lallemant, Robert. **Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

¹²⁵ CORRÊA, Dora Shellard PAISAGENS SOBREPOSTAS: índios, posseiros e fazendeiros nas matas de Itapeva (1723-1930). EDUEL, 2013.

¹²⁶ *Ibidem*, p.246.

¹²⁷ CORRÊA, Dora Shellard. *Op. Cit.* p.247.

Brasil em Porto Alegre, Rio de Janeiro e na Vila de Iguape, em São Paulo.

(...) levado sucessivamente a todos os pontos da província por especulações de comercio, viu-se em posição de conhecer perfeitamente os homens e as cousas, e não se deve recear que as saudosas impressões de que acabamos de falar impregnem seus pinceis de cores officiosamente lisonjeiras: é este um país que não se pode adular: uma natureza tão rica, dotada de tantos elementos de atração, não requer do historiador senão verdade.¹²⁸

Robert Avé-Lallemant tem uma narrativa mais comprometida com os detalhes da viagem e seus percalços. A preocupação sanitária é aparente, assim como a descrição botânica e geográfica. No livro *Viagem pelo Sul do Brasil de 1858*, no prefácio esclarece que seus relatos são influenciados pelo “calor do momento” conforme os inúmeros sentimentos durante o percurso.

Escrevi estas páginas debaixo de árvores, em choças, entre europeus, negros, índios e mestiços, às vezes em cômoda situação de vida, às vezes constringido as mais duras privações, sem tecto, sem cama, sem comida e sem bebida. Numa penosíssima expedição as selvas, tive de vadear rios e pântanos, de pés descalços, guiado apenas pela bussola. (...) Em qualquer caso, o quadro que delas esbocei é conscienciosamente desenhado ao natural.¹²⁹

As paisagens são também humanas, preocupam-se em descrever e comparar a organização familiar, as características arquitetônicas e as práticas cotidianas. Quando descrevem a paisagem os viajantes também mantem um controle simbólico¹³⁰, colocando-se como possuidores da “verdade” da natureza “natural” e portadores da civilização, como se

¹²⁸ DREYS, Nicolau. **Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1961, p.35.

¹²⁹ Avé-Lallemant, Robert. 1953, *Op. Cit.* p.1.

¹³⁰ MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011, p.22.

refere Avé-Lallemant na citação acima. Pode-se perceber isto quando o viajante emoldura a vista dos Campos de Altitude, com seus elementos de flora e fauna, e depois sobre as paisagens humanas.

Colinas, sucedem-se a colinas, uma encosta relvada domina a outra, uma cadeia de serras segue a outra; tudo é uma confusa terra de pasto, em cujas íngremes vertentes ressaltam inúmeras massas de pedra-de-areia cobertas de líquens, ou tudo é coberto de densas matas de araucárias. Neste planalto, essas vigorosas colunas vegetais sobem, aos milhões, de profundos desfiladeiros e trepam as mais íngremes encostas até aos píncaros das empinadas coxilhas-floresta escura, silenciosa, grave, que eu poderia chamar com propriedade de floresta negra.¹³¹

A Floresta de Araucária chama a atenção por possuir exemplares altos com um sub-bosque denso, de grande biodiversidade. A mata fechada representa o desconhecido e o que está fora de controle. O Campo com o horizonte aberto e a vegetação baixa visualmente são o oposto da Floresta, e nos relatos aparecem como uma paisagem de isolamento. Na fazenda de Juca Velho, no Estado de Santa Catarina, observa que o povoamento é escasso. O isolamento é percebido através da falta de médicos.¹³²

Mas mesmo essa timidez espantadiça do gado, alhures tão pacífico, da a região o colorido da selvageria e abandono. No sentido próprio da palavra, poderíamos considerar esse gado em fuga a caça grossa das florestas de araucárias e julgar estarmos em pleno estado primitivo da Natureza.¹³³

A natureza “sem controle” domina todos os espaços, nos relatos este atributo está ligado ao que é primitivo. A altitude e o frio são qualificações que delineiam uma paisagem de isolamento. Nicolau

¹³¹ Avé-Lallemant, Robert. **Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980, p.50.

¹³² *Ibidem*, p. 60.

¹³³ *Idem*.

Dreys, em *Notícias descritivas do Rio Grande do Sul*, mostra a paisagem de mosaico entre Floresta e Campo:

Tais são campos do Alto da Serra: em parte ocupados por matos mais ou menos extensos; em parte e na maior extensão, cobertos de pastos quase sempre abundantes e substanciais; sua elevação acima do nível do mar permite o desenvolvimento de algumas plantas alpinas, e deixa as flores derramar um aroma mais intenso; porém, bem que mimoseado de tudo o que pode fazê-lo produtivo e agradável, o país por ora tem todos os inconvenientes das terras desertas, isto é, venenos misturados aos vegetais alimentarios, miríades de insetos daninhos, multiplicação incomoda das aves de rapina que não deixam crescer filhinhos dos quadrupedes domésticos, mormente os cordeiros, a que dão a morte, arrancando-lhes os olhos; oirem, sabe-se que basta a presença do homem para remover esses males, e se algum dia, como é de esperar, a população tomar conta do país, a suavidade do clima, a pureza das aguas e a fecundidade do solo asseguram aos habitantes uma das mais deliciosas moradas que se possam escolher no continente brasileiro.¹³⁴

O povoamento foi incentivado para controlar a natureza desta terra “deserta”. Dreys lembra que a mansidão é quebrada pelo movimento das tropas muares, cavalos e gado.¹³⁵ Essa região servia de ponto de encontro e de passagem no caminho das tropas, sendo que em determinados períodos havia um movimento intenso para a época. No Município de Vacaria Nicolau Dreys salienta a paisagem de isolamento:

(...)chega-se a freguesia de Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria depois de se haver percorrido pouco mais de 10 léguas: a presença dos homens pouco fez em benefício desses lugares; suas moradas foram construídas pela necessidade: ali não aparece luxo algum; todavia, o leitor já sabe,

¹³⁴ DREYS, Nicolau. *Op. Cit.* p.69-70.

¹³⁵ *Ibidem*, p.68.

pelas descrições precedentes, que a mesquinhez dos homens foi sobejadamente suprida pelas liberalidades da natureza.¹³⁶

Para Dreys, diferentemente de Avé-Lallemant, os Campos facilitavam a locomoção. Formavam estradas que acompanhavam muitos cursos de água, esta característica da natureza aplacaria a falta de estrutura e isolamento. No trecho acima Dreys traça um perfil das casas, não tão complexas quando as estâncias vistas por ele no Pampa.

Os indígenas que habitam esta região, foram vistos como um perigo, seus ataques aparecem nos dois relatos formando uma expectativa de que é preciso sempre ter cuidado e atenção. Os grupos indígenas estão na mata fechada, o que demonstra como ao longo do tempo eles foram se refugiando na Floresta, não ocupando mais os Campos. Segundo Sandor Fernando Bringmann, esses ataques eram denominados “correrias”:

No que se refere aos ataques dos *Kaingang*, entendemos as “correrias” e os assaltos como um mecanismo de resistência ao invasor (...) entendemos que não é possível conferir a todos os *Kaingang* a responsabilidade pelos ataques, pois os mesmos eram geralmente efetuados por grupos isolados, resistentes às políticas de aldeamento.¹³⁷

O “outro” e a floresta representavam uma ameaça que devia ser cercada e dominada, de preferência pelos europeus. O comparativo entre os imigrantes de um lado e de outro os caboclos e indígenas é uma das paisagens sobrepostas presentes nestes viajantes. Para Avé-Lallemant a vida dos colonos alemães na Floresta Ombrófila Mista não tem as perturbações que os Campos possuem, estas perturbações seriam fruto da preguiça dos habitantes dos Campos. Outra comparação é entre os Campos de Altitude e os Campos do Bioma Pampa, Avé-Lallemant

¹³⁶ Avé-Lallemant, Robert. 1980, *Op. Cit.* p.127.

¹³⁷ BRINGMANN, Sandor Fernando. **Índios, Colonos E Fazendeiros: Conflitos Interculturais e Resistência Kaingang nas Terras Altas do Rio Grande do Sul (1829-1860)**. Florianópolis: Dissertação Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010, p.5.

afirma que: “E confesso com toda a franqueza preferir viver na mais isolada estância, nas últimas fontes do Uruguai, a viver em Lages.”¹³⁸

O Bioma Pampa possui uma vegetação de gramíneas similar a fitofisionomia dos Campos de Altitude, mas com características de fauna e flora bem marcadas e diferentes da região aqui estudada. O Pampa possui uma ocupação baseada nas grandes propriedades, assim como os Campos, todavia no Pampa a riqueza das estâncias e a circulação eram mais aparentes que nos Campos de Altitude.

Quando os viajantes se hospedavam nas estâncias ou nas casas mais simples, conseguiam observar a paisagem humana e os detalhes do cotidiano. Nessas casas reparam na arquitetura e nos móveis; para Avé-Lallemant, por exemplo, era impressionante a araucária não ser usada tão intensamente nos móveis já que era uma ótima madeira. Uma casa no Planalto deveria ser feita de araucária¹³⁹, passou a noite em uma casa e observou “no centro do celeiro há um fogo feito no chão. Ao lado há um banco de madeira de araucária e, sobre ele, a vasilha com cuscuz e leite.”¹⁴⁰ A riqueza dos estancieiros era percebida nas vestimentas de montaria, na espora e demais instrumentos de prata.

Analisando estas descrições observa-se que para os viajantes a Araucária era sub aproveitada e deveria ser utilizada em diferentes objetos, já que era presença marcante nos Campos de Cima da Serra. Ao longo do tempo percebe-se as mudanças de percepção e atuação neste ambiente, as práticas de utilização do volume madeirável são um exemplo disto. Veja-se que, durante o final do século XIX e durante praticamente todo o século XX, a madeira era um artigo essencial em praticamente todos os aspectos domésticos e industriais. Com o intenso desmatamento e o desenvolvimento de diferentes materiais, que priorizam uma outra estética mais urbana, valorizando a leveza e durabilidade, muda-se o espaço, coloquial e industrial, dado a Floresta com Araucária. O processo de modificação destas práticas e perspectivas nos Campos de Cima da Serra ocorre de maneira peculiar, impulsionado pela migração e expansão da indústria madeireira.

¹³⁸ Avé-Lallemant, Robert. *Op. Cit.*, 1980, p. 82.

¹³⁹ *Ibidem*, p.63.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p.61.

3. MIGRAÇÃO E A INDÚSTRIA MADEIREIRA

3.1 MIGRAÇÕES E MIGRANTES

O sujeito considerado “outro”, ou a categoria imigrante, começa a ser estudada do século XIX para o XX pelo campo sociológico quando o capitalismo se consolida. O estrangeiro foi estudado não somente pela história e sociologia, mas também pela economia, psicologia e demografia.¹⁴¹ É importante estudarmos este imenso arsenal de teorias para compreender os caminhos possíveis de investigação.

Eunice Sueli Nodari traz importante revisão dos autores que estudaram o processo de migração, que podem nos ajudar a pensar sobre uma história destes processos migratórios. Salienta a importância de alguns autores que versaram sobre a migração, tais como Wolfgang Köllmann e Peter Marschalck, os quais em uma obra de 1973 trazem alguns pontos importantes analisando a decisão de migrar. O contexto econômico e social do local de origem é importante, tendo em perspectiva a possibilidade de manter sua sobrevivência e superação econômica no local de destino. Tomada de decisão consciente para estes autores:¹⁴²

(...) as pessoas que partem, além de terem conhecimento da região de destino, também têm feito uma avaliação do local pelas suas próprias normas sociais, fazendo com que o ato de migrar seja resultante de uma tomada de decisão consciente, pelo menos no momento, independentemente do tipo de motivação para abandonar a região.¹⁴³

A migração é um conceito complexo por envolver múltiplas variáveis. Ao longo do tempo inúmeras teorias tentaram abranger os níveis micro e macro. Segundo Mauro Augusto dos Santos podemos dividir algumas teorias em blocos. A Teoria Microeconômica Neoclássica, por exemplo pressupõe que os humanos que são animais

¹⁴¹ TEDESCO, João Carlos. **Estrangeiros, extracomunitários e transnacionais: paradoxos da alteridade nas migrações internacionais: brasileiros na Itália**. EDIPUCRS, 2010, p. 28.

¹⁴² NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina**. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2009, p.30.

¹⁴³ *Idem*.

racionais, capazes de calcular racionalmente suas escolhas¹⁴⁴, sendo assim:

(...) o migrante é um indivíduo racional que decide migrar a partir de um cálculo de custos e benefícios que o leva a ter uma expectativa de retorno positivo geralmente monetário – obtido com o movimento. Os indivíduos escolherão como destino locais onde, levando em consideração as suas habilidades pessoais, possam ser mais produtivos. No cálculo racional desenvolvido pelo migrante, este levaria em consideração o salário que irá receber e os custos associados ao movimento.¹⁴⁵

Outro bloco de teorias de migração: Novos Economistas da Migração do Trabalho, apresenta a influência do grupo além do indivíduo ou da família. Levam em consideração os grupos de suas relações sociais e culturais, especialmente ligados ao domicílio e a unidade de produção e consumo, onde essa migração minimizaria os riscos de queda do padrão de vida.

A decisão de migrar norteia-se na comparação do grupo referencial com o novo grupo, considerando a possibilidade de manutenção e/ou a melhoria das condições de vida e de status social, sendo assim:

Stark & Taylor (1989) concluem que os domicílios tenderão a enviar seus membros para locais onde o retorno potencial do movimento migratório seja grande o suficiente para que possa alterar a posição relativa do domicílio na escala de distribuição de renda e onde o risco de substituição do grupo de referência seja o menor possível.¹⁴⁶

A estabilidade econômica e racionalidade são a tônica destas teorias. Ainda é possível ver dentro desta perspectiva a ênfase na família

¹⁴⁴ DOS SANTOS, Mauro Augusto et al. **Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias**. Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010, p.7.

¹⁴⁵ DOS SANTOS, Mauro Augusto et al. *Op. Cit.* 2010, p.7.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p.8.

e no círculo mais próximo. A racionalidade da escolha se basearia, segundo Mincer:

(...) os ganhos de toda a família, e não de um único indivíduo, são os elementos motivadores dos movimentos migratórios de domicílios inteiros. No caso da migração em família, os ganhos são calculados a partir da diferença entre o somatório dos retornos obtidos por todos os membros e o somatório dos custos que cada um dos membros terá com a migração. Mincer (1978) conclui que as famílias tendem a migrar menos, pois os retornos da migração aumentam menos que os custos. O somatório dos ganhos do casal com a migração deve resultar em um valor positivo, caso contrário esta não ocorrerá.¹⁴⁷

Mesmo que para um dos migrantes o saldo seja negativo, o que pode gerar conflitos, a família é importante parte desta decisão. A família não é definida apenas por ligações sanguíneas e/ou parentais mas também por relações de “direitos e deveres, status relativo e padrões de autoridade”¹⁴⁸, sendo que: “Para Harbison, a família seria, para a maioria das pessoas, o contexto no qual é tomada a decisão de migrar(...)”¹⁴⁹. Deste modo, funcionando como uma importante rede sócio-cultural, dando informações da origem e do destino.

A função da família como unidade de subsistência será determinada pelo seu tamanho e qualidade dos recursos, pela tecnologia e outros aspectos do sistema sócio-cultural que afetem a produtividade e, por último, pelo status relativo do indivíduo dentro da família, que leva a diferentes formas de acesso ao total da produção familiar.¹⁵⁰

Os autores que investigam as teorias migratórias salientam ainda as análises que levam em consideração o nível macro de investigação sobre migração. Entre eles Ravenstein e Lee, que

¹⁴⁷ *Ibidem*, p.9.

¹⁴⁸ DOS SANTOS, Mauro Augusto et al. *Op. Cit.* 2010, p.9.

¹⁴⁹ DOS SANTOS, Mauro Augusto et al. *Op. Cit.* 2010, p.9.

¹⁵⁰ *Ibidem*. p.10.

discutem a seletividade dos migrantes, ou seja, quais atributos individuais que selecionam os imigrantes.¹⁵¹ Ravenstein em seu estudo de 1885, analisando censos ingleses de 1871-81, elaborou algumas leis que guiaram seu trabalho:

- a) há uma estreita relação entre os movimentos migratórios e o desenvolvimento do capitalismo;
- b) tanto a população quanto as atividades econômicas estão espacialmente distribuídas de forma desigual, havendo regiões com excedente de mão-de-obra e outras com escassez, o que levaria à existência de áreas de absorção (centros comerciais e industriais) e áreas de dispersão de mão-de-obra (regiões agrícolas);
- c) o principal elemento motivador dos movimentos migratórios é a procura por mão-de-obra nos grandes centros industriais;
- d) os migrantes se deslocam buscando melhorar a sua situação material.¹⁵²

Autores importantes citados por Nodari, como Colin G. Pooley e Ian D. Whyte, elegeram cinco problemas das pesquisas sobre o tema migração: primeiro, as pesquisas baseadas somente em dados quantitativos generalizam e desumanizam o processo; o segundo – compondo também o primeiro – é o exagero em dados estatísticos; o terceiro diz respeito a falta de grandes estudos que relacionem os dados com as pessoas em comunidades maiores não somente em pequenas comunidades; o quarto problema é o pouco uso ou a escassez de fontes pessoais, como cartas diários, etc; o último problema é a concentração dos estudos em certos períodos com mais dados estatísticos.¹⁵³

Estes problemas configuram até hoje para os/as historiadores a dificuldade de conciliar os dados com os personagens sem esquecer a inter-relação do macro com o micro. Neste processo devemos analisar os personagens como agentes capazes de escolha e não como massa em uma história linear com início, meio e fim. A dificuldade da pesquisa, não somente em migração, está muitas vezes em relacionar as questões micro-macro. Neste sentido, a história ambiental pode contribuir para

¹⁵¹ *Ibidem.* p.10-11.

¹⁵² *Idem.*

¹⁵³ NODARI, Eunice. *Op. Cit.*p.. 31-32.

uma conexão mais acirrada entre estes quesitos, à medida que analisa desde grandes questões ambientais até pequenas interpretações de sentimentos, cheiros, cores e gostos.

Outra importante perspectiva está presente nos conceitos de territorialização, desterritorialização, reterritorialização, comumente abreviada para TDR. Valendo-se da característica prementemente interdisciplinar da História Ambiental, pode-se invocar estes conceitos que são discutidos na Filosofia e muito utilizados na Geografia e demais ciências humanas.

Alguns dos principais autores desse tema são: Storper, Ianni, Neves, Andrade, Saquet, Oliven e Haesbaert.¹⁵⁴ Porém, é preciso salientar que estes conceitos são oriundos da filosofia e têm como importantes pensadores Gilles Deleuze e Félix Guattari. São muito utilizados na geografia, principalmente a partir da sua renovação na década de 1970, com as reinterpretações dos conceitos de território. Atualmente são usualmente discutidos pensando as questões referentes à Globalização e os seus múltiplos derivados, como a situação de milhões de refugiados.

Os conceitos de TDR são introduzidos principalmente nas obras *O Anti-édipo* de 1972, *Mil Platôs* de 1980 e *O que é filosofia* de 1991. O problema discutido pelos autores trata como procede a construção e destruição/abandono dos territórios levando em consideração diversas facetas, sejam elas, econômicas, sociais, culturais. Da mesma forma que os agenciamentos e intensidades dos processos de TDR.¹⁵⁵

A base destes conceitos está calcada na filosofia, cujos prósrios autores denominam teoria das multiplicidades, a qual pretende vencer as dicotomias entre natureza/história e corpo/alma, por exemplo.¹⁵⁶ Partindo disso os conceitos devem ser pensados não hierarquicamente, em uma alusão à flora, não em um modelo raiz-tronco-galhos, mas em rizoma.¹⁵⁷ Rizoma é um tipo de caule comum a algumas plantas, usualmente encontrada em superfícies arenosas e de crescimento horizontal. Utilizando este modelo constrói-se pensamentos sem um

¹⁵⁴ CHELOTTI, Marcelo Cervo. *Op. Cit.*, p.168.

¹⁵⁵ HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. Desterritorialização Na Obra Deleuze E Guattari. **Revistas do Programa de Pós-Graduação em Geografia** da UFF, GEOgraphia, 2002, vol.4, nº 7, p.1.

¹⁵⁶ HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. Desterritorialização 2002, *Op. Cit.*, p.4.

¹⁵⁷ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

ponto central ou hierarquias. Para entender rizomaticamente determinado objeto, é preciso ter em mente suas conexões, heterogeneidade e multiplicidade:

Inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito. Inexistências de unidade ainda que fosse para abortar no objeto e para “voltar” no sujeito. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade).¹⁵⁸

No pensamento rizomático, diferentemente do estrutural, não existem pontos, mas linhas; não há uma origem ou ponto de onde deve partir a análise. Quando se pensa o território rizomaticamente, são múltiplos os vetores possíveis, dentre eles: territorialização e desterritorialização. Qualquer coisa pode ser considerada um território desde que estabeleça uma ligação com o que foi perdido ou adquirido. Leva-se em consideração não só o material, mas também o psicológico, o cultural, o social e o econômico.

A desterritorialização é dividida em dois aspectos: um absoluto e outro relativo. O absoluto seria referente ao pensamento e o relativo ao processo de perda e reconstrução de territórios na sociedade.

Podemos citar como exemplo da desterritorialização relativa, a mudança de práxis e visão sobre a terra. As comunidades pré-capitalistas ou “tradicionais” eram, segundo os autores, ligadas à terra como parte de seu *socius*. Na sociedade capitalista por sua vez, o estado assume o controle sobre a terra. Modifica-se a relação e o modo de utilizar o espaço: há uma desterritorialização.¹⁵⁹

São os processos de abandono, por diferentes motivos e com diversas ramificações, que formam um novo território. Processos de significação, de adequação de espaços e de enquadramentos que formam diferentes paisagens.

Há ainda a TDR cotidiana, na qual atuamos em diferentes espaços. Um bom exemplo é o trabalhador safrista que vive em uma

¹⁵⁸ *Ibidem*. p.15.

¹⁵⁹ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim, s/d. [ed. original: 1972].

cidade fora da época da colheita, sua vivência é diferente nestas duas funções. Há mecanismos de adaptação e readaptação em cada um deles.

A função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual “se” abandona o território. É a operação da linha de fuga. Porém, casos muito diferentes se apresentam. A D pode ser recoberta por uma reterritorialização que a compensa, com o que a linha de fuga permanece bloqueada; nesse sentido, podemos dizer que a D é negativa. Qualquer coisa pode fazer as vezes da reterritorialização, isto é, “valer pelo” território perdido; com efeito, a reterritorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um livro, sobre um aparelho, sobre um sistema [...] ¹⁶⁰

Uma das principais características do conceito de TRD é a defesa de que não existe uma desterritorialização sem em seguida uma reterritorialização, as duas são conexas e dinâmicas. Mesmo em situações de transição sem a posse legal e efetiva de casa ou terras a reterritorialização pode acontecer baseada em memórias, objetos, pessoas e comunidades.

Dentro desses processos existem muitos vetores possíveis de investigação, entre eles a quebra de vínculos com o território e a construção de outros. Uma possível análise pode ser feita através da paisagem, entendida não como algo dado ou natural, mas construído. Enquadramento biológico, material (através de ferramentas) e psicologicamente, formando sonoridades, odores, cores, texturas, etc. Nesse sentido devemos levar em consideração a migração por diferentes motivos e com diferentes características.

Todas estas diferentes perspectivas nem sempre cabem ao mesmo objeto, assim é importante relê-las criticamente e utilizá-las de acordo com o estudo, não ao contrário.

Em um primeiro momento os imigrantes europeus foram desterritorializados, com o avanço industrial tardio em seus locais de origem. Imigrando para o Brasil, sofreram e agenciaram o processo de reterritorialização. Seus descendentes foram desterritorializados das

¹⁶⁰ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol.2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 224.

colônias, à procura de novas terras para manter sua sobrevivência e para tanto reterritorializados em diferentes partes do Brasil.

Através da perspectiva da História Ambiental leva-se em consideração as características destes dois ambientes nos quais ocorreram estes processos. A Fitofisionomia em que imigrantes ítalos e teutos se adaptaram primeiramente foi a Floresta de Araucária (Floresta Ombrófila Mista). A colonização nesta fitofisionomia foi caracterizada pelo minifúndio. A migração dos descendentes destes migrantes avançou também para a fitofisionomia de Campos de Altitude, como percebemos nos tópicos anteriores caracterizada pelas grandes propriedades. Na adaptação a estes diferentes ambientes modifica-se o olhar, o modo como se organiza a casa, o modo de preparar a terra e plantar. Interessante perceber que os processos de TDR estão sempre acontecendo mesmo depois da fixação em um novo território.¹⁶¹

A migração para novos espaços é também consequência da busca de novas terras. As colônias no sul do Brasil, principalmente em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, mediam aproximadamente 25 hectares. O tamanho dessas colônias dificultava a divisão entre os filhos que buscavam através da migração novas terras. Para Ellen Woortmann, a migração é parte de uma condição camponesa que tem a terra como requisito primordial de reprodução social. Desse modo, pode ser entendida como a resposta da pressão demográfica e influenciada pelos modelos de organização familiar.

A emigração, portanto, não se explica apenas por fatores que são externos ao campesinato – guerras, imposições governamentais, dissensões religiosas, pressão da grande propriedade, etc –, mas também a partir do próprio sistema camponês. Ela é, ao mesmo tempo, desencadeada por e organizada pelo sistema de parentesco: uma dimensão desse sistema, como o padrão de herança, expulsa pessoas; outra dimensão, o “espírito de parentesco”, faz com que a migração se faça através de grupos de parentes (irmãos, primos, etc, assim como afins) que irão replicar o modelo em outro lugar – para, em seguida, recomeçar tudo de novo.¹⁶²

¹⁶¹ CHELOTTI, Marcelo Cervo. *Op. Cit.*, p.178.

¹⁶² WOORTMANN, 1995, p. 116.

Na obra *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*¹⁶³, Jean Roche define o termo “enxamagem” em um comparativo aos enxames de abelhas que migram em busca de lugares onde o néctar, tão precioso, é mais abundante. Porém, neste comparativo não levou em consideração que “a enxamagem humana implicava uma degradação ambiental”¹⁶⁴

A comunidade das abelhas que age com homogeneidade é então o parâmetro para a comunidade colonial, esta aproximação com a ecologia de uma espécie diferente suscita inúmeras questões. Os novos estudos sobre imigração, migração e meio ambiente atentam para o fato de que estes são processos dinâmicos e de forma nenhuma homogêneos.

3.2 MEMÓRIAS E MIGRAÇÕES

A questão de ter a “origem” nesta região fez com que um primeiro elo de igualdade fosse estabelecido com os entrevistados. O segundo é o “quem indica”, ou seja, a rede que me liga de alguma forma aos entrevistados. Mas as diferenças também se salientam, o fato de ter “saído” da região e estudado em uma Universidade faz com que uma distância seja estabelecida e esta modifica o discurso. Para Portelli¹⁶⁵ as diferenças e a igualdade se relacionam e devem ser trabalhadas e pensadas durante todo o processo de História Oral.

Somente a igualdade nos prepara para aceitar a diferença em outros termos que hierarquia e subordinação; de outro lado, sem diferença não há igualdade – apenas semelhança, que é um ideal muito menos proveitoso. Somente a igualdade faz a entrevista aceitável, mas somente a diferença a faz relevante. O campo de trabalho é significativo como o encontro de dois sujeitos que se reconhecem entre si como sujeitos, conseqüentemente isolados, e tentam construir sua igualdade sobre suas diferenças de maneira a trabalharem juntos.¹⁶⁶

O fato de ser natural do município de Vacaria muitas vezes trouxe identificação e por conseguinte empatia e confiança para falar, mas em outros casos salientou ainda mais as diferenças. Esta paisagem é

¹⁶³ ROCHE, Jean. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Editôra Globo, 1969.

¹⁶⁴ CORREA, Sílvio Marcus de Souza; BUBLITZ, Juliana. **Terra de Promissão: uma introdução à eco história da colonização do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2006. p.54.

¹⁶⁵ PORTELLI, Alessandro. *Op. Cit.* p.17.

¹⁶⁶ *Idem.*

por mim e pelos entrevistados conhecida, por isto não busco traduzi-las, mas destrinchá-las através da memória redesenhada oralmente e fotograficamente.

Considerando as discussões anteriores, percebemos que os primeiros imigrantes chegados ao Brasil Meridional, na segunda metade do século XVIII, eram em sua maioria portugueses insulares; a partir do século XIX chegaram suíços, poloneses, alemães e italianos.¹⁶⁷ As primeiras regiões a receberem imigrantes alemães foram a encosta da Serra e da Depressão Central a partir de 1824. Já em 1875 são os imigrantes de maioria italiana que avançam pela região de mata na Serra. Estes empreendimentos se deram, segundo João Klug:

A partir da segunda metade do século XIX, verificou-se uma junção de interesses entre o poder público e as empresas privadas. A fundação de novas colônias valorizava a terra e aumentava o controle do Estado sobre novas áreas. Terras devolutas eram transformadas em mercadoria e vendidas em pequenas parcelas, o que, em algumas regiões do sul do Brasil (oeste de Santa Catarina, por exemplo), implicou a expropriação de antigos ocupantes, como posseiros, caboclos e, sobretudo, índios, que gradativamente foram sendo confinados ou exterminados.¹⁶⁸

Por sua vez, o Planalto era desde o século XIX uma “preocupação” para o governo imperial – e depois para o provincial – pelas suas características de fronteira, mas somente em 1890 a primeira colônia oficial seria fundada. De acordo com Juliana Bublitz:

O final do século XIX ainda seria marcado pelo início da ocupação das últimas áreas florestais da Província, com a implementação das chamadas

¹⁶⁷ BUBLITZ, Juliana. **Desmatamento Civilizador: A História Ambiental da Colonização Européia no Rio Grande do Sul (1824-1924)**. III Encontro da ANPPAS, 23 a 26 de maio de 2006. Brasília – DF, p.2.

¹⁶⁸ KLUG, João. Imigração no sul do Brasil. In: __GRINBERG, Keila, SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial III:1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.205-206.

“colônias mistas” no norte do território que hoje compreende o Rio Grande do Sul. Em princípios do século XX, seria desencadeado o povoamento sistemático do Alto Uruguai e do Alto Jacuí, acompanhando os trilhos do trem (Gelpi e Wickert 2005) e fazendo recuar os grupos indígenas remanescentes, Erechim (1908), Santa Rosa (1915), Guarita (1917) surgiriam neste processo e se tornariam “enormes clareiras na mata”, das quais seria impulsionado o povoamento “em todas as direções, estabelecendo a junção entre os núcleos iniciais” (Nilo Bernardes 1997, p.77). Em 1924, cem anos após o início da colonização, todas as áreas de mata da província já estariam praticamente ocupadas.¹⁶⁹

Além da região do Alto Uruguai e do Alto Jacuí, no Rio Grande do Sul, a migração também ocorreu para os Campos de Cima da Serra, apesar de em menor intensidade se relacionadas com as colônias mistas. Nos Campos onde reinam as grandes estâncias, os migrantes advindos das pequenas propriedades chegavam para trabalhar nas serrarias, madeireiras e nos moinhos. O modelo português colonial difere muito do sistema da imigração para o sul do Brasil, estas diferenças colocaram as estruturas vigentes em discussão, como a estrutura fundiária e a escravidão.¹⁷⁰ Neste processo entram em conflito diferentes propostas para o “progresso” e “ocupação” do país, de um lado o latifúndio e de outro a pequena propriedade.

É importante problematizarmos porque então as primeiras iniciativas de colonização não se dirigiram aos Campos de Cima da Serra. Sobre a chegada dos imigrantes na Serra e sua instalação primeiramente na região Florestal, e não de Campos; Michelon, na entrevista realizada, relata:

Eles se instalaram tudo em região de serra né, ninguém pegou região de Campo porque não tinha como fazer as roças e as lavouras que eles

¹⁶⁹ BUBLITZ, Juliana. *Op. Cit.* 2006. p.2.

¹⁷⁰ KLUG, João. In: __GRINBERG, Keila, SALLES, Ricardo. *Op. Cit.* 2009, p. 207.

queriam fazer; a terra de campo, ela tem que ser muito bem preparada para produzir.¹⁷¹

No final do século XIX a região de Campos já estava praticamente ocupada majoritariamente pelas grandes propriedades, mas também por algumas pequenas propriedades legalizadas ou não. Mesmo assim encontra-se recorrentemente a justificativa de que a terra dos Campos não é tão produtiva. Além dos motivos experienciados e repassados através das gerações, a qualidade da terra dos Campos para cultivo ou pastoreio era debatida por teóricos em meios específicos, bem como em jornais. No relato de Gasperim percebemos também a memória da chegada na região florestal das primeiras colônias e as primeiras atividades realizadas:

Os meus bisavôs vieram da Itália da região de vila em Belluno em 1886. Vieram para o Brasil e se estabeleceram na região de Farroupilha, Rio Grande do Sul, em um lugar chamado Linha Palmeiro. Se estabeleceram ali, já receberam o seu quinhão de terra distribuído pela colonização da época já com o lote demarcado aonde tinha que se localizar. Então já chegaram e se localizaram na área destinada para eles e começaram a trabalhar, então abrir a mata explorar agricultura inicialmente pecuária, suínos, aves alguma coisa que pudesse dar retorno financeiro.¹⁷²

Nas diversas entrevistas se encontra a construção de uma história de lutas e vitórias. A natureza deveria ser controlada pela força do trabalho humano, demonstrando o triunfo do empreendimento. Inicialmente, os imigrantes desmatavam para implementar a lavoura. As colonizadoras¹⁷³, no começo da imigração, lucravam com a retirada e

¹⁷¹ MICHELON, Romualdo. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

¹⁷² GASPERIN. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

¹⁷³ Para saber mais sobre as colonizadoras que atuaram no Estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina: NODARI, Eunice Sueli. Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras. **Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, v. 10, n. 10, p. pp. 29-51, 2002; GRITTI, Isabel R. **Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: A Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro**

venda da madeira. Nos relatos sobre o início da colonização, os imigrantes salientam as dificuldades que a Araucária representava, já que não possuíam conhecimento de manejo da Floresta Ombrófila Mista.

Os primeiros colonizadores encontram ótimos auxiliares na pessoa dos índios que habitavam aquelas matas, cultivando milho e feijão. Em troca de um prato de bóia, trabalhavam na roça, cortavam o mato, faziam lenha... (...) O pinheiro, hoje tão valioso e cobiçado, representava inquietante pesadelo e sério problema ao recém-chegado colonizador europeu. Sem técnica alguma, sem pratica de corte, era-lhe difícil a derrubada dos enormes troncos, que por vezes caíam sôbre as casas, matando pessoas e causando prejuízos materiais. Resistindo ao fogo das queimadas, dormiam anos, quais gigantes deitados, roubando espaço da roça, impondo barreiras aos passos laboriosos do agricultor. O imigrante aborrecia o lote de pinheiros. Às vezes, abandonava a terra oferecida pelo Governo, a fim de comprar outra de mato branco¹⁷⁴, onde não houvesse o entrave do pinheiro.¹⁷⁵

Irmãos. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997; MANFROI, Olivio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais.** Porto Alegre: Grafosul/IEL, 1975; ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Editora Globo, 1969; MAESTRI FILHO, Mário José; TREVISAN, Armindo. **Nós, os ítalo-gaúchos.** Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

¹⁷⁴ “A Floresta Estacional Decidual (FED) anteriormente era denominada de Floresta Subtropical do Rio Uruguai e conhecida pelos colonos como “Mata Branca”, para distingui-la da “Mata Preta”, a Floresta Ombrófila Mista (FOM) onde existiam araucárias.” NODARI, Eunice Sueli. “Mata Branca”: o uso do machado, do fogo e da motosserra na alteração da paisagem de Santa Catarina. **História Ambiental e Migrações.** São Leopoldo: Oikos. 2012, p. 35.

¹⁷⁵ BARBOSA, Fidélis Dalcin. **Semblantes de Pioneiros: Vultos e Fatos da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: São Miguel, 1961. p.51

O desmatamento na Floresta de Araucária de maneira mais intensa começa a ocorrer no final do século XIX, especificamente no Rio Grande do Sul, com o avanço da imigração nas áreas de floresta do Estado. Podemos perceber como a indústria madeireira despontava nesta época com uma das principais atividades entre os euro-descendentes. Especializando-se cada vez mais o setor madeireiro, proporcionava não somente as atividades de extração, mas também de beneficiamento.

O corte da Araucária fazia parte do cotidiano dos euro-descendentes. Em um livro autobiográfico, Antonio Ducatti Neto ressalta aspectos da vida cotidiana das colônias. Seus avós Trentinos chegaram ao Brasil em 1883; primeiramente instalaram-se na localidade de Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, mais tarde às margens do Rio das Antas, onde o autor nasceu¹⁷⁶. Em um subcapítulo intitulado Panorama do Novo Ambiente, descreve a paisagem em que cresceu, dando ênfase à floresta “(...) A maior parte do Município de Erechim estava tomada por espessa mata virgem e pinheiras.”¹⁷⁷. E neste ambiente: “Muito depressa aprendi a manejar o machado e a foice na derrubada do mato, e o traçador (ou serra) nos cortes de pinheiros a fim de dividi-los em toras para tabuinhas ou mesmo tábuas para cercas e galpões”¹⁷⁸.

Miguel Mundstock Xavier de Carvalho salienta que fatores do desmatamento, como a utilização de lenha no âmbito doméstico e industrial e a abertura da mata, são interligados, “(...) caso do uso da lenha na indústria madeireira, ou o aumento da demanda por produtos madeireiros devido à expansão da colonização (e que conseqüentemente levava à expansão da agropecuária) em uma determinada região”¹⁷⁹.

O desmatamento na Floresta de Araucária foi diferente do restante da Mata Atlântica por diversos motivos. Além da retirada para a produção agrícola, a extração principalmente da Araucária tornou-se importante fonte de renda, tão importante a ponto de ser considerada uma *commodity*.¹⁸⁰

Outra diferença fundamental em relação à região central da Mata Atlântica é que a região da

¹⁷⁶ DUCATTI, 1979, p.7.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p.57.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p.59.

¹⁷⁹ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. *Op. Cit.* p.71.

¹⁸⁰ Mercadoria em estado bruto ou produto básico de importância comercial, como café, cereais, algodão etc., cujo preço é controlado por bolsas internacionais. MICHAELIS: dicionário escolar da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2008. xxxix, 951p

araucária não teve no período anterior à Revolução Verde qualquer commodity agrícola comparável em importância ao café, ao cacau ou ao açúcar. A commodity do planalto sul-brasileiro foi a própria floresta, ou colocando de forma mais exata, algumas poucas espécies nativas. Entre elas se destacam a Araucária angustifolia e a *Ilex paraguariensis*, a erva-mate, que desde meados do século XIX até a década de 1920 teve uma importância econômica e social maior do que a araucária no planalto. A grande diferença entre a extração da erva-mate e o corte de araucária é que a primeira atividade era feita em bases muito mais sustentáveis, menos agressivas à floresta.¹⁸¹

Antes da ferrovia e da melhoria nas estradas existiam pequenas serrarias, engenhos de serrar que abasteciam o mercado local para a construção de estabelecimentos comerciais, casas, pontes, galpões etc. Geralmente movidas à roda d'água, o processo era quase totalmente manual, para o transporte eram utilizadas carroças puxadas a boi¹⁸².

Pedro Ari Mínela, nascido na colônia em Santa Lucia em 1926, onde seu pai já exercia a atividade de madeireiro, relatou que suas terras ficavam aproximadamente 20 quilômetros acima do rio Cai, segundo o entrevistado o trabalho era ainda muito artesanal:

A gente comprava, comprava pinheiros mas por exemplo o meu falecido pai no começo ele comprou terra com pinheiro (...) e ali ele instalou a serraria. Aquela ali naquele tempo (...) ela era tocada a serraria com o locomóvel. O locomóvel queimava lenha, era uma máquina assim que tinha água dentro, esquentava água e ela fervia e quando ela fervia subia ela ia fazia pressão e quando abria aquela pressão tocava, a máquina toca a serraria

¹⁸¹ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. 2006. *Op. Cit.* p.103.

¹⁸² *Idem.*

Percebe-se a diversidade de tecnologias em um mesmo período, sendo que para Minela a locomóvel ainda era artesanal comparada com as tecnologias utilizadas em serrarias maiores. Fica evidente que nas primeiras serrarias a extração dos pinheirais estava ligada, muitas vezes, à posse da terra, na migração para novas áreas em busca de novos pinheirais o investimento se destinava nos pinheirais. A família Gasperin, da mesma forma, começou na indústria madeireira com serrarias nas colônias.

Na época em que eles não tinham muito serviço na área de colônia eles prestavam serviço pro governo estadual ou governo federal. Ganhava por dias trabalhados para ajudar na abertura de novas estradas fazer algumas pontes ou alguma balsa então eles recebiam também pagamento do governo federal ou estadual. Na região de Farroupilha em 1912 o meu bisavô iniciou a primeira serraria na costa do rio Burati movida a água, o rodão movimentava a serraria então trabalharam ali alguns anos.¹⁸³

O tempo em que trabalhavam para o governo na construção de estradas geralmente era o interstício entre uma plantação e a colheita, por exemplo, ou ainda no caso das primeiras plantações não obterem o resultado esperado. Estes serviços ajudavam a acumular capital para melhorar as condições na colônia, e adquirir material necessário para a construção de moinhos e serrarias, nos primeiros anos comumente movidas a água. O processo de retirada da mata nas primeiras colônias, conta Michelin, era intenso e parte do cotidiano das famílias e comunidades:

E assim os imigrantes eles se instalaram todos em regiões onde tinha rios para poder tocar os moinhos, primeiramente os moinhos de farinha e milho feito a pedra e isso a gente tem que levantar as mãos para o céu. Esse sistema que eles usavam na época com o mínimo de ferramentas e fazer aquelas monstras casas que eles faziam, desdobrava madeira primeiramente, eram

¹⁸³ GASPERIN. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

rachados e depois eles tinham a serra de mão. Aonde se fazia um estaleiro até com dois metros e meio de altura e rolava as toras em cima onde um trabalhava em cima e dois trabalhavam embaixo com um cabo comprido aonde um puxava aquela serra de mão pra cima e dois pra baixo, e o interessante era a forma de marcar essas madeiras. Com carvão e água e uma linha de três, quatro metros de comprimento aonde eles molhavam no carvão e faziam na grossura da pitola da tábuca de um lado e no outro, enquanto dois seguravam um puxava a linha pra cima e largava certinha ela marcava para o de cima controlar a linha da grossura da tábuca.¹⁸⁴

Percebe-se que a localização da instalação da serraria era pensando de acordo com a possibilidade de energia como a força dos rios. Da mesma forma as ferramentas, utilizadas para a construção das instalações domésticas e de beneficiamento de grãos e madeira, eram de difícil aquisição e de complexo manuseio. Um exemplo disto está no relato acima, ao salientar a serra de mão, a qual necessitava de três ou mais trabalhadores. Detalhes, como a forma de marcar onde a tora deveria ser cortada – na época com carvão, água e linha – demonstram que a memória sobre a Floresta está muitas vezes ligada aos modos de transformá-la. Estas práticas formam uma paisagem colonial que mistura a Floresta Ombrófila Mista, os métodos de trabalho e moradia dos imigrantes de conhecimento anterior e apreendido com os grupos locais.

Ao longo das entrevistas, fotografias compunham as memórias dos colaboradores (as), os detalhes sobre o início da colonização, a migração e principalmente as informações técnicas das serrarias. A fotografia tem um papel crescente a partir de 1860 nos grandes centros mundiais, tornando diferentes realidades conhecidas. Segundo Kossoy, o mundo torna-se portátil e ilustrado, as inovações tecnológicas gráficas tornam possível esse processo de autoconhecimento.¹⁸⁵ A aparente “imagem verdadeira” podia ser manipulada e interpretada ao gosto da denúncia, o que torna a fotografia um complexo documento histórico passível de análise.

¹⁸⁴ MICHELON, Romualdo. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

¹⁸⁵ KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. Ateliê Editorial, 2001, p.27.

Sendo assim, as fotografias não participam do processo de rememoração somente como um complemento às fontes orais e documentais. São uma escolha do integrante da paisagem que a enquadra de acordo com sua visão de mundo, revelando mais do que visualizamos. A realidade expressada nas fotografias é composta por uma rede de signos e significações que necessita de uma análise histórica para ser decifrada.¹⁸⁶

É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época não só pelo passado ao qual ela nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona. Um passado que revela, através do olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. Um sentido individual que envolve a escolha efetivamente realizada e um coletivo que remete o sujeito a sua época. A fotografia, assim compreendida, deixa de ser uma imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo.¹⁸⁷

Inferindo a gama imensa de possibilidades de escolha, é importante pensarmos o caminho que a fotografia percorreu para sua construção. Composta independentemente pelas suas materialidades e significações, deve-se levar em consideração quem faz a fotografia, como faz a fotografia e em que contextos sociais e culturais. A fotografia, com sua linguagem não-verbal possibilita perceber o cotidiano, a utilização dos espaços e mecanismos de territorialização e reterritorialização.¹⁸⁸

As fotografias presentes nesta pesquisa foram selecionadas dentre as inúmeras apresentadas durante as entrevistas. As narrativas eram reanimadas ou redirecionadas pelas fotografias, desta maneira algumas evidenciaram-se durante o processo. A distribuição ao longo do texto foi intencionalmente realizada dentro de uma organização

¹⁸⁶ MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social pela classe dominante na cidade do Rio de Janeiro, 1900-1959. 1990, p. 11.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 19.

¹⁸⁸ MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. *Op. Cit.* 1990, p. 22.

cronológica e por temas como colônias, madeireiras, transporte e cotidiano.

Uma destas fotografias é a serraria da família Gasperin, às margens do Rio Burati, no atual município de Farroupilha. A serraria foi criada em 1912, a Figura 04 é uma serraria, segundo o álbum da família, de propriedade de Fioravante Gasperin e Pedro Giacomet.

FIGURA 4: Madeireira Gasperin – 1912. Rio Burati/Farroupilha–RS



FONTE: Arquivo pessoal de Gasperin

Na fotografia acima podemos identificar três planos: em primeiro plano um grupo de pessoas devidamente alinhadas para o momento de produção da imagem; em segundo plano as toras empilhadas, a versão processada, as construções para beneficiamento e moradia; no terceiro plano está a Floresta densa. O grupo que está no primeiro plano da fotografia são alguns trabalhadores, um de braços abertos e outros dois perto do meio de transporte de toras da época; à

frente está a família.¹⁸⁹ Estes momentos de produção da fotografia geralmente eram parte dos dias festivos que reuniam os proprietários, suas esposas e filhos assim como os trabalhadores das diferentes funções e em alguns casos suas famílias.

Estas famílias mesmo possuindo uma boa estrutura econômica, buscavam crescimento financeiro e ascensão social que as madeireiras proporcionavam. A primeira migração da família Gasperin foi para Tapera, no Rio Grande do Sul, em 1930, instalando uma nova madeireira:

(...) depois foram se difundindo porque os filhos já estavam criados, já estavam assim com aquela pratica de trabalhar com madeira, ai então se espalharam. Tinha 8 filhos homens e mais umas três filhas mulheres, então se espalharam uns foram para a região de Sarandi outros pra região de Passo Fundo os meus pais pra região de Erechim. Outros senhores na região de Lagoa Vermelha, todos na exploração da madeira.¹⁹⁰

A prática do trabalho nas madeireiras fazia parte da sociabilidade familiar. Sendo assim a divisão das terras entre os filhos e filhas partia da premissa de que este ramo deveria ser perpetuado pelos descendentes. As filhas mulheres não recebiam esta tarefa geralmente sua parte era assumida pelo esposo, o que não significa que não participavam do trabalho cotidiano das serrarias. A diferenciação das incumbências no trabalho era balizada pelas questões e gênero mas também de classe social. Percebe-se na Imagem 05, que mostra a serraria de propriedade dos irmãos Gasperin em 1928, na linha Etelvina em Tapera/RS, o registro de um dia diferente no cotidiano das serrarias,

¹⁸⁹ No álbum da família encontramos a seguinte descrição: Da esquerda para a direita: Luiz Gasperin (segurando uma garrafa), e ao lado sua esposa Luiza Chiesa Gasperin, Tia Polonia, Angelina Crestani Gasperin arrodada por filhos, Larieta Gasperin, a seguir a esposa de Pedro Giacomet; que assinava Baldasso Giacomet e as demais eram visitantes. Na direita da margem da foto Fioravante Gasperin (contador segurando um livro na mão, e ao seu lado o Sr. Pedro Giacomet (ao lado do cavalo) e sentados no primeiro plano de chapéu Arduino Gasperin e Dionisio Gasperin.

¹⁹⁰ GASPERIN. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

apesar de o beneficiamento dificilmente cessar fica evidente na reunião de proprietários, trabalhadores, moradores e suas famílias, de certa forma organizados para a fotografia de acordo com suas funções.

FIGURA 5: Serraria 1928 – Linha Etelvina/Tapera-RS



FONTE: Arquivo pessoal família Gasperin

Com inúmeros trabalhadores, o vapor apresenta as inovações técnicas que já se mostravam na década de 1930, a mata recém retirada e a Floresta ainda em pé. Na Figura 05 percebemos a ideia de demonstrar a quantidade de trabalhadores, na maioria das vezes em segundo plano, o volume madeirável considerável no processamento, a Floresta ao fundo, indomada contrasta com a Floresta caída a frente junto com os proprietários e sua família.

Tal qual a família Gasperin, a família de Michelon, que possuía uma colônia na costa do Rio das Antas, vê na migração para outras regiões a possibilidade de manter e/ou melhorar seu modo de vida. As propostas governamentais e particulares de outras colônias são frequentes.

(...) O pai conseguiu uma área em São Miguel Do Oeste, no oeste de Santa Catarina, ele foi para lá e não gostou, e ele já tinha vendido a área que nós tínhamos na costa do Rio Das Antas. Acabou comprando uma aqui perto do Campestre, mesmo assim era longe do asfalto dois quilômetros. A gente continuou ainda na roça, plantando na roça e aí como o terreno era muito acidentado a gente fazia roça, limpava, plantava o milho e criava assim 80, 100, 120 leitões e porcos por ano. Na hora de colher o milho a gente não colhia, largava os porcos lá dentro pra eles engordaram daí vendia quatro cinco caminhões de porco todo ano. Era a renda que a gente tinha uma vez por ano se ia na cooperativa em São Marcos com o feijão, com o milho e com o trigo que dava e se trocava por farinha, por açúcar, farinha de milho (...)¹⁹¹

A criação de porcos e animais soltos é uma prática comum na região florestal, geralmente empreendida pelos lavradores nacionais.¹⁹² Além da mudança da região Florestal das “colônias mães” para os Campos de Cima da Serra, percebemos as adaptações e trocas de experiências entre os diferentes grupos, como a forma de criação dos porcos demonstra. Enquanto as serrarias não se industrializavam, a família diversificava as fontes de renda, os migrantes buscam adequar-se às possibilidades de cultivo deste novo ambiente e da demanda da região.

Com o crescimento da exploração madeireira, uma das dificuldades era o escoamento da produção. O município de Antônio Prado/RS, participava deste comércio e buscava melhorar as estradas, facilitando o acesso às balsas no Rio das Antas:

Melhoramentos do município: A fim de facilitar o escoamento das balsas pelo rio das Antas, melhorando por essa forma as condições da nossa indústria madeireira, os interessados propuseram-se espontaneamente a concorrer em grande parte com a mão de obra para construção de uma

¹⁹¹ MICHELON, Romualdo. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

¹⁹² Mais informações sobre esta prática em: BRANDT, Marlon. *Op. Cit.* 2012.

estrada de rodagem na extensão aproximada de seis quilômetros, partindo do lote n^o 27 da linha Carlos Leopoldo até a barra do Rio da Prata com o das Antas. É uma estrada que veio trazer real vantagem aos nossos madeireiros por dar escoamento às suas balsas em ponto mais inferior do curso do rio, evitando as grandes corredeiras que muito dificultavam antes a condução das balsas. Aos colonos ali moradores não menos beneficia a estrada agora aberta.¹⁹³

As colônias preocupavam-se em manter a indústria madeireira, que já mostrava-se importante no orçamento local. O crescimento econômico e os incentivos governamentais trazem a possibilidade de melhorias no transporte da produção madeireira. Em Tapera 1937, na linha Cinco Irmãos, os Irmãos Gasperin exibem um avanço significativo no escoamento da produção, um caminhão:

¹⁹³ Relatório apresentado ao conselho municipal de Antônio Prado em 5 novembro de 1917 lei do orçamento para o exercício de 1918. Museu municipal de Antônio Prado.

FIGURA 6: Transporte de madeira – 1937

FONTE: Acervo Pessoal família Gasperin.

O caminhão possibilita um deslocamento em menor tempo com maior carga; ou seja, é peça fundamental na industrialização da Floresta com Araucária. Além disto o caminhão movimenta um comércio relacionado à estrutura necessária à sua circulação.

Desde o início do século XIX, com o começo da colonização, todas as áreas florestais do estado já estão ocupadas. Juliana Bublitz cita alguns pesquisadores da imigração que, com o intuito de desmitificar a imagem de isolamento, já falavam das relações entre caboclos, fazendeiros, comerciantes das cidades dos Campos de Cima da Serra e dos imigrantes das áreas florestais mais densas. Porém esta relação não é aprofundada, e os Campos não são considerados como uma fronteira à expansão da migração, pois já eram áreas destinadas à pecuária.

Para Juliana Bublitz “a floresta foi, sem dúvida, um elemento definidor do que se poderia chamar de uma “identidade colonial”, figurando como um elemento unificador. Os colonos, em última instância, orgulhavam-se de dominar a mata – especialmente quando

esta já se encontrava no chão”¹⁹⁴. O Desmatamento era civilizador, pois a mata representava aquilo que não era limpo e controlado; o colono trazia junto ao machado a “civilização”.

Repensando estes conceitos, analisando as fontes e a bibliografia referente à migração, percebe-se que dentre os principais motivos destes processos citam-se comumente: escassez de terras; busca pela manutenção das condições de vida; avanço da indústria madeireira; redes comerciais; familiares.

A busca pela manutenção das condições de vida e a escassez de terras era muito discutida nos jornais e relatórios oficiais. Os “moços corados, robustos, cheios de saúde” não conseguiriam manter a produtividades nas colônias, buscando novos espaços para estabelecer “a boa moralidade dos colonos”. Em artigo no jornal *Correio Rio Grandense*, em 1951, Benjamin Busato, do Município de Passo Fundo, faz notar a preocupação com a possibilidade da falta de terras para os jovens das colônias, apontando soluções e críticas.

COLÔNIAS A 70 E 80 CONTOS

Todo mundo sabe que as nossas colônias se vão terminando. Quando digo terminando quero dizer que a terra está cansando, empobrecendo, que, daqui a mais alguns anos, pouco ou nada produzirá.

Por outro lado, a colônia está aumentando duma maneira impressionante e... graças a Deus!... Isso quer dizer que a moralidade do colonos está boa... E o aumento não é só de número, de quantidade. A qualidade também é muito boa. Faz pouco tivemos a oportunidade de assistir a uma apresentação de moços da colônia a uma Junta de Alistamento Militar. Eram todos corados, robustos, cheios de saúde. Penso que quase a totalidade estava apta para os serviço dos quartéis. Mesmo em questão de moral: rapazes bons, de bons costumes. Chamou-me a atenção o fato de quase todos trazerem o escapulários do Carmo ao pescoço.

Pois bem. Tôda essa rapaziada é candidata a, pelo menos, uma colônia.¹⁹⁵

¹⁹⁴ BUBLITZ, Juliana. *Op. Cit.* p.335

¹⁹⁵ Política e Colônia. **Correio Rio Grandense**, 28 de setembro de 1951, ano 42, n.45, p.05. Política e Colônia. Benjamin Busato. Passo Fundo.

Este artigo preocupa-se com a nova geração de descendentes de imigrantes que não tem espaço para manter seu modo de vida, salientando que esta deveria ser incumbência do governo estadual e federal. As novas terras deveriam ser garantidas pois essa “rapaziada” “cheia de saúde” era candidata perfeita, segundo o ideal de desenvolvimento defendido na época de ocupação do território. Para o artigo um dos empecilhos a estas migrações eram as empresas colonizadoras, que encareciam o processo:

EXPLORAÇÕES

Quem de fato está tomando conta das melhores terras para vender são empresas particulares. Essas empresas fazem milagres. Compram enormes áreas, medem, abrem estradas, montam escritórios de propaganda em toda parte. E todo o mundo compra. Mas estas Empresas particulares são empresas, que antes de tudo, querem ganhar dinheiro. E ganham dinheiro a BALOCCHI¹⁹⁶. Diremos mal delas? Não. Fazem seus negócios. É natural.

Contudo, achamos que não está direito. Afinal, porque o Governo não toma a si esse trabalho? Pois bem. Por causa este seu desinteresse, as colônias já subiram a 70 e 80 contos. Não está certo. Está errado. Essas empresas ganham demais. Nem sabem como utilizar seus lucros. Hoje fundar uma empresa colonizadora é o melhor negócio.

Ora, quem sofre é o colono. Quando tinha direito a um pedaço de terra boa e barata, terra que é da Nação, a Nação deixa essa obrigação à mercê das empresas. A continuar assim, daqui a mais um pouco, todas as terras melhores estarão nas mãos das companhias de colonização. E o colono que se agüente. Pague, seu preço. Quando o Governo dará terra na mão do colono?¹⁹⁷

¹⁹⁶ Expressão popular equivalente a ganhar muito dinheiro muito rápido.

¹⁹⁷ Política e Colônia. **Correio Rio Grandense**, 28 de setembro de 1951, ano 42, n.45, p.05. Política e Colônia. Benjamin Busato. Passo Fundo

A busca por novos territórios é ligada à questões econômicas e administrativas, como as controvérsias entre colonizadoras e administração pública. A migração ocorreu em diferentes momentos e fases. Para percebermos o movimento para os Campos de Altitude, os registros paroquiais e cartoriais são muito importantes. Através dos registros de matrimônio, casamentos, batismos e óbitos, pode-se visualizar os movimentos demográficos. Alguns trabalhos já foram realizados utilizando estes dados, mas as análises são quantitativas e com a intenção de promover a “origem” e o trabalho realizado por descendentes de imigrantes. Utilizaremos a sistematização feita por um grupo de pesquisadoras coordenadas por Maria Neli Borges, com os dados paroquiais.¹⁹⁸ Através dos sobrenomes levantaram quantos casamentos haviam entre descendentes de italianos e, baseados no total de casamentos, formularam uma porcentagem. Através desta porcentagem podemos perceber um aumento gradual no número de casamentos entre descendentes de italianos.

¹⁹⁸ BORGES, Maria Neli Ferreira. **Ítalo-vacarienses: migrações étnicas e culturais**. Est Edições, 2006.

TABELA 1: Casamentos de descendentes de italianos na Catedral de Vacaria

Livro nº1	Ano	Total de casamentos	Total de casamentos (sobrenomes italianos)	Percentual
1	1844-1858	-	1	-
2	1859-1868	168	3	1,79
3	1870-1884	776	4	0,52
4	1884-1890	432	1	0,24
5	1897-1907	533	26	4,68
6	1907-1914	533	26	5,80
7	1914-1921	638	37	5,80
8	1922-1930	714	111	15,55
9	1930-1935	587	26	4,43
10	1935-1938	535	11	2,06
11	1938-1941	457	47	10,29
12	1941-1946	639	64	10,00
13	1946-1951	584	107	18,33
14	1951-1953	420	32	7,62
15	1953-1956	370	52	14,06
16	1956-1958	179	74	41,34
17	1958-1961	600	134	22,34
18	1961-1966	598	104	17,40
19	1966-1973	660	210	31,82
20	1973-1977	600	229	38,14
21	1977-1981	591	115	19,30

Fonte: BORGES, Maria Neli Ferreira. **Ítalo-vacarienses: migrações étnicas e culturais.** Est Edições, 2006, p.36

Estes dados, analisados através do sobrenome, desconsideram a miscigenação que houve anteriormente, apesar do caráter fechado das famílias e comunidades de imigrantes. Mesmo assim é um dado que demonstra o aumento de descendentes de italianos na região. Nota-se um decréscimo nos casamentos a partir da década de 1930, possivelmente devido as políticas de nacionalização do período.

Partindo destes dados podemos nos perguntar o que levou a este aumento de descendentes de italianos nos Campos de Cima da Serra. Para isso é importante pensar quais as ligações e conexões entre os núcleos coloniais iniciais e os Campos de Cima da Serra. Vários são os processos históricos ligados a esta migração. Luís Alberto de Boni e Rovílio Costa salientam a importância da criação da colônia de Antônio Prado, por sua proximidade à cidade de Vacaria. O comércio de mercadorias com as colônias era presente desde a formação dos primeiros núcleos, mas a criação de Antônio Prado facilitou e intensificou-o.

As relações também se davam através dos tropeiros, que buscavam vender seus produtos primários em Porto Alegre, Santa Catarina e São Paulo. Nesta rota passavam por diversas colônias recorrendo aos mercados de italianos e alemães para abastecimento. Levavam produtos como couros, queijo, lã e crinas e retornavam com objetos utilitários e produtos agrícolas da produção local.¹⁹⁹

Nos relatórios de governo, principalmente estaduais a partir da segunda metade do século XIX, percebe-se inúmeras reclamações por falta de dinheiro ou falta de iniciativas para melhorar e aumentar as estradas que ligavam as colônias aos Campos de Altitude. No relatório de 1851, sobre a colônia de Três Forquilhas, localizada onde atualmente é o município de Itati, no Rio Grande do Sul, encontramos advertência sobre a carência de estradas melhores para comercializar sua produção: “Tem prosperado depois da abertura da estrada para os campos de cima

¹⁹⁹ DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul.** Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1979, p.206.

da Serra, cujos moradores descem a comprar os produtos de sua agricultura, havendo sido a exportação em 1850 de 78:718\$000 reis.”²⁰⁰

No intuito de discutir e tomar iniciativas, as prefeituras se reuniram em um Congresso na década de 1920, do qual fizeram parte Caxias do Sul, Nova Trento, Antônio Prado, Alfredo Chaves, Nova Prata, Guaporé, Encantado, Bento Gonçalves, Garibaldi, São Sebastião do Cahy e São Francisco de Paula de Cima da Serra. Para preservar e incentivar a produção local, esta associação entre os municípios de colonização italiana pedia a criação de caixas rurais.

A comissão abaixo assignada, especialmente encarregada para elaborar sugestões práticas para a defesa da produção da região colonial, apresenta as seguintes conclusões:

- 1- Necessidade da mais ampla propaganda para a difusão da instrução publica, em toda a zona colonial, com a colaboração real e eficiente dos Governos Federal, Estadual e Municipal.
- 2- Medidas e indicações praticas para induzir o pequeno produtor a confeccionar racionalmente seus produtos, uniformizando os typos de acordo com a technica respectiva.
- 3- Providenciar junto aos governos municipaes no sentido de ser decretada uma lei fiscal pela qual o produtor isolado, que não obedecer às condições da technica racional, fosse taxado, e outra isentando aquelle que levasse sua matéria prima aos estabelecimentos particulares ou cooperativistas, onde o produto se elaborasse de acordo com o necessário aperfeiçoamento.
- 4- Auxiliar por todos os meios as cooperativas de produção que se fundarem nos municípios, com prêmios, empréstimos, garantias e facilidades, para a aquisição de machinarios precisos e mediante o concurso indispensável do Governo Federal e do Estado.
- 5- Intensificar a propaganda para a fundação de caixas rurais typo Raiffeisen, como auxiliares valiosos dessas cooperativas e que mais tarde

²⁰⁰ Relatório de Governo do Rio Grande do Sul de 1851. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=252263&PagFis=654>. Acessado em: junho de 2013. Acessado em: junho de 2013.

federadas possam criar Bancos Agrícolas, afim de facilitar e baratear á agricultura as necessárias operações bancarias.²⁰¹

Os documentos resultantes dessas reuniões, pelo que se pode averiguar, ficaram registrados nos relatórios de governo municipais. A questão da construção de estradas, que escoassem os produtos da região colonial, é levantada na reunião deste Congresso e nos relatórios de governo das primeiras décadas do século XX:

Como estivesse durante o inverno passado quase intransitável a estrada que liga este município com os campos de Vaccaria, fiz contracto com o intendente daquele município para mandar-se fazer os necessários concertos, por conta das duas intendências, por partes eguaes.

Procuramos fazer concertos provisórios pois nutri esperança que pelo principio vindouro será atacado o trabalho desse trecho da estrada <Julio de Castilhos>, segundo promessa do illustre dr. Presidente do Estado. Será um importante serviço prestado a este município, porque si tal não acontecer, durante o inverno de novo se difficulará o transito na estrada para o campo.²⁰²

Os Campos de Cima da Serra não eram lembrados somente por suas rotas de comércio, mas também como possível local para o desenvolvimento de colônias. Em abril de 1886, no jornal *A Federação de Porto Alegre*, na seção livre, num artigo intitulado *Imigração e Colonização*, Manoel Maria de Carvalho (Engenheiro nomeado pelo ministro da agricultura para tratar de assuntos sobre a imigração para o Rio Grande do Sul em 1885), rebate as críticas feitas por Trajano Virato de Medeiros (advogado em Porto Alegre, pertencente ao Partido Conservador) sobre as iniciativas da província de colonização.

²⁰¹ Caxias, 7 de maio de 1925. (Assignados) Caetano Reginato, Celeste Gobbato, Joaquim Mascarello, João Baptista Pianca. p. 39-40.

²⁰² Relatório apresentado ao conselho municipal pelo Intendente Innocencio de Matto Miller e Orçamento para 1906, Porto Alegre Officinas typograficas d`A Federação 1905, p.02.

A semelhança do que sucede como os fogos de artifício, a duração desse efeito foi rápida porque o illustríssimo presidente da Sociedade de Imigração Porto-Alegrense, o sr. C. Von Koseritz, consultado a respeito pela presidência da província refutou brilhantemente todas as censuras produzidas pelo sr. Dr. Trajano e mostrou que era muito acertado continuar-se o desenvolvimento das florescentes colônias do estado na direção dos campos de Vacaria.²⁰³

Podemos perceber que a migração para os Campos de Cima da Serra estava sendo discutida como alternativa à já crescente falta de terras, nas regiões florestais das primeiras colônias. Porém esta opção era criticada pela falta das estradas e acesso aos Campos de Altitude.

O avanço das “zonas pioneiras”, conforme Leo Waibel, geógrafo alemão pesquisador da colonização alemã no sul do Brasil, deu-se por aspectos econômicos produtivos que não atendiam o mínimo de terras para manter um padrão de vida “decente”, em uma expressão alemã *minimale Ackernahrung*.²⁰⁴ Neste sentido, considerava a área que mesclava campo e floresta como a ideal para imigração, pois proporcionava as condições ideais de produção de lenha e alimento. Conforme Waibel, as colônias de 25 e 30 hectares não eram suficientes para preservar este padrão e vida pois a terra esgotava rapidamente, já que a rotação de terras era muito curta.²⁰⁵

Tanto na literatura nacional como na estrangeira, os métodos agrícolas dos colonos europeus no sul do Brasil são altamente elogiados e considerados como um retumbante êxito. Entretanto, quando se estudam esses sistemas no campo, faz-se uma

²⁰³ CARVALHO, Manoel Maria. Imigração e Colonização. **A Federação**. Porto Alegre, abril de 1886, p. 1-2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%20188&pesq=>. **Acessado em: junho de 2013.**

²⁰⁴ “área mínima de terras que deve possuir cada lavrador, para trabalhar auxiliado somente pelos membros da família, afim de que esta mantenha um nível de vida decente.” SCHNEIDER, 2002, p.25-41.

²⁰⁵ WERLE, Marcio José. Aspectos históricos nas relações entre construções socioculturais e meio ambiente. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

observação chocante, a maioria dos colonos usa o mais primitivo sistema agrícola do mundo, que consiste em queimar a mata, cultivar a clareira durante alguns anos e depois deixá-la em descanso, revertendo em vegetação secundária, enquanto nova mata é derrubada para ter o mesmo emprego. O colono chama este sistema de roça ou capoeira, na literatura geográfica é geralmente conhecido como agricultura nômade ou itinerante. Na linguagem dos economistas rurais, é chamado sistema de rotação de terras. Este é, naturalmente, o sistema que os fazendeiros portugueses receberam dos índios, e passaram a usar desde então em suas grandes propriedades ²⁰⁶

Analisando estas fontes e relatos percebe-se que a migração dos descendentes para novos espaços visava manter esta paisagem, ou seja, este modo de organizar o espaço e a produção.

3.3 A INDÚSTRIA MADEIREIRA NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA

*Há uns dez anos, havia aqui apenas meia duzia de familias. Surgiu a indústria da madeira, e tudo se transformou, como por encanto. Vieram madeireiros de muitos municípios, quase todos de origem italiana. A população aumentou espantosamente. Cidade centenária, dormia na sua inatividade. O pinheiro operou milagre da transformação. Foi a vareta magica que acordou a bela adormecida.*²⁰⁷

²⁰⁶ WAIBEL, Leo. Princípios da colonização européia no Sul do Brasil. Revista Brasileira de Geografia, n. 2, abr-jun. 1949, p.180.

²⁰⁷ BARBOSA, Fidelis Dalcin. *Op. Cit.* p.168.

Nos relatos coletados por Fidelis Dalcin Barbosa, no trecho acima citado, percebe-se a transformação que a indústria madeireira impulsionou na região. Esta, como apontado acima, é principalmente fruto da exploração da Floresta com Araucária. A partir da década de 1930, a indústria madeireira toma conta deste setor, chegando o índice de exportação a aumentar em 302%²⁰⁸. Sua atividade avançou da área de Floresta Ombrófila Mista para a área dos Campos de Altitude.

Neste período o país alcançou altos níveis de exportação de diferentes produtos, inclusive a madeira. A crise e a recessão foram atravessadas com políticas protecionistas, objetivando desenvolver a indústria e o agronegócio de forma a defender o capital interno.²⁰⁹

Especificamente a industrialização do Rio Grande do Sul teve duas etapas principais; a primeira com a chegada de uma maior leva de imigrantes no final do século XIX, e a segunda desencadeada com a II Guerra Mundial. Com a proclamação da República em 1889, há um maior incentivo ao comércio, à indústria, ao que fazia parte do ideal de desenvolvimento²¹⁰.

Dados de Relatório Oficial dão conta que em 1904 a exportação no Rio Grande do Sul atingiu o valor de 57.183:703\$712²¹¹, enquanto em 1909 foi de 77.125:921\$721²¹² e em 1920 197.879:307\$200²¹³.

²⁰⁸ Relatório de Governo do Rio Grande do Sul. Mensagem, Getulio Vargas. Rio Grande do Sul, 1930. p. 54. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u813/> Acessado em abril de 2011.

²⁰⁹ LEOPOLDI, P. Antonia Maria. A economia política no primeiro governo Vargas (1930-1945): A política econômica em tempos de turbulência. In___: FERRERA, Jorge & Delgado. Lúcia de Almeida Neves. (org). **O Brasil republicano o tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Record Ltda, 2007, p. 243.

²¹⁰ WENTZ, Liliane Irma Mattje. Os caminhos da madeira: região norte do Rio Grande do Sul(1902-1950). Passo Fundo: Ed. UPF, 2004, p.21

²¹¹ Mensagem Enviada a Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul pelo presidente Antonio Augusto Borges de Medeiros. Porto Alegre, 1905, p. 19. Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_grande_do_sul. Acessado em; dezembro de 2011.

²¹² Mensagem Enviada a Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul pelo Drº Carlos Barbosa Gonçalves. Porto Alegre, 1910, p.35. Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_grande_do_sul. Acessado em; dezembro de 2011.

Podemos interpretar este avanço na produção como resultado dos incentivos governamentais, das novas tecnologias e o melhoramento das estradas. Nesta mesma década o recenseamento do Brasil mostra a existência 1.207 serrarias, das quais 365 encontrariam-se no Estado do Rio Grande do Sul²¹⁴.

A exploração da Araucária começou de forma mais intensiva com a construção no Paraná da ferrovia Paranaguá-Curitiba, em 1885, o que diminuiu o valor do transporte e deu início ao processo de expansão do mercado interno de madeiras²¹⁵, sendo o Paraná pioneiro e seu principal produtor no país.

De acordo com Miguel Mundstock Xavier de Carvalho, “o Rio Grande do Sul estava numa situação intermediária entre o Paraná e Santa Catarina, pois ao mesmo tempo em que já tinha em 1920 uma indústria madeireira mais desenvolvida na região de araucária (como em Passo Fundo), também tinha centenas de pequenos engenhos de serra (...)”²¹⁶. A região norte do Estado teve um impulso muito grande com a construção do trecho Santa Maria–Passo Fundo em 1889; Liliane Wentz, em seu estudo sobre a indústria madeireira no norte do Rio Grande do sul, afirma que a primeira serraria desta região foi construída em 1902. Outro fator impulsionador desta indústria foi a impossibilidade de importação da araucária no Brasil e na Argentina devido a Primeira Guerra Mundial²¹⁷.

Os dados de exportação não representam a totalidade das retiradas já que muitas das madeireiras não declaravam o total das mesmas. O volume aumentava consideravelmente, demonstrando a

²¹³ Mensagem Enviada a Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul pelo presidente Antonio Augusto Borges de Medeiros. Porto Alegre, 1921, p.95. Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_grande_do_sul. Acessado em: dezembro de 2011.

²¹⁴ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Programa de Pós-Graduação em História. **O desmatamento de florestas de araucária e o Médio Vale do Iguaçu: uma história de riqueza madeireira e colonizações**. Florianópolis, 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. p.118.

²¹⁵ *Idem*.

²¹⁶ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. 2006. *Op. Cit.* p. 120.

²¹⁷ *Ibidem*, p. 127.

expansão das vias de comércio e da importância que se incumbia à indústria madeireira.

O comércio de madeiras, no Rio Grande do Sul, representa mais da décima parte do tráfego ferroviário total do Estado, o que, por si só, bastaria para pôr em evidência a sua importância econômica. De facto, no último decênio, esse tráfego acusou:

em:

1920.....	97.480 Tons.
1921.....	92.775
1922.....	124.244
1923.....	128.929
1924.....	122.354
1925.....	166.674
1926.....	170.455
1927.....	197.589
1928.....	184.572
1929.....	226.769

A velha questão dos transportes de madeiras rio-grandenses envolve, assim, para o Estado, um verdadeiro problema econômico²¹⁸

No relatório percebe-se que de 1920 a 1929 houve um aumento de 232,63% no tráfego ferroviário da indústria madeireira. Nas décadas seguintes, 1940 e 1950, o aumento da produção coincide com o aumento da população.²¹⁹ As grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevideo se abasteceram com a Mata de Araucária em sua vertiginosa expansão urbana. Ainda de acordo com Miguel Mundstock Xavier de Carvalho, a construção de Brasília, no final de 1950, se torna um dos maiores mercados para indústria da madeira possibilitando o crescimento destas e também das pequenas cidades onde estão instaladas²²⁰. Sendo assim, podemos supor que a expansão das grandes cidades possibilitou um crescimento, mesmo que em muitos casos momentâneo, das pequenas cidades.

²¹⁸ Mensagem, Getúlio Vargas. Rio Grande do Sul, 1930. p.52. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u813/> Acessado em abril de 2011.

²¹⁹ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. 2006. *Op. Cit.* p. 132.

²²⁰ *Ibidem.* p. 134.

Pedro Ari Minella, que juntamente com seus irmãos possuía uma serraria no 8º Distrito de Vacaria – atualmente Município de Monte Alegre – relata que o setor madeireiro: “Era o único serviço, digamos, que tinha naquele tempo, não tinha as indústrias. Tinha muitas serrarias aí com 10, 15 empregados”²²¹. O transporte era por carreta, puxada por bois, até Caxias do Sul, onde era mais fácil garantir a venda para grandes madeireiras, como a Industrial Madeireira de Caxias. As estradas nem sempre estavam em boas condições; segundo Minella, como haviam muitos madeireiros e o poder público não possibilitava estas estruturas, estes se reuniam reivindicavam junto ao prefeito mais investimentos. Quando seus pedidos não eram atendidos, arrumavam as estradas utilizando a mão de obra dos trabalhadores das serrarias.²²²

Outro fato que demonstra a crescente produção madeireira e a necessidade de estrutura para o transporte era a falta de pontes nas estradas. No caminho para Caxias um particular construiu uma ponte e cobrava pela passagem, como um pedágio dos dias atuais. Assim, cada carreta de madeira pagava uma taxa para atravessar. Depois, com mais recursos e o avanço da tecnologia a prefeitura adquiria patrulas e se responsabilizava pela manutenção das estradas.²²³ A Figura 07, de Pedro Ari Minella, retrata a madeireira de sua família no Município de Vacaria:

²²¹ MINELLA, Ari Pedro. **Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi** em 20 de julho de 2011.

²²² MINELLA, Ari Pedro. **Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi** em 20 de julho de 2011.

²²³ ROSSI, Esther Mayara Zamboni. A Expansão da Indústria Madeireira e a transformação da paisagem no município de Vacaria - RS (1930-1970); 2012; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina; Orientador: Eunice Sueli Nodari.

FIGURA 7: Madeireira de Pedro Ari Minella em Vacaria – Rio Grande do Sul, 1940



FONTE: Acervo pessoal de Pedro Ari Minella.

Podemos observar na fotografia a grandiosidade dos pinheirais ao fundo, das toras e também o transporte utilizado na época, com carroça e mulas e a madeira já em tábuas. As fotos demonstram o orgulho do trabalho realizado²²⁴ e a intensidade da extração das araucárias.

Máximo Alfonso Zamban também nasceu na serra, em Antônio Prado. Mudou-se com sua família para Muitos Capões, onde “derrubaram o mato”; entretanto a terra neste local não era propícia para a agricultura e, à época, não existiam insumos, compraram uma terra com pinhais em Vacaria, também no 8º Distrito. O trabalho era, conta Zamban, “tudo a machado, veja bem, naquele tempo não tinha nem serrote”²²⁵. A terra foi comprada e o pinheiral não teve valor na compra, ou seja, não foi considerado, como mais tarde seria um bem em

²²⁴ GERHARDT, Marcos. História Ambiental (1930-85). In __: GERTZ, René & Golin, Nelson. (org). **República da revolução de 1930 à ditadura militar de (1930-1985)**. Passo Fundo: Ed. Méritos, 2007, p.528.

²²⁵ ZAMBAN, Máximo Alfonso. **Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi** em 25 de julho de 2011.

separado da terra com alto valor. Como a terra era boa para agricultura, investiram em milho e trigo. Zamban lembra que naquela época não existia a soja, cultura incentivada mais tarde. Venderam então os pinheiros, mas os compradores não conseguiram pagar; a partir disto começaram a trabalhar com serrarias.

Segundo o Zamban, o trabalho era intenso, contínuo do dia à noite, expandindo-se tão rapidamente que mudaram-se para mais perto da estrada. Depois conseguiram comprar um caminhão, um trator com guincho para puxar as toras e construíram um moinho que ajudou muito no crescimento econômico da família. Quando a família não tinha posses, de acordo com o entrevistado, a convivência era ótima. Contudo, com o dinheiro apareceram problemas, por isto vendeu sua parte da serraria e do moinho por três promissórias. Estas promissórias, segundo ele, mais tarde valiam muito pouco e possibilitaram a compra de uma Kombi na qual trabalhou como motorista. Depois voltou a trabalhar com serrarias e chegou a possuir oito. A seguir vemos duas imagens das tábuas engradeadas; na Figura 08 percebe-se o tamanho das toras e na Figura 09 a quantidade da produção em uma das serrarias descritas nesta entrevista.

FIGURA 8: Madeireira de Máximo Alfonso Zamban em Vacaria – Rio Grande do Sul, 1940.



FONTE: Acervo pessoal de Máximo Alfonso Zamban

FIGURA 9: Madeireira de Máximo Alfonso Zamban em Vacaria – Rio Grande do Sul, 1940.



FONTE: Acervo pessoal de Máximo Alfonso Zamban.

Como pode-se perceber através das descrições e registros de serrarias, houve um aumento significativo da produção madeireira a partir da década de 1930. Um dos motivos que explica a procura pela madeira de araucária é a implantação a partir da década de 1930 do 3º Batalhão Rodoviário para o asfaltamento da atual BR-116, assim como o Batalhão Ferroviário para a construção do Tronco Principal Sul. Estes novos caminhos facilitaram a comunicação e o transporte das madeiras e aumentaram a necessidade de consumo local de madeira.

Mesmo existindo centenas de pequenas serrarias no Rio Grande do Sul, as grandes madeireiras se organizavam buscando maiores incentivos do governo, aumentando sua produção e seus lucros.

Segundo pesquisa realizada para o Encontro Raízes de Vacaria, que reuniu pesquisadores dos municípios oriundos de Santo Antônio da Patrulha²²⁶, em 1951 na serra do Pelotas (região com grande quantidade de Araucárias, onde hoje encontramos o 6º distrito de Vacaria) muitas serrarias se instalaram. No livro resultante desse encontro, *Raízes de Vacaria I*, algumas são citadas: as serrarias de Ourides Quadros, a serraria da Tânia, onde a serra fita funcionava em turno integral²²⁷.

Assim como as serrarias citadas acima, existiram diversas que não deixaram documentação ou não encontram-se acessíveis, de tal feita que mesmo a História Oral não pode ser utilizada na pesquisa de algumas madeireiras descritas nesta dissertação. É o caso da madeireira Itacolomi que foi uma das maiores da região, e da qual esta pesquisa possibilitou acesso a um álbum de Família. Organizado cronologicamente, nele encontramos as serrarias da família Adames, momentos familiares e a transformação de pequenas serrarias em grandes madeiras. Na Figura 10 abaixo, uma fotografia aérea da Madeireira Itacolomi, percebemos as dimensões que esta indústria alcançou:

²²⁶ Encontro realizado para apresentar resultados de pesquisas referentes a história dos Municípios emancipados do Município de Santo Antônio da Patrulha. Os dados da pesquisa estão no livro: KRAMER, Ana Maria de Lemos et al (Org.). **Raízes de Vacaria I**. Porto Alegre: Est, 1996.

²²⁷ KRAMER, Anamaria de Lemos et al (Org.). **Raízes de Vacaria I**. Porto Alegre: Est, 1996.p. 482.

FIGURA 10: Madeireira Itacolomi, década de 1960.

FONTE: Acervo Pessoal Família Adames

Ao passo em que dominavam novas tecnologias de beneficiamento das madeiras, as serrarias passaram a ser consideradas grandes indústrias, bem como as florestas são "industrializadas". Transformar a Floresta com Araucária em um produto industrializado pressupõe estudá-la, organizá-la de forma a aproveitar seu potencial comercial, contabilizando e racionalizando tempo e trabalho empregado. A mudança não é somente de instrumentos de trabalho mas também de percepção sobre a Floresta com Araucária. Esta fitofisionomia passa de espaço simbólico e de sobrevivência para os povos indígenas à espaço símbolo do inesperado, do medo e isolamento que dificultava as primeiras plantações dos imigrantes. A indústria madeireira partindo de um contexto maior, modifica novamente esta percepção e industrializa a Floresta com Araucária. Com isto os anos de 1960 são, segundo Gasperin, o auge da exploração madeireira.

Os anos de 1960 no meu entender foram os anos dourados da madeira, uma procura imensa de madeira. O que se produzia tinha colocação imediata, o consumo da madeira a nível nacional e para exportação não tinha que chegasse; então nos anos 60 foi os anos dourados que todo madeireiro. Se saiu bem, comprou a floresta, em seguida industrializou, comprou mais floresta, industrializou e tudo isso virou uma bola de neve que gerava emprego gerava, impostos girava a economia do local, era assim maravilhoso para todos em prol da exploração o que a natureza estava oferecendo no momento. Ainda nos anos 60 teve outra particularidade, começaram a ser industrializadas as madeiras com tratores com guincho para a extração da tora; caminhões melhores tracionados com tração nas quatro rodas; e o sistema da industrialização de maquinário com a serra fita, três vezes mais rápida para a industrialização da tora. Então nessa época se passou a produzir três vezes mais do que se produzia anteriormente. As florestas começaram a ser industrializadas mais rapidamente e aí o segmento se industrializa, compra, industrializa, compra; era tão automático que a pessoa estava sempre jogando estoque na frente pros próximos cinco anos, dez anos, enquanto industrializava o que já estava em poder no momento.²²⁸

Ao se referir aos "anos dourados da madeira", o entrevistado evidencia o pensamento vigente na década de 60 em relação a economia regional, que configura a extração e crescente industrialização da araucária como o gerador de perspectivas comerciais futuras, quando realizam estoque planejado.

²²⁸ GASPERIN. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

FIGURA 11: Madeireira Gasperin, aproximadamente 1960.

FONTE: Acervo pessoal Gasperin.

A Figura 11 da madeireira Gasperin mostra o clima com nevoeiro, típico da região, a paisagem dos campos e a enorme quantidade de madeira engradeada à espera de transporte ou da valorização do mercado crescente. E a grandiosidade das araucárias, que já se tornavam solitárias.

Além da madeira de Araucária e da produção de tábuas para exportação, a utilização para outros fins e a demanda por produtos para construção de casas diversifica a indústria e aumenta a exploração madeireira, acelerando o ritmo da extração. Michelin relata que em 1964 diversificou a produção familiar utilizando o Cedro para a produção de taubilhas (telhas de madeira).

E vendo isso em 1964, eu com 14 anos, nós começamos a fazer esse tipo de serragem com cedro, onde tinha um comércio muito bom e muito rentável nas fábricas de esquadria em Caxias e Flores da Cunha. Ali que a gente começou, depois a gente melhorou um pouquinho com a máquina com motor de moer trigo, usava aquele

motorzinho com circular, então como ele não tinha muita força se usava uma circular que cortava aproximadamente nove centímetros. Daí tu passava duas vezes aquele quarto de madeira, que se chamava quarto pra ele poder ultrapassar os dois lados da madeira e ficar um corte mais ou menos reto. Depois a gente começou a fazer tabuinha para cobrir casa, isso lá por 68/69, então derrubava os pinheiros em lugares piores, porque os lugares bons a serrarias daquela época já tinham acabado.²²⁹

Na produção das taubilhas os irmãos Michelin utilizaram um motor para moer trigo, uma adaptação para melhorar e acelerar a produção; percebe-se pois que as pequenas fábricas trabalhavam paralelamente às grandes madeireiras. Interessante que no final da década de 1960 as áreas de Floresta com Araucária mais densas e antigas já estavam se esgotando e as que restavam eram propriedades das grandes madeireiras. No final da década de 1960 e 1970, as áreas com maior volume madeirável com espécimes mais antigas já haviam sido ocupadas e industrializadas pelas grandes madeireiras. Apesar das inovações tecnológicas das grandes indústrias, existiam algumas serrarias que não modernizaram seus instrumentos rapidamente, o que acarretou em diversidade de técnicas e práticas no processamento da madeira; ou seja, uma diversidade de tempos tecnológicos. O desenvolvimento das técnicas e a expansão destas práticas fazem parte do processo de formação de território dos migrantes. Isto inclui formar um grupo que compartilha práticas e conhecimentos de interferência no ambiente. Michelin detalha os processos de corte e beneficiamento das toras:

(...) mas tem achar a veia da madeira, nos que existe uma veia. Então muitas vezes se perdia pinheiros, porque alguns são lisos com uma veia boa, e tem pinheiros com umas esporas dentro, igual espora de galinha, então quando você fazia a tabuinha com aquela espora ela dava goteira. Então simplesmente derrubava fazia a primeira tora com serrote né, serrote americano, e daí se tu

²²⁹ MICHELON, Romualdo. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

rachava duas três que tinha as esporinha podia abandonar aquele pinheiro. Daí se fazia rachão, chamava-se rachão um pedaço de cinco por oito, cinco por dez, que servia para cerca pra porco, cerca pra vaca, mangueiras. E não era pregado, que naquela época não tinha prego, era amarrado com cipó; e depois que partiu (passou) a era das tabuinhas e começou a vir telhas a gente fazia adoela pra fazer quarto, barril e bordolesas (...).²³⁰

O conhecimento sobre o modo de processar a madeira nesta fitofisionomia, principalmente as especificidades da Araucária, foi construído ao longo do tempo. Através das fontes analisadas nesta pesquisa e na bibliografia anterior sobre o tema percebe-se que este conhecimento foi formatado ao longo do tempo, até atingir uma escala industrial. Experienciado e aprendido com os indígenas, depois nas primeiras serrarias das colônias, o lavrador nacional se profissionalizou e adequou ao mercado internacional. Para isto foram necessárias rapidez e técnica na produção. Estas mudanças na organização das serrarias podem ser percebidas na Figura 12 onde vemos na Indústria Itacolumi a entrada das toras no início do processamento, e na Imagem 13 da Indústria Gasperin que demonstra o aproveitamento das toras.

²³⁰ MICHELON, Romualdo. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

FIGURA 12: Madeireira Itacolumi, década de 1960.



FONTE: Acervo Pessoal Família Adames

FIGURA 13: Aproveitamento das Toras.



FONTE: Acervo pessoal Gasperin.

O desenvolvimento técnico acelerou o processo de desmatamento e facilitou o trabalho, que passa a ser planejado para um aproveitamento integral da madeira, ampliando assim o lucro obtido com a tora, conforme ilustra a Figura 13. Percebe-se nas entrevistas que, independentemente do tamanho das serrarias, em toda a região dos Campos de Cima da Serra o beneficiamento e a industrialização da madeira se desenvolvem rapidamente devido a demanda. Através de um dos entrevistados observa-se como operavam:

Então como eram as serrarias, meu pai trabalhou com locomóvel de 26 cavalos de força e eu terminei com as duas locomóveis que sobraram, uma era de 220 e cavalos e a outra com 270 cavalos de força. A Centro enquanto a serra subia aliviava o peso né, pegava a rotatória quando ela descia baixava a rotação, então nesse vai e vem uma locomóvel com pouca capacidade conseguia tocar, mas pouco. Porém depois que veio a serra de fita, que é continua, ela tá sempre comendo, aí tem que colocar máquinas melhores.²³¹

Michelon relata as transformações técnicas que foram intensificando o desmatamento, transformando pequenas serrarias em madeireiras. Uma das principais mudanças é a serra Tissot e depois a de fita²³². Ao descrever como se beneficiava a madeira, vai lembrando que tudo era movido por uma " locomotiva a fogo", que ampliava as horas trabalhadas, visto que era necessário que fosse feito o fogo três horas antes de iniciar as atividades do dia. Com a utilização das serras Tissot, uma inovação tecnológica, a madeira era mecanicamente cortada e refinada, também chamada de máquina de fazer "prancha "ou tábua grande. Porém essa inovação não serrava até o final, deixavando 20

²³¹ GASPERIN. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

²³² Sobre os diferentes processos da serra fita e serra tissot ver: ALTOÉ, Fábio Esposito. **História e evolução da colheita florestal no Brasil**. 2008; UFPR. **Material didático: Processos de Corte com Serra Fita**. Disponível em: http://www.madeira.ufpr.br/disciplinasivan/processoscorte_arquivos/Serrafita.pdf. Acessado em: janeiro de 2015; VALÉRIO, Alvaro Felipe et al. Quantificação de resíduos e rendimento no desdobro de Araucaria angustifolia (Bertol.) O. Kuntze. **Floresta**, v. 37, n. 3, 2007.

centímetros no topo, para não escapar e cair ao chão. Quando surge a serra fita o trabalho é facilitado, segundo Michelin, mas o risco de acidentes graves também cresce.²³³

O trabalho cotidiano e as diferenças técnicas ao longo do tempo estão marcadas na memória de Michelin, como trabalhador da propriedade familiar. Com sua e as demais narrativas, percebemos que existiam diferentes modos de envolvimento nesta rede, que envolve as migrações e a indústria madeireira. A migração forma uma rede com estes diferentes níveis de participação e função.

No Jornal Correio Riograndense de 1956 (Figura 14) encontramos a propaganda de uma Serraria “Tissot”, uma prática comum era a venda de serrarias completas:

²³³ Citando o processo de modernização no Alto Uruguai em Santa Catarina, Ademir Roberto Ruschel, Eunice Sueli Nodari, Miguel Pedro Guerra e Rubens Onofre Nodari demonstram como estas inovações modificaram e intensificaram o trabalho nas madeiras. “Em meados de 1965, foram introduzidas a serra-fita movida à eletricidade e a moto-serra. Já no final da mesma década, esses equipamentos, auxiliados por trator guincho e caminhão transportador de toras, se tornaram novidades entre as indústrias madeiras. No início da década de 80, as serra-fitas já haviam substituído todas as tradicionais serras pica-pau. Essa substituição quadruplicou a produção de madeira serrada por serraria, pois com o uso da serra pica-pau eram serradas, aproximadamente, 88m³ de madeira por mês e com o uso de serra-fita esse volume passou aproximadamente para 354 m³/mês.” RUSCHEL, Ademir Roberto et al. Evolução do uso e valorização das espécies madeiráveis da Floresta Estacional Decidual do Alto-Uruguai, *SC.Ciência Florestal*, v. 13, n. 1, p. 167178, 2003, p. 156.

FIGURA 14: Serraria “Tissot” à venda.

FONTE: Vende-se, serraria “Tissot”. *Correio Rio Grandense*. 28 de março de 1956, ano 47, n.12. **Museu Hipolyto da Costa- Porto Alegre.**

No processo de mecanização das madeiras, Zamban nos conta que a motosserra foi uma das principais mudanças. Sobre esta inovação relata que um de seus trabalhadores, muito habilidoso com o serrote, ao início do treinamento para trabalhar com a motosserra, comunicou que se afastaria do trabalho, pois não “precisava dessa coisa”²³⁴. A primeira motosserra elétrica foi desenvolvida em 1926, pela companhia alemã Stihl; necessitavam duas pessoas e eram pesadas e suscetíveis a quebras. Em 1950 a motosserra para trabalho individual é desenvolvida, ainda de difícil manuseio, pesava cerca de 60 quilos.²³⁵

As inovações técnicas muitas vezes ocasionavam o medo de ser substituído, ou ainda, pode-se supor, feriam o orgulho do trabalho pesado tão considerado na época, evidenciando como o corte da madeira era parte da cultura local e possuía modos peculiares de trabalho.

A exportação era uma das principais demandas, e o Brasil era um dos maiores fornecedores de madeira. Se observarmos os dados de

²³⁴ ZAMBAN, Máximo Alfonso. **Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi** em 25 de julho de 2011.

²³⁵ Engenharia Florestal da Universidade Regional de Blumenau. Uso de motosserra. Disponível em: http://www.portal.ufra.edu.br/attachments/1026_uso_de_motosserra.pdf. Acessado em: janeiro de 2015. Para saber mais: ALTOÉ, Fábio Esposito. **História e evolução da colheita florestal no Brasil**. 2008.

exportação perceberemos que a Araucária, se comparada com outras espécies, foi a árvore mais explorada da Mata Atlântica, até mesmo quando comparada à Amazônia²³⁶. Por tal importância o governo federal implantou o Instituto Nacional do Pinho – INP²³⁷, com o objetivo de desenvolver esta área e diminuir seu desperdício, implantando novas tecnologias e incentivos. Eram também consideradas outras madeiras, porém a araucária era a principal. Este comércio movimentava a região de diferentes formas, com a maior utilização de caminhões e a melhoria das estradas, o movimento de caminhões transportando toras de araucária era parte preponderante dessa paisagem.

Eu comecei a trabalhar na madeira nos anos 1962 e a minha região foi Bom Jesus. O que tinha de caminhões na estrada transportando madeira em dias de tempo bom era, se fosse comparar hoje, é igual os caminhões que você vê transportando bins que é da maçã, na época é aquele movimento de caminhões transportando bins pras maçãs. Naquela época era madeira, eram caminhões e caminhões carregados de madeira que seguiam para os destinos mais variados, mas predominava a região de Caxias do Sul e Porto Alegre; eram os centros de maior consumo de madeira, então ia tudo para essas. Depois de Caxias do Sul e Porto Alegre redistribuía-se as madeiras para outras regiões, ia mais pro sul do estado, era exportado pra Argentina, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha também.²³⁸

Esse crescimento do comércio para outras regiões, principalmente exportação, modifica as necessidades de transporte. Era

²³⁶ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Programa de Pós-Graduação em História (tese). **Uma grande empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970)**. Florianópolis, SC, 2010.

²³⁷ NODARI, Eunice Sueli. Unidades de Conservação de Proteção Integral: solução para a preservação? Floresta com Araucárias em Santa Catarina. **Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, v. 18, n. 25, p. 96-117, 2012.

²³⁸ GASPERIN. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

recorrente também a utilização dos rios para escoamento da madeira. Através de balsas, esperavam as cheias e desciam até o ponto desejado, tendo um custo baixo e empregando muitos trabalhadores. O maior volume de madeira era transportado pelo Rio Uruguai e assim exportado para Argentina. No Rio Grande do Sul, um dos rios utilizados para este transporte era o Rio das Antas.

Os caminhões aparecem como uma grande revolução não só pela praticidade e rapidez, mas também por incentivarem o desenvolvimento de rotas comerciais, com indústrias e comércios especializados em seus acessórios. A Figura 15 é um exemplo das inúmeras fotografias que os entrevistados trouxeram “reverenciando” os caminhões, geralmente carregados de madeiras.

FIGURA 15: Transporte de Madeira – Madeireira Itacolumi, aproximadamente 1950.



FONTE: Acervo Pessoal Família Adames

Nesta fotografia tirada no centro da cidade de Vacaria, atualmente a Rua Ramiro Barcelos, o caminhão e a madeira são os personagens principais, os sujeitos humanos são coadjuvantes. Nota-se um palimpsesto paisagístico, vê-se um estabelecimento relacionado a fotografia, à frente um caminhão carregado de madeiras, atrás um homem a cavalo e na mesma perspectiva do leitor(a) a máquina fotográfica e o fotógrafo. Diante das fontes analisadas, dos relatos e fotografias, nota-se que adquirir um caminhão, da mesma forma que a possibilidade de fotografá-lo, são mais que comodidades ou formas de auferir lucros, são símbolos de riqueza, uma forma de garantir status dentro das relações de poder.

A movimentação da indústria madeireira e o intenso tráfego do transporte desta indústria movimentou os Campos de Cima da Serra, transformando vilas em cidades. Gasperin relata que nas localidades onde as madeiras se instalavam vários setores das vilas eram desenvolvidos. Seu pai, depois de explorar madeiras em Tapera/RS, comprou terras com pinheiros em Campina do Sul/RS por 5 contos de reis pagos em 4 anos para a empresa JCA (Jewish Colonization Association), explorando esta região até:

(...) o ano de 1958, aí quando terminou lá veio residir em Vacaria. Nessa região de Campina do Sul em 1940 o meu pai teve que abrir a picada para chegar na colônia que ele adquiriu; não tinha acesso, não tinha estrada nesse ano de 1940. Depois quando ele terminou de industrializar em 1958 então já tinha estrada, tinha luz elétrica. A gente morava perto de uma vila, a três quilômetros longe dessa vila hoje é município de Campina do Sul. Estradas asfaltadas nas regiões onde se explorou araucária, hoje é só soja e milho não se vê mais floresta virou tudo em grão.²³⁹

A colonizadora JCA, fundada pelo banqueiro Barão Hirsch com fins filantrópicos e humanitários, envia o primeiro grupo de imigrantes para a Argentina e no começo do século XX e para o sul do Brasil. A família estava de acordo com os interesses da colonizadora, que possuía ligação com uma das maiores empresas com concessão ferroviária, a

²³⁹ GASPERIN. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

Compagnie Auxiliaire de Chemins du Fer au Brésil.²⁴⁰ Muitas empresas colonizadoras e ferroviárias utilizavam-se do Ato nº 109 de 14 de fevereiro de 1891 para a exploração das margens das ferrovias.²⁴¹ Antes da utilização intensa dos caminhões, as colonizadoras se integravam a expansão da linha férrea no Brasil que não foi diferente nos Campos de Cima da Serra; como o ponto de ligação entre Porto Alegre e São Paulo, modificou e incentivou o processo de industrialização das florestas.

Normalmente as toras de madeiras ficavam estocadas às margens das linhas dos trens, esperando por mais vagões, que eram solicitados pelos madeireiros. Muitas vezes havia preferência de transporte para gado, cereais, banha, vinho, charque, fumo, produtos de consumo imediato; dava-se preferência para frigoríficos que exportavam para a Europa. As linhas férreas tornam-se as preferidas pelos madeireiros, pois as estradas eram de péssimas condições, tornando o serviço por caminhão muito caro. Algumas empresas valiam-se de artimanhas para conseguir mais vagões, como por exemplo, afirmavam ter madeira para uma obra beneficente, que na verdade não existia. Não eram somente as toras que precisavam ser transportadas, havia também as caixas, as madeiras aplainadas, os resultados das indústrias de moveis²⁴².

²⁴⁰ CORREA, Sílvio Marcus de Souza; BUBLITZ, Juliana. **Terra de Promissão: uma introdução à eco história da colonização do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2006, p.93.

²⁴¹ *Idem*.

²⁴² WENTZ, Liliane, Irma Mattje. Os caminhos da madeira: região norte do Rio Grande do Sul(1902-1950). Passo Fundo: Ed. UPF,2004.

4. “O PINHEIRO OPEROU MILAGRE DA TRANSFORMAÇÃO”

4.1 COTIDIANO E TRABALHO

O funcionamento e a organização das serrarias são ligados pela adequação ou não dos trabalhadores e/ou migrantes a este espaço. Sua organização mostra a composição de uma paisagem formatada através das necessidades materiais, e também das representações e significações construídas nos embates sociais e culturais. Estes muitas vezes marcados pelas afirmações identitárias.

Sobre o cotidiano das serrarias e a prática de trabalho, Gasperin, como um grande madeireiro, salienta:

As serrarias tinham um hábito de trabalho, um horário de trabalho que as cinco horas da manhã a pessoa encarregada de atender a locomóvel para fazer fogo na máquina, para que ela pudesse ter pressão suficiente, para 6h 30, 7h já estar em condições de trabalho. Então, por exemplo, às sete horas da manhã chegavam os funcionários, os que eram da madeireira já iam para serraria, os que eram de serviço de mato já embarcava no caminhão e iam para o mato para extração, e o pessoal da madeireira, em média 15 a 20 funcionários, trabalhavam no desdobre das toras. Começava por 7h da manhã até o meio dia; pegava de novo uma e meia da tarde e iam até as seis e meia ou sete horas, eles faziam as oito horas, geralmente mais duas horas extras. Era o normal deles. Somando o pessoal da serraria, extração e tratoristas, motoristas, operadores de moto serra, se trabalhava com uma média de 30, 35 funcionários por serraria, e se produzia uma média de 700 a 800 dúzias por mês de produção.²⁴³

²⁴³ GASPERIN. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

Ao rememorar, os entrevistados reconstróem e reconfiguram suas lembranças de acordo com seus papéis, suas perspectivas atuais. Reorganizam suas histórias configurando uma paisagem. As diferenças entre estas memórias estão na função exercida no passado, mas também nos objetivos atuais. Algumas nos contam detalhes não tão agradáveis as suas vidas ou mesmo a legislação com naturalidade, outros com certo cuidado e receio das possíveis repercussões. Neste sentido os donos de madeiras têm um discurso comprometido com a história vencedora de superação e trabalho dos eurodescendentes em oposição aos modos “incivilizados” dos lavradores nacionais e ao não aproveitamento da terra nos casos de grandes proprietários não migrantes.

Na Figura 16, datada de de 1941, propriedade de João Gasperin, no Campo do Meio em Passo Fundo/RS, percebe-se grandes toras de madeira, araucárias ao fundo e trabalhadores.

FIGURA 16: Madeireira de João Gasperin; Campo do Meio, Passo Fundo – Rio Grande do Sul, 1941



FONTE: Acervo pessoal família Gasperin.

A fotografia evidencia a imponência da araucária ao fundo dos trabalhadores, que a exibem em um caminhão, contrastando com a junta de bois, também usada no transporte da madeira desde a floresta até as madeiras. Como parte da paisagem, podemos perceber as crianças que fazem parte do cotidiano das madeiras, como relatam muitos dos entrevistados.

A demanda por trabalhadores era grande, atraindo ou incentivando os empresários a buscarem trabalhadores em outras regiões e cidades. Gasperin relata que no município de Bom Jesus, onde gerenciava uma madeira, grande parte dos trabalhadores eram da região. Os filhos de donos de pequenas e médias propriedades, os filhos de trabalhadores das grandes fazendas entre 25 e 30 anos, eram atraídos pela lucratividade das madeiras, mais rentáveis que explorar pecuária com os pais. Os filhos com menos idade geralmente ficavam com os pais na propriedade, a organização familiar nesta sociedade muda frente a estas novas oportunidades.²⁴⁴

(...) depois nos anos 70 já ficou mais difícil conseguir funcionários para trabalhar nas serrarias, aí já tinha que ir buscar pessoas em áreas maiores, mais longe. Então se ia buscar funcionários até duzentos quilômetros longe da madeira, para trazer e manter aquele quadro entre 30/35 funcionários era difícil. Eu saía aqui de Vacaria pra Getúlio Vargas, São Jose do Ouro, Lages, Campo do Meio, Anita Garibaldi, buscar empregados para serraria e não tinha, não tinha. No tempo que a Bepo de São Marcos vinha buscar gente em Vacaria pra trabalhar na Bepo, todo dia vinha um ônibus aqui pegava funcionário la trabalhava e buscava de volta. Não tinha mais gente pra trabalhar em madeira como fazem hoje os pomares, o problema que nós tivemos naquela época os pomares tem hoje, não tem gente suficiente para tocar.²⁴⁵

Nos anos 1970, nos Campos de Cima da Serra, a maçã, o trigo e depois a soja tornam-se os principais produtos. Na região da Serra, em

²⁴⁴ GASPERIN, . *Op. Cit.*, 2014.

²⁴⁵ *Idem.*

Caxias do Sul e São Marcos, como é o caso das indústrias Bepo de acessórios automobilísticos, absorvem grande parte da mão de obra, assim as madeireiras vão buscar trabalhadores em outras localidades, como em Santa Catarina na região de Lages até o Vale do Itajaí.

Quanto aos trabalhadores, Minella relata que na maioria eram jovens, pois quem tinha mais idade geralmente já havia adquirido sua própria terra. Muitos destes trabalhadores eram pagos por dúzia de araucárias cortadas, outros por mês. As madeireiras deveriam disponibilizar casas para os trabalhadores e suas famílias nas proximidades. Estas casas formam os primeiros núcleos de expansão urbana da cidade, muitos bairros e distritos surgem destas vilas de trabalhadores.

As serrarias se transformavam em verdadeiras vilas com organizações espaciais que representavam as diferenciações sociais. Na Figura 19, serraria dos Irmãos Gasperin, Bom Jesus/RS em 1954, podemos analisar a Floresta de Araucária, os Campos, a serraria, a moradia dos trabalhadores e no primeiro plano os proprietários.

FIGURA 17: Serraria dos Irmãos Gasperin – Bom Jesus, Rio Grande do Sul, 1954



FONTE: Acervo pessoal Gasperin

A Figura 17 pode ser vista como um mosaico da história da migração e indústria madeireira na região. A paisagem tem a Floresta em pé ao fundo, sua forma processada (tábuas engradeadas), os ambientes onde este processo ocorria, as casas muito próximas ao local de trabalho, incluindo uma pequena plantação cercada, trabalhadores em uma área desmatada. Olhando para esta paisagem, os proprietários observando possivelmente novas áreas a serem desmatadas e industrializadas. Nesta fotografia tem-se a impressão de que no primeiro plano os proprietários não estão sozinhos observando a serraria, mas acompanhados pelos leitores da fotografia, que podem se imaginar no lugar do fotógrafo. Esta possibilidade de análise impulsiona a discussão da fotografia enquanto fonte, já que nos coloca em primeiro plano e proporciona a sensação de participação na paisagem.

As condições de trabalho são relatadas como árduas e perigosas na maioria dos relatos, mas poucos falam das condições dadas pelos empregadores. A colaboradora Nilta Maria de Oliveira Tomazim, residente no município de Vacaria, trabalhou e residiu em uma serraria no Município de Lages, Santa Catarina. A visão de uma mulher em um ambiente masculino como as serrarias deve ser analisada. A História Oral está presente para deixar emergir na pesquisa a vida cotidiana destes grupos.²⁴⁶ É mais sobre os significados que sobre os fatos; é o que os trabalhadores e trabalhadoras da indústria madeireira queriam fazer, sonhavam e desejavam, mas que não necessariamente se concretizou ou ficou registrado. O que não significa que as entrevistas não tragam fatos desconhecidos e depois averiguados, que levam muitas vezes por caminhos completamente diferentes dos iniciais. O próprio sonho, desejo de que algo tivesse acontecido já é um fato.²⁴⁷ Nilta relata que não havia escolas, saúde e as estratégias para “prender” os trabalhadores eram recorrentes.

Eu não posso me queixar nem ele (seu marido), nem eu para os patrões, para nós era muito bom, bom ele se criou com eles. Mas tinha muita maldade, naquele tempo, muita! Eles levavam muita gente aqui do Rio Grande (Rio Grande do Sul) Bom Jesus, Esmeralda, Pinhal, gente de Lagoa Vermelha, por ali. Foi muita gente daqui (Vacaria) e eles levavam, eles pagavam pouco sabe, e eles tinham um armazém, era a cada oito dia que eles atendiam, dai eles botavam o preço que eles queriam e o que eles queriam e quando não dava certo com um empregado o empregado saia e ainda estava devendo. E não tinha INPS não tinha nada, então eles faziam muita injustiça, as crianças não tinham vacina, não tinha escola, não tinham...vamos dizer assim religião. Eu que dava

²⁴⁶ PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade in __:Revista Projeto História nº 14, fev.1997, EDUC. São Paulo, p. 27.

²⁴⁷ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente, igualdade. Revista Projeto História. São Paulo: EDUC. nº 14, fev.1997, p. 31.nº 14, fev.1997, p. 31.

catequese para as crianças e depois eles ficavam doentes, as vezes até morriam.²⁴⁸

A situação da maioria dos trabalhadores das serrarias não era distante das demais indústrias: falta de direitos, estratégias análogas à escravidão, falta de estrutura básica de moradia. Apesar disto percebemos a distinção entre os descendentes de italianos e os trabalhadores nacionais. A “maldade” eram as estratégias de controle tanto financeiras quanto de diferenciação social, na organização dos cargos, nos tipos diferentes de moradia dentro das serrarias. Nilta morava com sua família em Lages até os nove ou dez anos quando seus pais decidiram morar com seu avô a cerca de 100 quilômetros de Lages. No sítio conheceu seu futuro marido, um descendente de italianos que estava junto com os donos de uma madeireira interessados nos pinheirais da propriedade.

Tá, daí foi embora, olharam os pinheiros, dali uns anos voltou, daí começamos a namorar, eu tinha dezessete anos, eu casei já tinha quase vinte e um. Mas deu certo, ele era italiano eu era brasileira, no começo não dava muito certo né, porque o sistema de um era um...daí um foi cedendo de um lado outro de outro, vivemos muito bem graças a Deus.²⁴⁹

Uma das primeiras questões que a entrevista possibilitou que emergisse foi a diferenciação da “origem” dela e do seu marido. A diferenciação não estava somente no fato de seu marido ter sido criado pela família dos donos da Madeireira, após o falecimento de seus pais, mas também pela identificação da descendência. O espaço da serraria era organizado também conforme esta diferenciação, os empregados fixos possuíam casas onde suas famílias habitavam. Neste espaço de convivência aconteciam alguns conflitos e as identidades eram reafirmadas.

²⁴⁸ TOMAZIM, Nilta Maria de Oliveira. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em 04 de março de 2013.

²⁴⁹ TOMAZIM, Nilta Maria de Oliveira. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em 04 de março de 2013.

FIGURA 18: Nilta de Oliveira Tomazim, aproximadamente 1950.



FONTE: Acervo particular de Nilta de Oliveira Tomazim

Segundo Nilta, as mulheres que moravam nas serrarias não tinham muito estudo pois os pais não as permitiam sair de casa para estudar, tinham o estudo somente até a série que as escolas das serrarias ofereciam. O cotidiano feminino se resumia as conversas umas nas casas das outras para tomar chimarrão e conversar. Segundo o relato de Nilta,

sua origem familiar é próxima das demais mulheres que viviam na serraria, ou seja seu “sistema de origem” era o mesmo. Na sua narrativa percebe-se um discurso que a ajudava a se estabelecer nas estruturas sociais da serraria, aproximando-se do “sistema” de seu marido de descendência italiana.

A rotina feminina, apresentada pela entrevistada Nilta retrata uma dura atividade que vai desde a ajuda ao marido nas lides da horta, da criação de vacas de leite, do serviço doméstico e o cuidado com a alimentação da família.

Nilta salientou que não haviam muitos conflitos, eles existiam, mas eram poucos. Que seus pais foram criados entre os denominados colonos, os imigrantes e por isso já haviam adquirido seu “sistema”. Este sistema diz respeito a um conjunto de atitudes que ressaltadas frente ao outro “de origem” diferente constrói um modo de se relacionar com o ambiente peculiar. O marido dela “de origem” italiana também se adaptou ao “sistema” brasileiro em alguns sentidos como a criação dos filhos e a organização da casa.

O cotidiano das serrarias e as redes formadas pela migração são visíveis com a História Oral. A contagem do tempo é feita muitas vezes pela idade de seus filhos, por exemplo: quando se mudaram para Vacaria seu filho estava com quatro anos, o fim da época das serrarias, quando o volume madeirável da região se esgotou, é marcado na memória com o falecimento de seu marido. Como salienta Portelli “A construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com sua história (...)”²⁵⁰. A história contada é resultado das matizes que se sobressaem na memória conforme o jogo entre entrevistado e entrevistador.²⁵¹

Na Figura 19 percebemos a paisagem das serrarias, que compreende um complexo de trabalho e moradia.

²⁵⁰ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente, igualdade in Revista Projeto História. São Paulo: EDUC, nº 14, fev.1997, p. 31.

²⁵¹ CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL, 2013, Passo Fundo. ROSSI, Esther Mayara Zamboni. **DA FLORESTA PARA O CAMPO: TRAJETÓRIAS DE MIGRANTES E A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM**. Passo Fundo: Upf, 2013. Disponível em: http://www.upf.br/historiaregional/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=64. Acessado em: 20 jan. 2015.

FIGURA 19: Madeireira Itacolumi, aproximadamente 1950.

FONTE: Acervo Pessoal Família Adames

Este complexo abrangia o estoque, os galpões de processamento, as casas dos responsáveis pela serraria e geralmente um conjunto de casas de trabalhadores. As famílias destes trabalhadores que migravam e se fixavam nas serrarias, necessitavam de uma estrutura de sobrevivência. Com o tempo algumas madeireiras começaram a instalar escolas, igrejas, consultórios médicos, etc. formando vilas que se transformaram em cidades. Apesar de relatarem que todos estes direitos eram garantidos, a maioria das serrarias não possuía nem privilegiava estes investimentos. Fica claro que há um aumento e reestruturação da estratificação social, esta ocorrendo de forma contínua.

4.2 “O PINHEIRO AINDA FARÁ A MINHA FELICIDADE”

Quem sabe, pensava êle, que a realidade supere o sonho. Casaria com a filha de um

*madeireiro. Era o ideal. Dizia: Foi o pinheiro que trouxe esta família para cá. O pinheiro ainda fará a minha felicidade.*²⁵²

O trecho acima foi retirado de um livro de relatos da região dos Campos de Cima da Serra, compilados por Fidelis Dalcin Barbosa. Os relatos receberam um tratamento literário e poético do autor enfatizam a construção de personagens heróicos e desbravadores. Na história acima o personagem Antônio sonha com um casamento que lhe possibilite ascender socialmente. Neste caso percebe-se que os madeireiros eram, à época, um grupo com prestígio social e financeiro. O personagem ainda salienta que a madeira responsável por esta riqueza era o pinheiro ou seja a Araucária.

A indústria da madeira era muito importante para a economia local, a ponto de a profissão conceder certo status, como exemplifica Minella, um dos madeireiros entrevistados: “Muitos anos aí quando dizia: Fulano tem serraria? Opa! Tá grande!”²⁵³. A estrutura foi melhorando e as toras eram trazidas para a cidade para serrar, influenciando o comércio e movimentando a vida econômica e social também no meio urbano. Porém, era uma indústria com altos e baixos, como percebemos nas palavras de Minella, quando “a coisa ficava ruim a gente continuava serrando e segurava a madeira engradiada, como dizia, para secar²⁵⁴” e depois vendia.

No livro *Os estabelecidos e os Outsiders*, publicado em 1965, Nobert Elias e Jonh L. Scotson analisam uma zona industrial com cerca de 5 mil habitantes, dividida entre duas áreas, uma de operários e uma de pequenos burgueses, em 1950. Os autores percebem as gerações existentes nestes locais, a noção de velhos e novos residentes, sendo considerados fatores para determinar superioridade e inferioridade.²⁵⁵ O estrangeiro neste caso é aquele resultante da mobilidade social.

No decorrer da pesquisa, ficou evidente que muitos migrantes passaram por esta ascensão econômica através da indústria madeireira. Este processo gerou inúmeros conflitos e disputas com a elite, até então estancieiros descendentes de portugueses. Assim como mudanças nos

²⁵² BARBOSA, Fidelis Dalcin. *Op. Cit.*, 1961.p.170.

²⁵³ MINELLA, Ari Pedro. **Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi** em 20 de julho de 2011.

²⁵⁴ *Idem*.

²⁵⁵ TEDESCO, João Carlos. *Op. Cit.*p.35.

espaços de sociabilidade na cidade, o estudo de Elias e Scotson nos ajuda a pensar sobre as auto-representações de determinados grupos e como os moradores mais antigos pensam os moradores mais recentes. Nessas disputas sociais, econômicas e culturais há um jogo de auto-representação, valorização e desvalorização.²⁵⁶ São mecanismos de diferenciação e exclusão que estão presentes dentro dos grupos e também contra outros grupos. Esta reflexão percebe as estratégias de uma sociedade que observa os avanços industriais e sente as transformações dos espaços. Nem sempre a socialização e sociabilidade acompanham estas mudanças e por isto desenvolvem estratégias de proteção.²⁵⁷

Estas estratégias estão conectadas ao contexto macro da imigração. Se insere neste espaço a valorização dos descendentes europeus e a desvalorização dos considerados “não de origem”. A memória dos migrantes autodenominados “de origem” salienta a derrota do modelo dos lavradores nacionais. Este discurso não é isolado, é parte das políticas governamentais que valorizavam o pretenso “embranquecimento” da população, reorganização e consolidação da estrutura fundiária. Com as grandes propriedades e as pequenas divididas e organizadas conforme ideais de desenvolvimento ligados ao modo de vida urbano.

O relatório de governo de Sátiro Dornelles Filho utiliza artigos que ressaltaram suas “conquistas” governamentais, entre elas a reorganização do espaço ocupado por lavradores nacionais:

OS MARGINAIS DE VACARIA

Artigo publicado em um dos jornais da Capital do Estado

“Como o Prefeito Dornelles Filho solucionou esse angustiante problema” Primeira Colônia Nacional organizada no Estado.

Vacaria, de há seis anos atrás, um município conhecido apenas pela sua projeção nos demonstrativos de estatística pecuária e nos comentários acalorados de tumultuosas manifestações políticas, vem tendo, na administração Dornelles Filho, um despertar agigantado, em todos os setores de sua vida econômica, financeira e político-social.

²⁵⁶ *Ibidem*.p.38.

²⁵⁷ TEDESCO, João Carlos. *Op. Cit.* p. 40.

Sobremaneira apreciável e evidente a parte que diz respeito a agricultura, hoje intimamente ligada à vida pastoril do município. Distrito como o 10º, em cuja serra denominada Pinhal tomada de inúmeros posseiros, sem títulos aquisitivos sequer de valor pecuário, jazia improdutivo e exposto à devastação, alimentando a ignorância cabocla que ali se localizava em arrachamentos instáveis, desde o tempo do Império, constituído em núcleo de marginais – pêso morto para a economia comunal. Hoje a coisa é diferente. O Major Dornelles Filho fez obra de saneamento. Fez mais. Em seis anos de administração, transformou aqueles “clãs” em sede distrital, colonizando aquela serra, transformada agora em colmeia agrícola de intenso labor. (...)

Até 1938, disse-nos S. S^a, o Pinhal não tinha valor, pela instabilidade de 400 e tantas famílias, que ali exerciam a agricultura aventureiramente. Se todos plantavam, ninguém colhia ao certo.

As propriedades “terras de ninguém” não eram cercadas, expondo-se as lavouras à invasão do gado dos fazendeiros confinantes.

A incerteza das colheitas, caracterizava o estado de pobreza daquela população, genuinamente nacional, com mais de 1.500 crianças analfabetas e subalimentadas. Hoje, graças a incansável administração do Major Dornelles Filho, que para ali soube escolher um auxiliar que o acompanha em operosidade, o Snr. Sub-Prefeito do 1º Distrito, é uma verdadeira colônia laboriosa. Com a certeza de serem respeitadas as propriedades que serão demarcadas e divididas, aqueles nossos caboclos se radicaram a gleba, cercaram todas as suas terras, plantam e colhem com fartura.²⁵⁸

Os “clãs” de “marginais” foram “civilizados” com cercas. Ao mesmo tempo que os reorganizavam, os espaços ocupados por lavradores nacionais eram considerados “vazios demográficos” e, cada vez mais raros, eram requeridos pelos possíveis migrantes. Os conflitos faziam parte do cotidiano e estavam ligados a políticas públicas que

²⁵⁸ FILHO, Satyro Dornelles Oliveira. **Sempre administrei sob a luz do sol.(em 9-9-949).**Porto Alegre: Gráficas da Livraria Globo S.A.,1950 .p.212-215

escolhiam o sistema pastoril e não o comunal. Não pode-se ignorar as influências das questões étnicas ligadas a Segunda Guerra. A proibição de falar qualquer idioma estrangeiro movimentou a região. Inúmeros são os relatos de perseguições, denúncias de rádios confiscados, apelidos como “quinta coluna”²⁵⁹, são rememorados e utilizados como argumento contra o “sistema” dos “brasileiros”. Ligada a estas questões estava também a obrigatoriedade do serviço militar, o que entrava em choque com o sentimento de pertencimento a terra “de origem” de algumas famílias migrantes. No telegrama de 1930 encontramos um exemplo de eurodescendentes que foram presos por não se incorporarem ao exército.

Intendente municipal

VACCARIA

Estou informando Antonio Pasetta, Luiz Zormita, italianos residentes 4º districto esse município, foram presos por motivo não consentirem incorporação filhos forças ahi organizadas. Recomendo-vos fazerdes cessar qualquer coação, visto estarmos dispensando voluntariado excedente e somente incluindo corpos os patriotas espontaneamente se apresentem ou reservistas exercito, devendo ser excluídos os não voluntários ou indispensáveis serviços lavoura. Saudações cordiaes.

16/X/1930 ²⁶⁰

²⁵⁹ “Termo cunhado durante a guerra civil espanhola e usado para designar aqueles que, em Madri, apoiavam as quatro colunas que marchavam contra o governo da Frente Popular Republicana do presidente Azaña. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi utilizado para referir-se àqueles que agiam sub-repticiamente num país em guerra, ou em vias de entrar na guerra, preparando ajuda em caso de invasão ou fazendo espionagem e propaganda em favor do Eixo. Na Europa esses indivíduos também eram chamados de colaboracionistas.” CPDOC | FGV • Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do BrasilA Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/quinta_coluna. Acessado em: dezembro de 2014.

²⁶⁰ Correspondência Vacaria - 1930 Disponível em :**Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**

Estes conflitos não eram isolados e faziam parte de conflitos maiores. Em 1937, o então presidente da república, Getúlio Vargas, aproveita o novo momento político no contexto da revolta tenentista de 1935 para perseguir não só comunistas, mas quem representasse estar contra seu governo. Com a vinculação de um falso plano de conspiração comunista – muitas vezes definido como judaico-comunista – o Plano Cohen, Vargas, apoiado pelas Forças Armadas prepara o terreno para decretar o Estado Novo. Entre 1937 e 1945 nosso país tem um governo com ações políticas nacionalistas, que proporcionavam grande crescimento industrial e avanços nas leis trabalhistas e sociais; em que o Brasil entra na Segunda Guerra contra o eixo (Alemanha, Itália e Japão).

261

A constituição de 1934 foi revogada, em seu lugar uma nova constituição é decretada e justificada devido à emergência de proteção a “infiltração comunista”. O mandato presidencial é estendido para seis anos; interventores são nomeados para a chefia dos governos estaduais; todo tipo de greve é proibido, entre outras medidas de controle. Em todo país vigorava o estado de emergência, a polícia podia invadir domicílios, prender e até expulsar do país os considerados líderes oposicionistas. A censura à imprensa também foi imposta e era exercida pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda).

Neste período a emigração já havia diminuído, os descendentes encontravam-se estabelecidos e seus filhos já estavam se espalhando pelo território nacional, os novos emigrantes se estabeleciam nas colônias ou nas novas fábricas que cresciam com a industrialização. Parte das comunidades já possuíam escolas particulares, associações de mútuo socorro, igrejas, como vemos em muitos relatos. Estas instituições estavam estruturadas conforme suas crenças e cultura, a língua italiana e alemã era falada e apreendida pelas crianças nas escolas.

O Governo incentivava a criação de estabelecimentos particulares, porque não possuía condições de implantá-las. Entre 1939 e 1945 o mundo foi abalado pela Segunda Guerra. De um lado as potências aliadas lideradas pela Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética, de outro as Nações do Eixo formado pela Alemanha, Itália e

²⁶¹ PRIORE, Mary Del; VENANCIO, Renato. **O livro de Ouro da História do Brasil: do descobrimento a globalização.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p.323

Japão. Em 1942 Getúlio declara guerra ao Eixo. As autoridades italianas sugeriam aos imigrantes não manifestar suas opiniões, como vemos no apelo do Embaixador Sola:

Italianos do Brasil Camaradas [...] deveis abster-vos de qualquer manifestação publica que contraste com a neutralidade brasileira. Demonstrai com a vossa conduta que soubestes apreciar plenamente o gesto fraterno do Brasil. Reuni-vos nas “Casas da Itália”, irmanai-vos num só fascio [...] os cidadãos que tem obrigações militares, os voluntários, dificilmente poderão alistar-se. Talvez não possamos sequer chegar aos combatentes o sinal tangível do nosso amor. Nem mesmo as ataduras que pias mãos de mulheres italianas gostariam de tecer aqui para nossos feridos poderão chegar a Itália, em navios amigos, sem serem submetidas ao controle e contada uma a uma, por mãos inimigas.²⁶²

De fato havia muitas instituições e patrocínios fascistas ligados às comunidades italianas, mas a maioria que vivia no interior, em suas colônias, nas cidades e nas fábricas não concordavam com o que estava acontecendo na Europa, ou até não sabiam o que acontecia de fato. Um exemplo da tentativa fascista de penetrar nas comunidades Italianas são os livros didáticos distribuídos nas suas escolas, principalmente o livro de Sestilio Montanelli, *Le due patrie*, publicado em Florença. O texto bilíngüe possui muitas demonstrações de racismos relacionados ao caboclo descrito como preguiçoso, sujo, etc. Trazia em geral, assim como outros livros dedicados às escolas estrangeiras no Brasil, a exaltação de Mussolini. É importante ressaltar que estes livros não estavam em todas as escolas.²⁶³

A partir deste momento as campanhas de nacionalização que vinham sendo levados a cabo tomam uma intensidade maior, ocasionando mudanças drásticas nas escolas, nas igrejas e comunidades italianas e alemães. A tensão existente se espalha por vários setores da sociedade que, incutidos da ideia de que todos os alemães e italianos eram nazistas ou fascistas, reagem à convivência cotidiana com a

²⁶² TRENTO, Ângelo. *Op Cit.* p. 394-395.

²⁶³ *Idem.*

propagação de preconceitos e atitudes de distanciamento. Do mesmo modo os imigrantes formulam preconceitos contra os “brasileiros”.

As medidas de nacionalização têm o objetivo claro de desarticular um dos alicerces que mantinham as comunidades de imigrantes, a escola-igreja-lar.²⁶⁴ Esta foi uma das inúmeras medidas de nacionalização empreendidas pelo Estado Novo e relatadas em diversos documentos e leis. Na definição de Cynthia Campos:

A prática interventora do Estado junto a sociedade foi tomada como parte do movimento dirigido para modificar comportamentos e sentimentos dos indivíduos na sua vida cotidiana. Esta prática passou por um refazer de hábitos de conduta elementares nas relações pessoais, na sociedade local, bem como pela transformação dos indivíduos em trabalhadores brasileiros. Isto implicou numa nova relação estabelecida entre o Estado e a sociedade. O movimento, vinculado a um amplo projeto de caráter nacionalista, atingiu diversas instituições como família, escola, espaços de trabalho e lazer.²⁶⁵

Durante a gestão de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde, entre 1934 e 1945, foram implantadas medidas importantes como a unificação de disciplinas, a ampliação de vagas, a criação do ensino técnico profissional, além do fechamento das escolas particulares das associações dos imigrantes teutos e ítalos. Em 1937 o secretário da Educação do Rio Grande do Sul, Coelho de Souza, iniciou a criação e escolas públicas dentro das colônias.²⁶⁶

Através das crianças procuravam atingir os pais, que muitas vezes nem sabiam falar português, visto que a maioria dos lugares em que conviviam só se falava italiano. Em seguida a essas medidas nas escolas, veio a proibição de falar alemão e italiano em qualquer lugar público, inclusive nas igrejas. A proibição da língua causou um estranhamento muito grande pois muitos só se comunicavam em seus

²⁶⁴ SEYFERTH, Giralda. *Op. Cit.* p.181.

²⁶⁵ CAMPOS, Cynthia Machado. A política da língua na Era Vargas: proibição de falar alemão e resistências no sul do Brasil. Campinas: Tese de doutorado da Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998, p.10.

²⁶⁶ CAMPOS, Cynthia Machado. *Op. Cit.* p. 10.

dialetos e não conseguiam expressar seus desejos e sentimentos através da língua portuguesa²⁶⁷.

A propaganda da nacionalização estava em muitos lugares, como nas instituições públicas que deveriam ostentar, além da foto do presidente, a frase: “Fale a língua nacional para ser atendido” ou nas cartas e telegramas a frase: “Quem nasce no Brasil é brasileiro ou é traidor”. A língua é um dos principais instrumentos de união dentro de uma comunidade, no caso específico muitas vezes negligenciados pelo estado, no clima de hostilidade mútua a língua serve de reafirmação e definição de grupos.

A obrigatoriedade do serviço militar, preferencialmente para longe das colônias originais, foi outro instrumento da campanha de nacionalização²⁶⁸. Para alguns autores o exército configurava umas das principais formas de adaptação a este contexto. Percebemos isto em um depoimento recolhido por Thales de Azevedo:

Diz Lisboa: No passado – cerca de 1920 quando veio aqui – os italianos formavam um círculo fechado em que dificilmente entravam os brasileiros. As festas nacionais italianas eram festejadas publicamente. Hoje está muito melhor. O que muito concorreu para isto foi a unidade do Exército aqui estabelecida (...), o serviço militar nacionaliza os rapazes.²⁶⁹

Na zona rural o recrutamento traz novos problemas, na pequena propriedade rural familiar camponesa donde se ausentava um braço do trabalho que tinha chegado ao seu auge produtivo. O exército e a industrialização levaram a muitas localidades as estradas e as ferrovias, o que trouxe modificações na paisagem, nas relações entre os grupos e no ambiente.

Desde o começo da colonização existem muitas publicações em italiano, não se pode dizer exatamente quantas pois de muitas não se tem mais vestígios. Alguns autores falam de 170 títulos entre 1880 e 1920, outros com base em documentação direta ou indireta falam em 500 publicações entre semanário, diários, quinzenários, números únicos, almanaques e mensários; destas 53 no Rio Grande do Sul e 4 em Santa

²⁶⁷ *Ibidem.*.p.9.

²⁶⁸ AZEVEDO, Thales de. *Op Cit.*p.63.

²⁶⁹ *Idem.*

Catarina.²⁷⁰ No começo do Estado Novo muitas publicações tiveram suas redações alteradas já que o DIP prendia os jornalistas e fechava as publicações que considerasse subversivas. Muitos jornais empenharam-se em exaltar Vargas, no entanto a proibição de todas as publicações jornais e transmissões radiofônicas foi decretada em agosto de 1941. As publicações foram diminuindo e muitas mudaram seus nomes para o português, sendo escritas em língua vernácula. Os jornais serviam muitas vezes como única forma de entretenimento e conhecimento das notícias de outras colônias e de ações relacionadas com os núcleos de imigrantes e da Itália.

O rádio chegava a mais lugares, quase todas as comunidades possuíam um, muitos são os relatos de pessoas presas por possuírem um rádio, sendo acusadas de receber mensagens do regime fascistas. Existia ainda o confisco dos bens iniciado com o decreto lei 3.911 de 9.12.1941 e melhorado pelo 4.166 de 11.3.1942, o qual constava no primeiro artigo:

Os bens e direitos dos súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas, respondem pelo prejuízo, que para os bens e direitos do Estado brasileiro, e para a vida, os bens e direitos das pessoas físicas ou jurídicas brasileiras, domiciliadas ou residentes no Brasil, resultaram ou resultarem de atos de agressão praticados pela Alemanha, pelo Japão ou pela Itália.²⁷¹

Uma parte dos depósitos bancários eram transferidos ao Banco do Brasil e nele bloqueados. Os bens do estado italiano, italianos residentes no Brasil e pessoas jurídicas proprietárias no Brasil, mas com sede na Itália, e as associações constituídas por italianos foram bloqueados. A medida pegou de surpresa as autoridades italianas no Brasil e aos cidadãos de contavam com a neutralidade brasileira. Nas iniciativas econômicas de italianos, incluindo as serrarias que cresciam intensamente, percebe-se uma procura maior pela naturalização oficial e uma renegociação das identidades.²⁷²

²⁷⁰ TRENTO, Ângelo. *Op Cit.* p. 185.

²⁷¹ *Ibidem.* p. 397.

²⁷² NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas:** práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2009.

A bandeira nacional foi hasteada em todos os lugares, as bibliotecas receberam livros de história do Brasil, folhetos eram distribuídos contendo os hinos patrióticos, informações sobre o serviço militar e sobre a legislação trabalhista. Com objetivo de alcançar os jovens e operários, o dia da Juventude foi criado, o dia do Trabalho, eventos cívicos incentivados. Em toda a fábrica havia um militar encarregado de fazer cumprir a proibição da língua italiana. As fábricas eram um dos principais pontos de encontro entre várias culturas e, com a campanha de nacionalização, as serrarias não estão desligadas deste processo.

É interessante perceber que as madeireiras da região dos Campos de Cima da Serra, como viu-se anteriormente, eram em sua maioria propriedades de descendentes de italianos, e na década de 1930 a 1960 crescem em tamanho e quantidade. As proibições das línguas italiana e alemã e as sanções comerciais fazem com que a disputa por poder político e econômico ganhe entonações étnicas. Com isto as rivalidades cotidianas entre os eurodescendentes e os “brasileiros” se intensifica, influenciando a articulação política entorno do poder econômico dos madeireiros. A reafirmação das diferentes origens está em estreita relação com as disputas locais de influencia econômica e política.

Alguns jornais da época evidenciam estes conflitos ao longo de todo o processo migratório assim como as mudanças que a proibição do idioma causou. É o caso do atual *Correio Riograndense*, que é significativamente um exemplo da construção de uma identidade local em oposição a sistemas sociais e culturais. Trazia alguns aspectos do cotidiano dos imigrantes italianos e seus descendentes na região serrana no Rio Grande do Sul. Entre estes aspectos está a relação com a Floresta de Araucária, através da atividade madeireira e os embates enfrentados na adaptação ao ambiente. O atual *Correio Riograndense* se chamava *Lá Libertá* de 1909 a 1910 e *Il Colono Italiano* de 1910 a 1917.

Os jornais eram um dos principais veículos de comunicação, circulando em maior número nas grandes cidades diariamente e nas pequenas localidades, com menor assiduidade. A imprensa representa o meio em que está inserida, deste modo entende-se aqui o jornal como fonte histórica na seguinte perspectiva: “(...) de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento remetendo ao campo de

subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar”.²⁷³ Dessa forma os periódicos trazem um pouco dos diversos discursos presentes na região estudada, apresentam ainda os principais formadores de opinião, as influências políticas e econômicas. Para isto, é preciso investigar a sua periodicidade, a importância dada as matérias referentes à floresta, os imigrantes e a indústria madeireira; caracterizar, identificar o público a que se destinava, seus principais colaboradores e suas fontes de receita.²⁷⁴

Quando a ocupação se intensifica na região colonial, a demanda por informação também aumenta, desse modo, os jornais estão presentes neste período em que novos espaços começam a ser ocupados pelos migrantes e seus descendentes, no Alto Uruguai e nos Campos de Altitude.

A imprensa foi para a igreja católica, no período republicano, uma forma de aproximação com as comunidades e uma maneira de marcar presença na cena política. Muitos jornais foram publicados na região de colônias, a maioria com pouca duração tendo em vista as dificuldades técnicas e financeiras destas publicações periódicas. Podemos citar entre os jornais católicos *Corriere Cattólico* (1891-1895), *Il Colono Italiano* (1898 – 8 meses), *Il Corriere d'Italia*. Entre os de língua alemã estão o *Deutsches Volksblatt* (1939), *Lehrerzeitung* (1900-1939), *Bauernfreund* (1900-1914), *Skt. Paulus Blatt* (1912-1939).²⁷⁵ Estes jornais muitas vezes evidenciavam embates entre os imigrantes:

Esses acontecimentos evidenciam a existência de fricções políticas e ideológicas, envolvendo grupos étnicos distintos que encontravam na imprensa uma forma de expressão eficaz a fim de sustentar os seus interesses e lutar pelo seu espaço na sociedade. A imprensa católica, embora muitas vezes definindo-se como não-política e voltada apenas aos interesses da fé e aos assuntos

²⁷³ CRUZ, Heloiza de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. São Paulo: Projeto História, n.35, p.253-270, dez.2007.

²⁷⁴ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In___:PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.11-113.

²⁷⁵ VALDUGA, Gustavo. **Paz, Itália, Jesus: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes : o papel do jornal Correio Riograndense (1930-1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p.71.

comunitários, não conseguia escapar dos problemas políticos que envolviam o mundo da época, invariavelmente entrando em atrito com os setores sociais que sustentavam uma linha de pensamento contrária à sua.²⁷⁶

A imprensa neste período refletia as disputas de poder local, dividida entre partidos políticos e entre grupos influentes, a exemplo Maçons e Católicos. Muitos periódicos como o primeiro *Il Colono Italiano* não resistiram a estes embates, alguns padres eram transferidos em decorrência destas disputas. A Maçonaria, muitas vezes, representava o poder político-administrativo dos à época chamados brasileiros, ligados ao governo republicano estadual.²⁷⁷

Lá Libertá era um jornal semanal de Caxias do Sul, iniciado em 1909, declaradamente católico, cujo dono era o Padre Palotino Carmine Fasulo. Era composto de quatro páginas, publicado às terças feiras.²⁷⁸

Além deste ideal de instruir o imigrante na vida material e espiritual, o jornal tinha espaço para as disputas locais políticas e econômicas. Muitas eram as disputas entre os imigrantes e os “brasileiros”. Entre estes embates estava a desvalorização dos chamados “colonos”, segundo Beatriz Kanaan: “O termo ‘colono’, utilizado para designá-los, significava também a falta de atributos considerados positivos pelos grupos nacionais”²⁷⁹. Vale lembrar que principalmente nos Campos de Cima da Serra o poder político e econômico estava com a elite latifundiária e pecuarista. Ainda segundo a autora, a atividade de comerciante era escolhida por alguns imigrantes por desvincular a imagem de “colono”, propiciando uma vida “moderna e abastada”.

De certa forma algumas atividades em que a circulação de dinheiro e o contato com o mundo urbano eram maiores, geravam aceitação e reconhecimento. Entre estas atividades está a de madeireiro.

²⁷⁶ *Ibidem*, p.70.

²⁷⁷ VALDUGA, Gustavo. *Op.cit*, 2008. p.72.

²⁷⁸ *Ibidem*, p.82.

²⁷⁹ KANAAN, Beatriz Rodrigues. As Italianidades: um estudo dos diferentes modos de representação de pertencimento entre os descendentes de imigrantes italianos na Serra Gaúcha. In__ : Antônio MARTINS, Ismenia de Lima; HECKER, Alexandre. **E/imigrações: histórias, culturas, trajetórias**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010., p.155.

O Padre Fasulo, devido as intensas disputas locais, voltou a Itália, em seu lugar assume o Pe. João Fronchetti, com a ajuda de dois sócios João Carlotto e Adolfo Morreau. Por ser pároco da Colônia de Conde d'Eu o jornal é para lá transferido. Em 1910, *Lá Libertá* passa a se chamar *Il Colono Italiano*²⁸⁰

Com o mesmo intuito do *Lá Libertá*, o jornal abriu espaço para mais propagandas e recados. A coluna *Per lo Stato* tem notícias de todas as regiões com ênfase nas colônias. Muitas são as propagandas de colônias, como a Figura 20²⁸¹, pode-se observar a venda de uma serraria e um moinho em duas colônias, destaca-se a presença de muitos pinheiros.

FIGURA 20: Venda de Moinho e Serraria.

MOLINO, SEGHERIA
e DUE COLONIE
IN VENDITA

Giuseppe Antoniuti vende una SEGHERIA nuova mossa a acqua, ed un eccelente MOLINO pure a acqua, con due colonie situate in S. MARCOS DE CIMA DA SERRA, a due chilometri di distanza dal paese.

Nelle colonie v'è casa di abitazione con tutte le comodità, POTREIRO buonissimo, vignato e molto PINHAL.

Per trattare rivolgersi al proprietario

IN S. MARCOS

Fonte: *Il Colono Italiano*, Garibaldi, 1 de junho de 1912, ano IV, n. 13, p. 3. Acervo: Museu dos Capuchinhos, Caxias do Sul.

²⁸⁰ VALDUGA, Gustavo. *Op.cit*, 2008., p.83-85.

²⁸¹ “Moinho, Serraria e duas colônias a venda. Giuseppe Antoniuti vende uma SERRARIA nova movida a água, e um excelente moinho também a água, com duas colônias situadas em SÃO MARCOS DE CIMA DA SERRA, a dois quilômetros de distância da cidade. As colônias possuem casa de habitação com todas as comodidades, POTREIRO muito bom, vinhedo e muitos pinhais. Para tratar contatar o proprietário. EM SÃO MARCOS”. Tradução livre da autora.

Percebe-se que nesta época já existiam pequenas serrarias dentro das colônias, sendo que os pinheirais eram um atrativo para a compra, pois proporcionavam uma lucratividade crescente. Da mesma forma os moinhos que estavam associados ao complexo das serrarias.

No período da Primeira Guerra Mundial, as críticas à tendência Pro Áustria de Franchetti ocasionam sua saída da Direção do Jornal *Il Colono Italiano*. Em julho de 1917, com o nome de *Staffetta Riograndense*, com os Capuchinhos como sócios, a crise torna o jornal mais local, com ênfase na religiosidade e na vida cotidiana²⁸².

Os jornais, o rádio e o falar o idioma contribuíram sobremaneira para formular um sentido de pertencimento. Percebemos no Jornal uma diferenciação entre os “sistemas” em disputa cotidiana e de escolha de políticas públicas, as quais decidem afirmar uma identidade europeia em detrimento do “sistema” local.

O sentimento de incerteza ocasionado pela mudança de ambiente traz a necessidade de fixar-se de alguma maneira e sobretudo o pertencer a um grupo.²⁸³ Os jornais, a religião, o espaço formado nas serrarias e o comércio nas cidades configuram-se como territórios. A identificação socioespacial e sociocultural tem fatores que propiciam e/ou afastam o sentimento de pertencimento e significação social. Neste sentido buscam fortalecer laços de coletividade, opondo-se a grupos nacionais já consolidados socioespacialmente.

O migrante é, assim, um ser social por ter origem familiar, por ocupar um lugar social e se encontrar inserido e rodeado por íntimas relações sociais, em especial quando se analisam as redes sociais das quais faz parte. E é por este motivo que ele tem plenas condições de apresentar uma história que vai interpretando o mundo em que está inserido, criando condições e sentido para entender o lugar que ocupa. São estes alguns dos motivos pelos quais o próprio fenômeno da migração, há tempos entendido como sendo apenas resultante de uma ação que tem origem na estrutura macro-econômica, necessita ser pensado

²⁸² VALDUGA, Gustavo. *Op.cit*, 2008. p. 117.

²⁸³ BRUMES, Karla Rosário; DA SILVA, Marcia. **Migração Sob Diversos Contextos**. Bol. geogr., Maringá, v. 29, n. 1, 2011, p.131.

levando-se em consideração sim, as condições sociais as quais o sujeito migrante apresenta.²⁸⁴

A migração pode ser considerada um fenômeno social e cultural de construção de identidades, na mistura entre as vontades individuais e um contexto propício a isto. A busca por pertencimento a um lugar está muitas vezes ligada à possibilidade de acesso a modernidade.²⁸⁵ A mobilidade social está ligada à passagem da sociedade rural para a urbana, no Brasil das décadas de 1950 a 1960, parte da modificação da estrutura fundiária e social desta expansão econômica.²⁸⁶

4.3 “O TAPÊTE LOURO DO TRIGO MURMURAVA PRECES E CANTAVA HINOS”

*À medida que tombava o negror da selva, o
milharal fanfalhava ao sôpro da bênção
divina.
O tapête louro do trigo murmurava preces e
cantava hinos de gratidão o vinhedo
perfumava as encostas.²⁸⁷*

A paisagem dicotômica de Campos e Floresta com Araucárias é intensamente modificada a partir do final do século XIX. Na década de 1970 percebe-se uma mudança no símbolo do desenvolvimento econômico dos Campos de Cima da Serra; saem de cena Araucárias e a indústria madeireira, entram as grandes plantações de trigo, milho e posteriormente soja. O desenvolvimento técnico, a demanda impulsionada pela urbanização, tornou as reservas florestais cada vez mais escassas na região. Nilta conta que a serraria em que residia era pequena, mas o crescimento foi tamanho que a família expandiu a madeireira para três serrarias e mais tarde rumou para Mato Grosso, o que evidencia a migração atrás da floresta e de seus recursos rapidamente esgotáveis.

²⁸⁴ *Ibidem.* p. 130.

²⁸⁵ *Idem.*

²⁸⁶ BRUMES, Karla Rosário; DA SILVA, Marcia. *Op. Cit.* p.130.

²⁸⁷ BARBOSA, Fidelis Dalcin. *Op. Cit.* p. 66.

Compravam pinheiro (Araucária) a troco de nada bem baratinho né, então quando eles iam cortar os pinheiros abriam uma estrada com um trator, faziam churrasco e eles ficaram ricos, ricos mesmo. Porque eles tinham sócios, daí eles colocaram mais três serrarias, foram para Bom Jesus, depois Mato Grosso e montaram a fábrica. Imaginar o que tinha aqui, foi quando nós viemos para cá, que ele puxava madeira daqui(...).²⁸⁸

Somente os pinheirais foram comprados, mas na prática acontecia que quem mandava nas terras eram os donos de madeireiras.

Nos anos de 1960 e de 1970, a concentração da atividade industrial urbana e o estímulo à modernização da agricultura foram fenômenos que caminharam juntos, produzindo fluxos migratórios de grande magnitude, direcionados para os espaços urbanos. Também neste período a mobilidade espacial de longas distâncias, como do Planalto Central com a construção de Brasília (1960) e a Fronteira Amazônica, foram incentivadas oficialmente pelo Estado.²⁸⁹

Apesar da lucratividade da indústria madeireira muitos personagens alertam para a finitude das Araucárias. Grande parte destas discussões são baseadas na sustentabilidade da própria indústria. As madeireiras avançavam sobre esta fronteira florestal, o intenso desmatamento era visível, tanto que a preocupação com o reflorestamento já era discutida nas câmaras das “colônias”. Em Antônio Prado essa discussão chegou ao Conselho Municipal:

O dr. Adolpho Schneider, a seguir, propõe a criação de uma lei especial que impeça a devastação das mattas nos municípios. O dr. Renato Costa, como sucedaneo propõe que as municipalidades prometam um premio em

²⁸⁸ BRUMES, Karla Rosário; DA SILVA, Marcia 2011. *Op Cit.* p. 128.

²⁸⁹ BRUMES, Karla Rosário; DA SILVA, Marcia 2011. *Op Cit.* p. 128.

dinheiro aos colonos que plantarem essenciais florestaes. O sr. Manoel Guerreiro lembra que é mais conveniente que se solicite ao Governo do Estado medidas que fomentem a reflorestação, o que é por todos aceito.²⁹⁰

As políticas públicas consideram a floresta uma riqueza que deveria trazer benefícios econômicos; os madeireiros justificavam a importância da profissão para as cidades por trazerem com ela o pretendido progresso através das estradas e da agricultura. Nesta carta dos madeireiros, datada de 1940, percebe-se a representação romantizada em relação a imigração e a indústria madeireira com uma narrativa de heroísmo diante das adversidades.

São, num certo sentido, os bandeirantes dos novos tempos; vencem a floresta, penetram nas matas, abrem clareiras, traçam e constroem estradas pioneiras, colonizam o solo e fazem surgir de dentro do primitivismo da selva, o pendão da civilização e do progresso (...). A medida que os pinhais vão se extinguindo a agricultura vai surgindo. (...) Extinto o pinhal fica uma zona povoada, áreas cultivadas, estradas abertas. Têm-se a impressão que a morte do pinheiro é uma semente de vida. Para os homens ele representa a atração na investida contra os matos, como as esmeraldas atraíram Fernão Dias Paes Leme (...). Beneficiam, grandemente, os municípios em que operam criando núcleos de povoação (...)²⁹¹

Percebemos que a semente de vida que viria não era a da Floresta de Araucária, mas da agricultura. Com o esgotamento do volume madeirável na região as indústrias começaram a investir no beneficiamento, como fábricas de móveis, e em novas áreas de exploração. Nilson Thomé, na obra *O Ciclo da Madeira*, relata que a medida que os pinheiros mais antigos já eram rarefeitos, investiam até

²⁹⁰ Relatório apresentado ao conselho municipal de Antonio Prado pelo Intendente Caetano Reginato em 12 de outubro de 1925 em 1926 oficinas gráficas d' A FEDERAÇÃO P. 38

²⁹¹ Só para lembrar: algumas da década de 40. **Jornal Correio Vacariense**. 02 de janeiro de 2000, p.02.

nos pinheiros mais novos, com a alta demanda e a pouca oferta o preço aumentou muito.²⁹² A exploração da mata foi intensa, segundo Minella: “Tinha bastante mato. Infelizmente a gente foi derrubando, derrubou o pinheiro, daí as árvores não tinham mais valor, então derrubava, queimava e plantavam milho²⁹³”. Há cerca de 30 anos os pinheiros começaram a acabar e muitos seguiram em frente em busca de novos pinhais. Outros, como Minella, investiram na pecuária e na agricultura. O desmatamento intenso tem um maior controle governamental a partir da década de 1970 e 1980, com o avanço das preocupações ambientais. O que também é confirmado pelo entrevistado Michelin.

(..) depois, nos anos 83, por aí, veio mais rigor na fiscalização. A partir dos anos 73/74 que veio uma fiscalização mais forte dos pinheiros para não terminar, mas como você vê hoje ainda tem bastante pinheiro e a gente ainda continua com algumas licenças serrando. E naquela época também serrava muito guabiuva, guajuvira, cedro e angico; eram as madeiras que mais tinham de lei (...). Hoje não se permite mais serragem, tanto que a gente vê que tem muito mato e lugar que não é mecanizado. E também aonde tem esse mato tem muitas vertentes de água, que são muito conservadas. (...) aonde tem só lavoura não tem vertente de água, isso você pode acompanhar em qualquer lugar (...). Esse foi um problema que ninguém pensou há vinte, trinta anos atrás; e ainda hoje tem gente desmatando perto das nascentes e não tá conservando.²⁹⁴

Os códigos Florestais de 1934 e 1965, apesar das inovações na construção de Unidades de Conservação, não coibiram a devastação das regiões com Araucária majoritariamente até a década de 1970.²⁹⁵ Apesar da legislação vigente, das inúmeras campanhas e do conhecimento científico e comum sobre a importância da Floresta de Araucárias e seu

²⁹² CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. 2006. *Op. Cit.*p. 166.

²⁹³ *Idem.*

²⁹⁴ MICHELON, Romualdo. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

²⁹⁵ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. 2006. *Op. Cit.* p.30.

processo peculiar de desenvolvimento, as madeiras continuaram a exploração intensa legal e ilegalmente. Segundo Gasperim, a exploração de araucárias parou em 1991 no Rio Grande do Sul, todavia continuou em outras regiões:

Exploramos madeira até o ano de 1991 no Rio Grande do Sul, nos outros lugares ainda se explorou mais um pouquinho. Depois, logo logo se esgotaram as reservas. Em 1991 no RS foi o ano em que paramos duas madeiras por exigência da legislação do Ibama, a proibição de derrubadas de matas nativas, então se encerrou a atividade de exploração do pinheiro araucária.²⁹⁶

O relacionamento dos madeiros e da opinião pública com os órgãos de fiscalização estava sempre na linha tênue entre a discussão da necessidade de fiscalização e a mudança das práticas de exploração. Estas mudanças representam não somente uma reestruturação para manter os ganhos econômicos, mas modificar as estruturas que mantêm o status desse grupo na região. O modo de garantir o poder econômico deveria mudar para manter o poder político e social. Assim em 1967, já no início do declínio de sua exploração, a araucária começa a ser substituída por outras espécies nas ações do governo, com preferência por espécies exóticas como o *Pinus Elliottii*. O INP passa a ser o IBDF – Instituto Nacional de Desenvolvimento Florestal. Não foi apenas uma mudança de nome, mas uma mudança nas políticas públicas relacionadas a este setor.²⁹⁷ As madeiras continuaram mas principalmente com *Pinus Elliottii*²⁹⁸:

Em 1969, por exigência do Ibama, se passou a reflorestar. Então madeiro era obrigado a adquirir terras e passar a reflorestar uma quantidade X de plantas novas por árvore abatida. Antes essa tarefa era feita pelo Ibama, o madeiro pagava uma taxa e o Ibama então fazia

²⁹⁶ GASPERIN, *Op. Cit.*, 2014.

²⁹⁷ *Ibidem.* p.155.

²⁹⁸ Para saber mais: MORETTO, Samira Peruchi. **Remontando a Floresta: A implementação do Pinus e as práticas de reflorestamento na região de Lages (1960- 1990)**. Florianópolis 2010. Ed. UFSC.

ele essa tarefa. O Ibama fez muito pouco reflorestamento e fez um bom dinheiro, mas terminou gastando em salário de funcionários aquisição de veículos, combustível e manutenção... Os poucos reflorestamentos do Ibama ficaram localizados em Passo Fundo, São Francisco de Paula e Canela, áreas assim pequenas de 100 hectares onde ele tentou reflorestar em nome dos madeireiros.²⁹⁹

Segundo Gasperin este reflorestamento era realizado sempre com *Pinus Elliottii*, pensando em atender as exigências e também como investimento futuro: “Nós, por exemplo, reflorestamos três vezes mais do que a necessidade do Ibama, (...) só ficaram os melhores exemplares hoje, temos florestas já com 40 anos de idade.”³⁰⁰ O agronegócio impossibilitou a regeneração da floresta já fragmentada pelas madeiras e o processo intenso de ocupação.

É perceptível a transformação ocasionada pelo desmatamento, mas é difícil quantificá-lo já que não podemos medir ao certo qual a área original da Floresta de Araucária. Segundo estudos realizados pela organização SOS Mata Atlântica, os municípios que compõe os Campos de Cima da Serra entre 2012 e 2013 tem como remanescentes florestais:

²⁹⁹ GASPERIN, *Op. Cit.*, 2014.

³⁰⁰ *Idem.*

TABELA 2: Dados do Atlas dos Remanescentes Florestais dos Municípios da Mata Atlântica – Campos de Cima da Serra (em hectares)

Município	Área Município	Área Lei	% Lei	Decreto 2012-2013	Mata	Campos naturais	Vegetação Natural	% Vegetação Natural
Vacaria	212.460	212.460	100%	3	14.469	2 5.969	0.438	19%
Bom Jesus	262.469	262.469	100%		33.570	118.319	51.889	58%
São José dos Ausentes	117.396	117.396	100%		15.605	5 6.019	7 1.624	61%
Monte Alegre dos Campos	54.974	54.974	100%		7.187	4 .155	11.342	21%
Campestre da Serra	53.800	53.800	100%		7.152	6 .603	1 3.755	26%
Ipê	59.925	59.925	100%		5.493	2 .669	8 .162	14%
André da Rocha	32.433	32.433	100%	1	2.148	1 .392	3 .540	11%
Muitos Capões	119.794	119.794	100%	8	3.260	1 0.127	1 3.387	11%
Esmeralda	82.977	82.977	100%		4.650	2 2.258	2 6.908	32%

Pinhal da Serra	43.800	43.800	100%		3.567	4.647	8.214	19%
-----------------	--------	--------	------	--	-------	-------	-------	-----

FONTE: FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS –INPE.

Disponível em: <http://www.sosma.org.br/projeto/atlas-da-mata-atlantica/dados-mais-recentes/atlas-dos-municipios/>; https://www.dropbox.com/sh/586xr2nom7kts9u/AACoqS4YdSndq rW2PUrjFF6Ma/Atlas_municipios2014_anobase2013_PDF.pdf?dl=0. Acessado em: janeiro de 2015.

Os estudos compreendem cerca de 87% de toda a Mata Atlântica, levando em consideração apenas a Floresta. No período citado, 2012-2013, a taxa de desmatamento foi a maior desde 2008, com 34.313 ha. No Rio Grande do Sul especificamente o desmatamento aumentou 43% comparando os períodos de 2011-2012 e 2012-2013. Segundo a Fundação, nos últimos 28 anos a Mata Atlântica perdeu 1.850.896 ha (18.509 km²), isto claramente impulsionado pelo agronegócio e a pecuária. Levando em consideração que a Mata Atlântica possuía 1,3 milhões de km² originalmente, restam cerca de 12,5% (com remanescentes acima de 3 ha). É possível quantificar a perda total, contudo é praticamente imensurável a perda causada anteriormente, principalmente pela indústria madeireira.³⁰¹ Não podemos negligenciar o “efeito formiga”, ou seja, o desmatamento da utilização cotidiana da madeira, por exemplo para construções e lenha.

As estatísticas oficiais e os impostos arrecadados possibilitam um vislumbre da dimensão desta indústria, mas não são capazes de, por si só, demonstrar a intensidade da modificação causada. As fotografias e as memórias dos personagens deste processo evidenciam a alteração da paisagem e a construção e desconstrução de territórios. Paisagem e território entendidos não como justaposições do material e cultural, mas redes intrincadas com ramificações no cotidiano, nos sentimentos e nas representações. A análise destas questões é possível quando incluímos o ambiente como personagem, e não meramente

³⁰¹ SOSMA; ARCPLAN; INPE. **Atlas dos remanescentes florestais da mata atlântica período 2012-2013**. São Paulo, 2014. Disponível em: http://www.sosma.org.br/wp-content/uploads/2014/05/atlas_2012-2013_relatorio_tecnico_20141.pdf. Acessado em: janeiro de 2015.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tarde, já no município de Vacaria, o menino teve oportunidade de conhecer o campo. O Campo do qual tanto falava o pai. Acabara-se a mata. Não há mais roças. Só grama onde o gado pasta. De longe em longe, um capão, uma restinga, uma casa de fazendeiros, de posseiros, ranchos agregados, Coxilhas e coxilhões, várzeas e chapadões.³⁰²

Este relato foi escrito em 1961, é rememoração de um personagem chamado Narciso sobre sua infância como tropeiro e migrante. Estas memórias são reescritas como epopeias pelo autor, que nesta década buscava justificar e reafirmar um território para o grupo de migrantes eurodescendentes. A dicotomia em que Narciso encontra-se não é apenas da paisagem entre campo e floresta, mas das estruturas e nuances sociais e culturais. O conflito entre grandes proprietários *versus* pequenos proprietários *versus* lavradores nacionais se estabelece perpassando as características fitofisionômicas, as políticas públicas e a reterritorialização destes diferentes grupos.

Neste estudo buscou-se compreender os Campos de Cima da Serra levando em consideração seus aspectos físicos, independentemente dos grupos humanos e processos de ocupação e representação que o influenciaram e formataram enquanto paisagem. Esta pesquisa empreendeu esforço para levantar fontes sobre a região, fontes de difícil acesso e pouco utilizadas. A perspectiva da História Ambiental costurou as narrativas das memórias e das fotografias, evidenciando as modificações da paisagem com a indústria madeireira. Este viés é cada vez mais necessário, à medida que sentimos as consequências desta exploração desenfreada.

³⁰² BARBOSA, Fidélis Dalcin. **Semblantes de Pioneiros: Vultos e Fatos da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: São Miguel, 1961.p.67.

Assim nos perguntamos: até que ponto a natureza influencia na formação de um indivíduo ou de um grupo? Pode-se supor em nada, ou que dependendo das intempéries ambientais enfrentadas, os extremos influenciariam mais. Esta questão se faz presente em muitos momentos históricos marcantes, está intimamente ligada com outra pergunta: o quanto podemos controlar da natureza? Desde quando se consegue controlar o fogo, da revolução agrícola à revolução verde e as modificações genéticas, dos primeiros diques à prevenção do desaparecimento de países ameaçados de submersão, temos a ilusão de que estamos no comando.

Os recentes desastres ambientais trouxeram para nosso cotidiano as preocupações com a acelerada degradação ambiental, do mesmo modo que as questões referentes às desigualdades sociais nunca deixaram de ser motivo de preocupação. Para superar estas questões diferentes âmbitos da sociedade discutem qual tipo desenvolvimento precisamos. O desenvolvimento fundamentado na intensa exploração dos recursos naturais não mostrou trazer consigo necessariamente o fim das desigualdades sociais. É preciso então que pensemos uma nova forma de desenvolvimento, alicerçado na justiça social e no ambiente.

O primeiro passo é perceber a que natureza estamos nos referindo. A ideia de natureza não pode ser essencializada, pois corre-se o perigo de não problematizar ou tratar anacronicamente um ambiente. Com isto, busca-se investigar e dissertar sobre uma região, entendendo-a como uma paisagem formada por diferentes materialidades e sensibilidades. O ambiente não é apenas um pano de fundo ou palco das vidas humanas; é também parte do processo histórico, se configura em território, espaço e paisagem. A História Ambiental proporciona as ferramentas e as possibilidades de análise capazes de inferir tais questões aos objetos pesquisados.

As entrevistas possibilitaram uma análise da modificação da paisagem, pois mostram como a memória identificou tais transformações. A partir das memórias dos entrevistados e entrevistadas, vê-se como ocorreu a banalização e naturalização de alguns elementos antes não presentes, ou não mais existentes na região.

A expansão da indústria madeireira é umas das consequências desta “enxamegem”, sendo um dos principais incentivos à ocupação o volume madeirável. Somente com as estradas e os trilhos a indústria da madeira cresce, e o que antes virava fogo agora é a certeza do lucro e do ideal de progresso econômico. A escassez da madeira nas colônias velhas, bem como o declínio econômico do padrão de vida das famílias, trazem uma perspectiva da ocupação de novos espaços. Os Campos de

Cima da Serra são um dos primeiros pontos desta rede migratória. A região possuía vilas e territórios reconhecidamente indígenas – é importante pensar como foi este encontro, na maioria das vezes caracterizado pela violência. Da mesma forma, uma estabelecida estrutura de grandes proprietários e lavradores nacionais. Encontro que envolve a reafirmação perante o outro e do qual nunca se sai sem renegociações.³⁰³ Com o avanço das correntes migratórias estes espaços começaram a se transformar; a adaptação aos novos ambientes transforma as organizações sociais, gera conflitos e disputas. As transformações da paisagem estão relacionadas com as transformações ambientais, a formação de territórios, e isto inclui a cultura e as memórias.

As memórias dos madeireiros Minela, Zamban, Michelin e Gasperin, cada um em sua particularidade, nos fazem refletir sobre o processo migratório pelo ponto de vista de um grupo que se articulou e uniu em torno de símbolos. Tais símbolos, materiais ou imateriais, fortaleciam o sentimento de pertencimento e a territorialização nos Campos de Cima da Serra. Nestas relações de alteridade e nos contextos históricos específicos, como a II Guerra Mundial, os conflitos refletiam não somente a defesa dos símbolos “da origem”, mas a defesa de sua posição econômica e social.

O relato de Nilta Tomazim nos possibilita um ponto de vista necessário, contudo negligenciado nas histórias escritas sobre as madeiras e os Campos de Cima da Serra. A memória sobre o trabalho e as moradias das serrarias é influenciada pelas relações hierárquicas destas indústrias, da mesma forma que pelas representações da “origem” dos envolvidos. O tratamento diferenciado entre os trabalhadores e as modificações na interação com o ambiente estão inseridas na busca pela manutenção ou melhora das condições de vida, ou seja, na formação de territórios e paisagens.

Serão necessárias mais pesquisas para destrinchar as diferentes empresas que atuaram com o objetivo de colonizar a região de Campos de Cima da Serra. O que percebe-se nas entrevistas, relatórios de governo e periódicos é que a indústria madeireira foi a motivação principal da divisão e venda de pinheirais para migração. A entrada da região sul do Brasil no comércio internacional no contexto de investimentos estrangeiros, coas linhas férreas por exemplo; e da

³⁰³ NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2009, p.30.

demanda internacional por matérias primas que suprissem o crescimento das cidades, impulsionou o desmatamento desenfreado.

É importante lembrar que: “A evolução florestal é um processo dinâmico, o qual envolve tempo-espaço e ocorre numa velocidade imperceptível aos nossos sentidos, que se estende por várias gerações humanas.”³⁰⁴ Sendo assim a Floresta com Araúcaria, como percebemos no Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica, do SOS Mata Atlântica, e os Campos de Altitude estão fragmentados e com perda de biodiversidade significativas. Este ponto de vista sobre a migração e a indústria madeireira permite compreender e pensar nos Campos de Altitude e na Floresta com Araucária como personagens dos Campos de Cima da Serra, da mesma forma que fazendeiros, lavradores nacionais, indígenas e migrantes.

³⁰⁴ NODARI, Eunice Sueli. Um Olhar Sobre O Oeste De Santa Catarina Sob O Vies Da História Ambiental. **História: Debates e Tendências**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, IFCH, PPGH. Vol.9, n.1, 2010, p. 145.

6. Bibliografia

Bibliografia Geral

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (orgs). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALVES, Teresa. Paisagem—Em busca do lugar perdido. Finisterra. **XXXVI**, v. 72, p. 67-74, 2001, p.1.

AQUINO, Maria Aparecida de, **Censura, imprensa, estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: o Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. 269p ISBN 8586259942.

BELLANI, Eli Maria. **Madeiras, Balsas e Balseiros no Rio Uruguai - 1917 - 1950**. Florianópolis: UFSC, 1991. Dissertação de Mestrado.

BERNARDES, Nilo. **Bases Geográficas do Rio Grande do Sul**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.

BONATTI, Mario. **Aculturacao linguistica; numa colonia de imigrantes italianos de S. Catarina, Brasil (1875-1974)**. São Paulo (SP): Faculdade Salesiana, 1974.

BRUMES, Karla Rosário; DA SILVA, Marcia. MIGRAÇÃO SOB DIVERSOS CONTEXTOS. Bol. geogr., Maringá, v. 29, n. 1, 2011. SOUZA, Schirlei Aparecida Braz de. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Centro de Filosofia e Ciências Humanas. **A etnia, a língua oficial e a escola**. Florianópolis, 2001. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.

BUBLITZ, Juliana. **Desmatamento Civilizador: A História Ambiental da Colonização Européia no Rio Grande do Sul (1824-1924)**. III Encontro da ANPPAS, 23 a 26 de maio de 2006. Brasília – DF.

CAMPANILLI, Maura; PROCHNOW, Miriam (orgs). **Mata Atlântica – uma rede pela floresta**. Brasília: RMA, 2006.

CAMPORA, Marcia d'; RUIZ, Ernesto Anibal. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Centro de Filosofia e Ciências Humanas. **A construção da imagem do inimigo: o papel dos jornais durante a segunda guerra mundial em Florianópolis (1939/1945)**. 1992. 168f Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas

CAMPOS, Cynthia Machado; BRESCIANI, Maria Stella Martins. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil** /. 1998.. 347f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

CARVALHO, Ely Berço de; NODARI, Eunice Sueli. **A história ambiental diante da “crise ambiental” contemporânea: algumas observações preliminares**. In___: VI Encontro Estadual de História - "Ser Historiador Hoje". Passo Fundo. Anais do VI Encontro Estadual de História - ANPUHS, 2002. p. 1-8.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A Invenção Ecológica - Narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto alegre: Ed. Da Universidade/ UFRGS, 2001.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Programa de Pós-Graduação em História. **O desmatamento de florestas de araucária e o Médio Vale do Iguaçu: uma história de riqueza madeireira e colonizações**. Florianópolis, 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Martins, 2007.

CESCO, Susana. **Desmatamento e migração no Alto Vale do Rio do Peixe: discussões sobre “progresso” e transformação ambiental**. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina, fev. 2005.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CORRÊA, Dora Shellard. **PAISAGENS SOBREPOSTAS: índios, posseiros e fazendeiros nas matas de Itapeva (1723-1930)**. EDUEL, 2013.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza; BUBLITZ, Juliana. **Terra de Promissão: uma introdução à eco história da colonização do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2006.

COUTINHO, Leopoldo Magno. O conceito de bioma. *Acta bot. bras.* 20(1): 13-23. 2006. Disponível em: [http /www.scielo.br/pdf/abb/v20n1/02.pdf](http://www.scielo.br/pdf/abb/v20n1/02.pdf)

CROSBY, Alfred W. **Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa: 900-1900**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CRUZ, Heloiza de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. São Paulo: Projeto Historia, n.35, p.253-270, dez.2007.

CRUZ, Heloiza de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. São Paulo: Projeto Historia, n.35, p.253-270, dez.2007.20

DA SILVA LAROQUE, Luís Fernando; CALEFFI, Paula; SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Fronteiras geográficas, étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no sul do Brasil (1889-1930)**. 2006.

DE BONI, Luis A; COSTA, Rovilio. **Far la Merica : a presença italiana no Rio Grande do Sul = Making it in America : the italian presence in Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: RIOCELL, 1991. (O continente de São Pedro; v.3)

DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1979.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assfrio & Alvim, s/d. [ed. original: 1972]

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito da Natureza Intocada**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

DOS SANTOS, Mauro Augusto et al. **Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias**. Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

DUARTE, Regina horta. **Historia e Natureza**. Belo Horizonte: Autentica 2005.

DUARTE, Regina Horta. Olhares Estrangeiros. Viajantes no vale do rio Mucuri. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 44, p. 267-288, 2002.

EREIRA, Vera Regina Bacha. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Educação. **Nacionalização - autoritarismo e educação : inspetores e professores nas escolas catarinenses - 1930-1940**. Florianópolis, 2004. 279 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

FERRERA, Jorge & Delgado. Lúcia de Almeida Neves. (org). **O Brasil republicano o tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Record Ltda, 2007.

FORTKAMP, Cristiane. **Estrada da mata: relações sociais e a criação de gado no planalto catarinense (séculos XVIII ao XX)**. Anais do IV Congresso Internacional de História. Maringá, Paraná: 2009.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 1983. 525p.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELLI, Gilson. **Patrimônio Cultural e Ambiental: questões legais e conceituais**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

FUNES, Eurípedes. História Ambiental-possibilidades de novos olhares. In__: NODARI, Eunice Sueli; CORREA, Silvio Marcus de Souza orgs. **Migrações e Natureza**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

GERHARDT, Marcos. História Ambiental (1930-85). In__: GERTZ, René & Golin, Nelson. (org). **República da revolução de 1930 à ditadura militar de (1930-1985)**. Passo Fundo: Ed. Méritos, 2007.

GERTZ, René & Golin, Nelson. (org). **República da revolução de 1930 à ditadura militar de (1930-1985)**. Passo Fundo: Ed. Méritos, 2007.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. Desterritorialização Na Obra Deleuze E Guattari. **Revistas do Programa de Pós-Graduação em Geografia** da UFF, GEOgraphia, 2002, vol.4, nº 7, p.1.

HECKER, Alexandre. **E/imigrações: histórias, culturas, trajetórias**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWM, Eric, **Sobre História**. Ed. Companhia das letras. São Paulo: 1998. In: __GRINBERG, Keila, SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial III:1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

KANAAN, Beatriz Rodrigues. As Italianidades: um estudo dos diferentes modos de representação de pertencimento entre os descendentes de imigrantes italianos na Serra Gaúcha. In__: Antônio MARTINS, Ismenia de Lima.

KLANOVICZ, Jó & NODARI, Eunice Sueli. **Das Araucárias às Macieiras: transformações da paisagem em Fraiburgo/SC**. Florianópolis: Insular, 2005.

KLEIN, R. M. Aspectos dinâmicos da vegetação do Sul do Brasil. **Sellowia; Anais Botânicos do Herbário “Barbosa Rodrigues”**, Itajaí, (36): 5-54, 1984.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. Ateliê Editorial, 2001.

LEITE, Pedro F.; KLEIN, Roberto M. “Vegetação”. In__: **Geografia do Brasil – Região Sul**. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

LEOPOLDI, P. Antonielia Maria. A economia política no primeiro governo Vargas (1930-1945): A política econômica em tempos de turbulência. In__: FERRERA, Jorge & Delgado. Lúcia de Almeida Neves. (org). **O Brasil republicano o tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Record Ltda, 2007.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In__: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCHIARI, Maria Tereza Paes; BRUHNS, Heloisa Turini; SERRANO, Célia. **Patrimônio, natureza e cultura**. São Paulo: Papirus, 2007.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano. In__: Brancher, Ana; AREND, Silvia Maria Fávero (orgs.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

MANFROI, Olivio. **A Colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: GRAFOSUL: Instituto Estadual do Livro, 1975. 218p. (Biênio da colonização e imigração; v.7)

MARANHÃO, Ricardo. **Brasil História: texto e consulta. A era Vargas**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. **Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social pela classe dominante na cidade do Rio de Janeiro, 1900-1959**. 1990.

MICHAELIS: **dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008. Xxxix.

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. São Paulo: Estudos Avançados, 2009.

PEREIRA, Elenita Malta. Memória e Esquecimento em Henrique Luiz Roessler. **Congresso Internacional de História**. Maringá-Paraná, 2009.

PEREIRA, Elenita Malta. Os panfletos da campanha educativa da “União Protetora da Natureza” (1955-1963). **MÉTIS: história & cultura** – v. 7, n. 14, p. 117-128, jul./dez. 2008.

PEREIRA, Elenita Malta. Deus, Pátria e Educação: Roessler, Um Defensor Da Natureza. Anais do **Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações**. Florianópolis, 2010.

PILLAR, Valério de Patta. Dinâmica da expansão florestal em mosaicos de floresta e campos no sul do Brasil. In__: Claudino-Sales, V. (Org.) **Ecossistemas Brasileiros: Manejo e Conservação**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2003.

PIOVEZANA, Leonel. Território Kaingang na mesorregião grande fronteira do MERCOSUL: territorialidades em confronto. **História Unisinos** 15.2 (2011): 328-338.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade** in__: Revista Projeto História nº 14, fev.1997, EDUC. São Paulo.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente, igualdade** in **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC, nº 14, fev.1997.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. 2009 p.13-49.

POSSAMAI, Paulo. **Dall'Italia siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)**. Passo Fundo (RS): UPF, 2005. 268p.

RENK, Arlene. **A luta da erva-mate: um ofício étnico da "nação brasileira" no Oeste Catarinense**. Rio de Janeiro: Universidade

Federal do Rio de Janeiro, 1990. Dissertação de Mestrado em Antropologia.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, n. 19, set.89/ fev.90.

SANDEVILLE, Euler. **Paisagem. Paisagem e Ambiente – Ensaio**: São Paulo: FAUUSP, n. 20, p. 47-60, 2005.

SEVCENKO, N. O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura. **Revista da USP**, São Paulo, n.30, p.108-119, jun./ago 1996.

SILVA, Zedar Perfeito da. **Chapecó e Joaçaba: A Visita do Governador Irineu Bornhausen e Sua Comitiva**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemment, 1952

TEDESCO, João Carlos. **Estrangeiros, extracomunitários e transnacionais: paradoxos da alteridade nas migrações internacionais: brasileiros na Itália**. EDIPUCRS, 2010.

TEDESCO, João Carlos; ZARTH, Paulo Afonso. Configuração do território agrário do norte do Rio Grande do Sul: apropriação, colonização, expropriação e modernização. In___: **História: Debates e Tendências** – v. 9, n. 1, jan/jun. 2010.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOMÉ, Nilson. **Ciclo da Madeira: História da devastação da Floresta da Araucária e do desenvolvimento da indústria madeireira em Caçador e na região do contestado no século XX**. Caçador: Universal, 1995.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VALDUGA, Gustavo. **Paz, Itália, Jesus: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930-1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

WERLE, Marcio José. **Aspectos históricos nas relações entre construções socioculturais e meio ambiente**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4., n. 8, 1991. In: www.scielo.com.br

WORSTER, Donald. **Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na História**. **Ambiente e Sociedade**, vol5, n2. In: www.scielo.com.br.

Bibliografia específica

AVÉ- LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo Sul do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.

AVÉ- LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

BARBOSA, Fidelis Dalcin, **Vacaria dos Pinhais**. Caxias do Sul: Ed. UCS, 1978.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. **Semblantes de Pioneiros: Vultos e Fatos da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: São Miguel, 1961. 200 p.

BORGES, Meria Neli Ferreira. **História de Vacaria: evolução urbana e formação de bairros**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

BORGES, Maria Neli Ferreira. **Ítalo-vacarienses: migrações étnicas e culturais**. Est Edições, 2006.

BOLDRINI, Ilse Iob (orgs). **Biodiversidade dos campos do planalto das araucárias**. Brasília: MMA, 2009.

BRANDT, Marlon. **Uma história dos campos do planalto de Santa Catarina**. 2012. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari.

BRINGMANN, Sandor Fernando. **Índios, colonos e fazendeiros: conflitos interculturais e resistência Kaingang nas terras altas do Rio Grande do Sul (1829-1860)**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis.

BRUNO, Lincon. Mapa da Região de Estudo com destaque para os Campos de Cima da Serra. 2013

BUCCELLI, Vittorio. **Un Viaggio ao Rio Grande Del Sud**. Porto Alegre. Ed. L. F. Pallestrini & C. 1906.

CABRAL, H.B. **A vila de Vacaria em 1933**. Passo Fundo: Gráfica Editora Pe. Berthier, 1988.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Programa de Pós-Graduação em História (tese). **Uma grande empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970)**. Florianópolis, SC, 2010.

DREYS, Nicolau. **Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1961.

FILHO, Satyro Dornelles Oliveira. **Sempre administrei sob a luz do sol. (em 9-9-1949)**. Porto Alegre: Gráficas da Livraria Globo S.A., 1950.

KLONOVICZ, Jó. **Natureza Corrigida: Uma História Ambiental Dos Pomares De Macieira No Sul Do Brasil (1960-1990)**. Florianópolis-SC, 2007.

KOCH, Zig; CORRÊA, Maria Celeste. **Araucária: a floresta do Brasil meridional** = Araucária: the meridional Brazil Forest. Curitiba: Olhar brasileiro, 2002.

KRAMER, Anamaria de Lemos et al (Org.). **Raízes de Vacaria I**. Porto Alegre: Est, 1996. 510 p. VII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha.

MATTOS, João Rodrigues de. **O Pinheiro Brasileiro**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

MEDEIROS, João de Deus et. al. **Floresta com Araucárias: um símbolo da Mata Atlântica a ser salvo da extinção**. Rio do Sul: APREMAVI, 2004.

MEDEIROS, João de Deus et. al. **Seleção de áreas para criação de Unidades de Conservação na Floresta Ombrófila Mista**. Biotemas, 18 (2), 2005.

MICHAELIS: **dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008. xxxix, 951p

MORETTO, Samira Peruchi. **Remontando a Floresta: A implementação do Pinus e as práticas de reflorestamento na região de Lages (1960- 1990)**. Florianópolis 2010. Ed. UFSC.

NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina**. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2009.

NODARI, Eunice Sueli. **Projeto de Pesquisa A natureza dominada: ocupação e desmatamento no Rio Grande do Sul e no oeste de Santa Catarina (1875-1970)**. Florianópolis, 2010.

NODARI, Eunice Sueli. Um Olhar Sobre O Oeste De Santa Catarina Sob O Vies Da História Ambiental. **História: Debates e Tendências**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, IFCH, PPGH. Vol.9, n.1, 2010, p. 145.

OLIVEIRA, Jose Fernandes, **Rainha do Planalto**. Ed. São Miguel. 1959.

PILLAR, Valério de Patta. **Campos Sulinos – conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA, 2009.

PROCHNOW, Miriam (orgs). **O Parque Nacional das Araucárias e a Estação Ecológica da Mata Preta: Unidades de Conservação da Mata Atlântica**. Rio do Sul: APREMAVI, 2009.

RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. Série Documentos históricos. Organização: Faculdade de Filosofia e Universidade do Rio Grande do Sul. Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.

WENTZ, Liliane, Irma Mattje. **Os caminhos da madeira: região norte do Rio Grande do Sul (1902-1950)**. Passo Fundo: Ed. UPF, 2004.

ZARTH, Paulo Afonso. **Do Arcaico ao Moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002, GRINBERG, Keila, SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial III:1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009**ZARTH, Paulo Afonso. **História Agrária do Planalto Gaúcho 1850-1920**. Ijuí: Editora

Fontes:

Sites da internet:

Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://www.scp.rs.gov.br/upload/Mapa_muni_1809.pdf. Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul. Disponível em http://www.scp.rs.gov.br/upload/Mapa__1900.pdf. Acessado em: 25 de janeiro de 2015.

Inventário Florestal Contínuo do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/ifcrs/frame.htm>.

Laboratório de estudos em vegetação campestre da Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <http://sites.google.com/site/biomapampars/> <http://mapas.sosma.org.br/>

Inventário Florestal Contínuo do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/ifcrs/frame.htm>. Acesso em: 19 de junho de 2011.

Geomorfologia de São Francisco de Paula. Disponível em: http://www.portalprosinos.com.br/altas/conteudo_saofrancisco.php?id=geociencias_saofrancisco Acessado dia 22 de outubro de 2013.

Fundação de economia e estatística. Disponível em: <http://www2.al.rs.gov.br/forumdemocratico/LinkClick.aspx?fileticket=hymRfT-3Yu4%3D&tabid=5363&mid=7972>.

Convenção sobre Diversidade Biológica. Glossário. Acessado em fevereiro de 2012; Disponível em: <http://www.cdb.gov.br/glossario/glossario.rtf/view>

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS – INPE. Disponível em: http://www.sosma.org.br/projeto/atlas-da-mata-atlantica/dados-mais-recentes/atlas-dos-municipios/https://www.dropbox.com/sh/586xr2nom7kts9u/AACoqS4YdSndqrW2PUrjFF6Ma/Atlas_municipios2014_anobase2013_PDF.pdf?dl=0. Acessado em: janeiro de 2015.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL, 2013, Passo Fundo. DA FLORESTA PARA O CAMPO: TRAJETÓRIAS DE MIGRANTES E A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM. Passo Fundo: Upf, 2013. Disponível em: http://www.upf.br/historiaregional/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=64. Acessado em: 20 jan. 2015.

Entrevistas

GASPERIN, Edir. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

MICHELON, Romualdo. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em novembro de 2014.

MINELLA, Ari Pedro. Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi em 20 de julho de 2011.

TOMAZIM, Nilta Maria de Oliveira. **Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi** em 04 de março de 2013.

ZAMBAN, Máximo Alfonso. **Entrevista concedida a Esther Mayara Zamboni Rossi** em 25 de julho de 2011

Periódicos

Política e Colônia. **Correio Rio Grandense**, 28 de setembro de 1951, ano 42, n.45,.Política e Colônia. Benjamin Busato. Passo Fundo.

Il Colono Italiano, Garibaldi, 1 de junho de 1912, ano IV, n. 13. Acervo: Museu dos Capuchinhos, Caxias do Sul.

Correspondência Vacaria – 1930. Disponível em : **Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**

Correio Rio Grandense. 28 de março de 1956, ano 47, n.12. Museu Hipolyto da Costa- Porto Alegre

Só para lembrar: algumas da década de 40. Jornal Correio Vacariense. 02 de janeiro de 2000

CARVALHO, Manoel Maria. Imigração e Colonização. **A Federação**. Porto Alegre, abril de 1886, p. 1-2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%20188&pesq=Acessado em: junho de 2013>.

Relatórios

Relatório apresentado ao conselho municipal de Antônio Prado em 5 novembro de 1917 lei do orçamento para o exercício de 1918. Museu municipal de Antônio Prado

Relatório apresentado ao conselho municipal pelo Intendente Innocencio de Matto Miller e Orçamento para 1906, Porto Alegre Oficinas typograficas d`A Federação 1905

Relatório apresentado ao conselho municipal de Antonio Prado pelo Intendente Caetano Reginato em 12 de outubro de 1925 em 1926 oficinas gráficas d' A FEDERAÇÃO

Relatórios de Governo do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://www.crl.edu/ptbr/brazil/provincial/rio_grande_do_sul.

Relatório de Governo da Província do Rio Grande do Sul de 1850. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=252263&PagFis=414>. Acessado em: junho de 2013.

Relatório de Governo do Rio Grande do Sul de 1851. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=252263&PagFis=654> Acessado em: junho de 2013. Acessado em: junho de 2013.

Relatório de Governo do Rio Grande do Sul. Mensagem, Getulio Vargas. Rio Grande do Sul, 1930. p. 54. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u813/> Acessado em abril de 2011.

Mensagem, Getulio Vargas. Rio Grande do Sul, 1930. p.52. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u813/> Acessado em abril de 2011

Mensagem Enviada a Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul pelo presidente Antonio Augusto Borges de Medeiros. Porto Alegre, 1905, p. 19. Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_grande_do_sul Acessado em; dezembro de 2011.

Mensagem Enviada a Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul pelo Drº Carlos Barbosa Gonçalves. Porto Alegre, 1910, p.35. Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_grande_do_sul Acessado em; dezembro de 2011.

Mensagem Enviada a Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul pelo presidente Antonio Augusto Borges de Medeiros. Porto Alegre, 1921, p.95. Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_grande_do_sul Acessado em; dezembro de 2011.

Fotografias

Acervo particular família Gasperin.

Acervo particular de Gasperim

Acervo particular de Nilta de Oliveira Tomazin

Acervo particular Família Adames

Acervo particular de Máximo Alfonso Zamban

Acervo particular de Pedro Ari Minella

